

Relatório Final de Análise

*Pesquisa do Setor de Turismo e Hospitalidade da Cidade de Porto
Seguro – BA e Região*

Contrato de Prestação de Serviços - Escola Brasil Profissional Educação Integral/DIEESE

Novembro de 2008

SUMÁRIO

Apresentação	03
1. Diagnóstico socioeconômico da Costa do Descobrimento	04
2. Perfil dos trabalhadores no ramo de Turismo e Hospitalidade na Região de Porto Seguro	22
3. Levantamento das demandas e tendências da qualificação profissional – Porto Seguro - BA: a visão dos atores	53
Referências bibliográficas	66
Anexo	67

APRESENTAÇÃO

O presente Relatório tem como finalidade apresentar a análise dos resultados obtidos no âmbito da Pesquisa “*Turismo e Hospitalidade da Cidade de Porto Seguro e Região - BA*”, conforme o Contrato firmado entre a Escola Brasil Profissional Educação Integral / CUT Brasil e o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE.

O objetivo desse conjunto de estudos é subsidiar ações voltadas para o aprimoramento da formação e qualificação profissional dos trabalhadores em Turismo e Hospitalidade, com o intuito de fortalecer as potencialidades de desenvolvimento desse setor e proporcionar melhores condições de trabalho para as categorias profissionais por ele abrangidas.

Para atingir essa finalidade, foram desenvolvidos os seguintes estudos:

- Diagnóstico setorial do turismo e hospitalidade para caracterização e identificação das principais tendências do setor na região de Porto Seguro;
- Perfil socioeconômico dos trabalhadores do setor, especificamente dos segmentos de “Meios de hospedagem”, “Comércio”, “Alimentos e bebidas (bares e restaurantes)”, e “Lazer e entretenimento” na região de Porto Seguro;
- Entrevistas para identificar as necessidades e demandas relativas à qualificação profissional dos trabalhadores do setor de turismo, de maneira a contribuir para a definição de ações voltadas para o desenvolvimento e aprimoramento da formação e certificação profissional no setor;
- Reuniões e/ou oficinas de trabalho com a entidade contratante com o objetivo de formular as entrevistas e apresentar os resultados dos estudos produzidos.

Dessa forma, o presente relatório está estruturado em três partes: a primeira traz o Diagnóstico do setor de Turismo e Hospitalidade; a parte dois apresenta o perfil dos trabalhadores e a terceira e última parte foi dedicada ao levantamento de demandas e tendências da qualificação profissional a partir da pesquisa realizada com os representantes de trabalhadores, empregadores e entidades públicas de turismo da região pesquisada.

1. Diagnóstico Socioeconômico da Costa do Descobrimento

Nos últimos tempos, estudos internacionais sobre o setor de turismo têm enfatizado que o potencial turístico de localidades e regiões requer a análise de variáveis que não estão diretamente relacionadas ao número de visitantes e ao volume de recursos gastos por eles em suas viagens¹. Os modelos mais atuais de análise do setor levam em conta variáveis como desenvolvimento humano e social, infra-estrutura, meio ambiente e políticas públicas, que são colocadas ao lado da oferta turística, para avaliar o potencial de cada localidade e região.

Segundo esses estudos, o potencial turístico de um destino deve ser avaliado do ponto de vista de sua sustentabilidade, isto é, das reais possibilidades de que o desenvolvimento gerado pela atividade turística tenha continuidade temporal e impactos socioeconômicos positivos sobre as condições de vida da comunidade receptora da demanda turística. Além disso, o desenvolvimento sustentável da atividade turística requer, de acordo com a Organização Mundial do Turismo, o fornecimento de experiência de alta qualidade para o visitante e preservação das condições ambientais e das tradições culturais das comunidades receptoras².

Sendo assim, o potencial turístico de um destino não depende meramente de fatores intrínsecos, dados pelos seus atrativos naturais e edificados. Também está ligado a uma série de variáveis relacionadas, por exemplo, às condições de vida das comunidades, à capacidade de geração de renda e riqueza pela economia local e às condições básicas de infra-estrutura, entre elas, esgotamento sanitário e abastecimento de água. Na realidade, são esses fatores mais amplos que determinam a demanda turística no longo prazo, isto é, o fluxo de pessoas e de receitas decorrentes da atividade turística, num certo destino.

Tendo em vista essas questões, o presente estudo buscou levantar algumas informações básicas sobre as condições da oferta e da demanda turística da Costa do Descobrimento, no litoral sul da Bahia, composta pelos municípios de Porto Seguro, Santa Cruz de Cabrália, Belmonte e Itabela.

¹ Para uma síntese das teorias mais recentes sobre o desenvolvimento do setor de turismo ver Fundação Getúlio Vargas “Estudo de Competitividade dos 65 destinos indutores do desenvolvimento turístico regional. Relatório Brasil”. Brasília, setembro de 2008. Extraído em 03/11/2008 da página do Ministério do Turismo na Internet.

² - Organização Mundial do Turismo. Desenvolvimento Turístico Sustentável: lições para planos locais. Madri, 1993. Apud Fundação Getúlio Vargas “Estudo de Competitividade dos 65 destinos indutores do desenvolvimento turístico regional. Relatório Brasil”, op. cit.

As informações foram coletadas em órgãos públicos responsáveis pelo desenvolvimento do turismo nessa região e em diversas páginas na Internet, entre elas, a do Ministério do Turismo, da Confederação Nacional dos Municípios e da Secretaria Estadual de Turismo da Bahia. Uma fonte de consulta complementar foi o “Guia Quatro Rodas”, que traz informações sobre os equipamentos, serviços e atrativos turísticos.

A busca pelas informações mostrou que esse é um destino turístico que ainda não dispõe de análises e estudos mais sistematizados e, quase sempre, foi necessário pesquisar em várias páginas na Internet para se obter um volume razoável de dados que pudesse subsidiar a análise sobre o potencial turístico de cada destino. Outro problema encontrado foi a desatualização das informações, seja pela real inexistência de dados recentes, ou pela falta de manutenção de bancos de dados já existentes.

Tendo em vista o lado da oferta turística, que inclui os elementos que definem o potencial de atração e manutenção dos fluxos turísticos em cada destino, foram levantadas informações sobre as seguintes dimensões e variáveis:

- Dimensão Socioeconômica

Composição do Produto Interno Bruto – PIB -, Composição da Renda, Renda per Capita, Indicadores de Pobreza e de Desigualdade Social, Índice de Desenvolvimento Humano – IDH - e condições ambientais.

- Dimensão infra-estrutura

Abastecimento de água, esgotamento sanitário, destino do lixo, condições de acesso (rodoviário, aéreo, ferroviário e aquaviário), estabelecimentos de saúde, estabelecimentos financeiros, estabelecimentos e equipamentos turísticos (hotéis, restaurantes, agências de viagem, locadoras de automóveis, órgãos de informação ao turista).

- Dimensão atrativos turísticos

Não foram encontradas informações sobre a demanda turística para a região da Costa do Descobrimento.

1.1 Informações gerais

A Costa do Descobrimento é um dos principais roteiros ecoturísticos do estado da Bahia, de acordo com a Secretaria de Estado do Turismo, e dela fazem parte os municípios de Belmonte, Itabela, Porto Seguro e Santa Cruz de Cabrália. Fazem parte, ainda, do município de Porto Seguro as vilas de Arraial da Ajuda, Caraíva e Trancoso.

Segundo a Secretaria de Estado do Turismo da Bahia, a Costa do Descobrimento é, atualmente, o segundo destino turístico mais procurado no estado em número de visitantes e o primeiro parque hoteleiro, com 35 mil leitos. Seus principais atrativos são o conjunto histórico arquitetônico dos séculos XVI e XVII e a extensa área de proteção ambiental da Mata Atlântica, que foi declarada Sítio do Patrimônio Mundial Natural pela Unesco (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, na sigla em inglês), em 1999.

A Costa do Descobrimento foi eleita zona turística prioritária para investimentos do Governo do Estado, no âmbito do Prodetur – Programa de Desenvolvimento Turístico da Bahia -, criado em 1991. Em 2003, o Governo do Estado, em articulação com a iniciativa privada, lançou a nova estratégia turística do estado para o período 2003-2020, denominada “Século XXI: Consolidação do Turismo”.

Segundo a Secretaria de Estado do Turismo da Bahia, o volume de investimentos públicos, aplicados e previstos para a região no período de 1991/2020, atinge US\$ 325 milhões³. Esse montante corresponde a 10% do total do investimento público no setor de turismo no estado da Bahia.

Ao lado dos investimentos públicos, estão previstos investimentos privados significativos na implantação e expansão da rede hoteleira na Costa do Descobrimento. Estes investimentos privados, em obras concluídas e projetos, para o período de 1991/2020 podem chegar a US\$ 1,6 bilhões, que corresponde a 21% do total de investimentos privados no estado da Bahia na construção de Unidades Hoteleiras (UHs).

³ Secretaria de Estado do Turismo da Bahia – Página na Internet visitada em 11/11/2008

1.2 Condições da oferta turística nos municípios da Costa do Descobrimento

1.2.1 Belmonte

Belmonte está localizada no extremo sul da Bahia, sendo a última cidade do estado pertencente à Costa do Descobrimento. O município faz divisa, ao norte, com Canavieiras e, ao sul, com Porto Seguro.

Segundo o Censo Demográfico do IBGE de 2000, a população do município era de 20.032 habitantes, sendo que 53,9% viviam na área urbana e 46,1% na área rural.

Por muitas décadas, a principal atividade econômica do município foi a agricultura, baseada no extrativismo vegetal (piaçava e coco verde) e na cultura cacauera. Em decorrência da devastação das lavouras, na década de 90, provocada pela praga conhecida como “vassoura de bruxa”, a cultura cacauera perdeu boa parte de sua importância.

Nas últimas décadas, as atividades econômicas vêm se diversificando, com aumento da participação da indústria e dos serviços, e com destaque para o comércio e o turismo.

Dimensão socioeconômica

Os quadros de 1 a 3 mostram os principais indicadores socioeconômicos do município de Belmonte

QUADRO 1 – Renda *per capita e composição da renda
1991-2000**

	1991	2000
Renda <i>per capita</i> (em R\$ correntes)	69,99	114,72
Renda proveniente de transferências governamentais (em %)	9,17%	14,40%
Renda proveniente de rendimentos do trabalho (em %)	86,58%	67,77%
Proporção de pessoas com mais de 50% da renda proveniente de transferências governamentais (em %)	7,97%	13,52%

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano/ PNUD (dado capturado em www.cnm.org.br em 06/11/2008)

Elaboração: DIEESE

* a preços de agosto de 2000

A renda *per capita* do município cresceu 64% entre 1991 e 2000, passando de R\$ 69,99 para R\$ 114,72, com taxa média anual de crescimento de 5%. No mesmo período, diminuiu a percentagem da renda proveniente do trabalho na composição da

renda total do município - de 86,6% para 67,8%. Por outro lado, cresceu a participação percentual da renda proveniente de transferências governamentais (aposentadorias, pensões e programas oficiais de auxílio, como renda mínima, bolsa-escola e seguro-desemprego), passando de 9,17% para 14,40%. Consequentemente, o percentual de pessoas com mais de 50% da renda proveniente de transferências governamentais aumentou de 7,97% para 13,52%.

QUADRO 2 – Desigualdade, pobreza e Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) 1991-2000

	1991	2000
Índice de Gini	0,54	0,60
IDH-M	0,493	0,618
Percentual de indigentes	46,02%	36,36%
Percentual de pobres	80,01%	62,27%
Percentual de crianças pobres	87,93%	73,92%

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano/ PNUD (dado capturado em www.cnm.org.br em 06/11/2008)
Elaboração: DIEESE

Durante o período analisado, o município registrou redução nos níveis de pobreza, o que se traduziu na elevação do IDH Municipal (quadro 2). Este indicador, segundo a metodologia do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) estabelece que quanto mais próximo o IDH for de 1,0, melhor a qualidade de vida da população de uma localidade – país ou município.

Por outro lado, o Índice de Gini⁴ - indicador que mede a desigualdade na distribuição de renda - aumentou no período, o que indica o crescimento da concentração da renda.

⁴ O Índice de Gini é um indicador que varia de zero a um que serve para medir a igualdade ou desigualdade de uma distribuição. Quando igual à zero, significa a situação teórica de igualdade. Quando igual a um, ocorre a situação máxima de desigualdade. Portanto, quando se aproxima de um, significa que uma dada distribuição está se concentrando.

**QUADRO 3 – Composição percentual do Produto Interno Bruto
2002-2005**

	2002	2003	2004	2005
Agropecuária	38,01%	28,52%	28,46%	22,28%
Indústria	9,58%	9,96%	16,32%	22,37%
Impostos	3,32%	4,34%	6,00%	5,56%
Serviços	49,09%	57,45%	49,22%	49,78%

Fonte: IBGE (dado capturado em www.cnm.org.br em 06/11/2008)

Elaboração: DIEESE

O PIB municipal, em Belmonte, passou por algumas alterações no período entre 2002 e 2005 (Quadro 3). A participação do setor de Serviços, em 2005, era praticamente igual a do primeiro ano, representando pouco menos de 50% do PIB municipal. A participação da Agropecuária caiu sensivelmente, passando de 38% para 22%, enquanto a da Indústria cresceu de cerca de 10% para 22%. Aumentou, também, a participação da arrecadação de impostos na composição do PIB, que passou de 3,32% para 5,56%.

Por fim, uma dimensão socioeconômica importante diz respeito às condições do meio ambiente. Segundo a pesquisa “Perfil dos Municípios Brasileiros” realizada pelo IBGE, em 2002, as principais alterações ambientais que afetaram as condições de vida da população de Belmonte foram: aterramento das margens dos rios, desmatamento e erosão de encostas.

Dimensão infra-estrutura

Segundo o IBGE, em 2000, o abastecimento de água dos domicílios em Belmonte tinha a seguinte distribuição:

- 59,3% eram servidos pela rede geral;
- 27,9% eram servidos por poços ou nascentes;
- 12,7% eram servidos por formas não canalizadas.

Em relação ao esgotamento sanitário, os dados de IBGE para os domicílios do município mostravam que:

- Apenas 0,38% eram servidos por rede geral de esgoto;
- Apenas 1,42% eram servidos por fossas sépticas;
- Aproximadamente 65% dos domicílios eram servidos por fossas rudimentares;
- Cerca de 30% dos domicílios não tinham banheiros ou sanitários;

- Cerca de 3% dos domicílios lançava o esgoto nos rios, lagos, mar ou outros escoadouros.

Os dados do IBGE – referentes a 2000 – mostram que cerca de 60% dos domicílios tinham coleta de lixo realizada pela prefeitura. Por outro lado, cerca de 20% das moradias de Belmonte queimava o lixo e 8% o enterrava, trazendo consequências danosas ao meio ambiente.

O acesso a Belmonte pode ocorrer por via rodoviária ou hidroviária. No primeiro caso, há duas possibilidades, a primeira a partir de Porto Seguro e a segunda a partir do município de Itapebi, que fica às margens da BR 101. A primeira alternativa apresenta melhores condições de tráfego, pois se trata de uma rodovia recentemente asfaltada. O acesso por via hidroviária é feito de lancha, que parte do município de Canavieiras. O município possui um terminal rodoviário e um portuário.

A infra-estrutura de serviços urbanos conta com um hospital, dois postos de saúde, uma agência bancária (Banco do Brasil), uma agência dos Correios, um cinema, uma biblioteca municipal e uma emissora de rádio.

A infra-estrutura hoteleira é composta por cinco pousadas. Embora um dos atrativos locais seja justamente a culinária, praticamente não há informações sobre restaurantes. Devido à localização do município, entre o Rio Jequitinhonha e o mar, há grande variedade de peixes e crustáceos.

Não foram encontradas informações sobre a existência de agências de viagem, locadoras de automóveis e órgãos de orientação ao turista.

Dimensão atrativos turísticos

O principal atrativo de Belmonte é o turismo ecológico. Entre Belmonte e Canavieiras, há uma extensa região de manguezais, com rica biodiversidade. O passeio entre os dois municípios é feito por via fluvial, navegando-se pelo Rio Jequitinhonha.

1.2.2 Itabela

Segundo o Censo Demográfico do IBGE (2000), a população total do município era de 25.746 habitantes, dos quais 26,8% viviam da área rural e 73,2% na área urbana.

Dimensão socioeconômica

Os quadros de 4 a 6 mostram os principais indicadores socioeconômicos do município de Itabela.

QUADRO 4 – Renda *per capita e composição da renda
1991-2000**

	1991	2000
Renda <i>per capita</i> (em R\$ correntes)	74,95	101,02
Renda proveniente de transferências governamentais (em %)	9,07%	13,51%
Renda proveniente de rendimentos do trabalho (em %)	84,00%	71,13%
Proporção de pessoas com mais de 50% da renda proveniente de transferências governamentais (em %)	6,94%	11,03%

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano/ PNUD (dado capturado em www.cnm.org.br em 06/11/2008)

Elaboração: DIEESE

* a preços de agosto de 2000

A renda *per capita* do município teve crescimento de 35% entre 1991 e 2000, passando de R\$ 74,95 para R\$ 101,02. A taxa média anual de crescimento da renda *per capita* foi de 3%.

Nesse período, a participação da renda do trabalho na composição da renda total do município diminuiu de 84,00% para 71,13%. Por outro lado, a participação percentual da renda proveniente de transferências governamentais (aposentadorias, pensões e programas oficiais de auxílio, como renda mínima, bolsa-escola e seguro-desemprego) aumentou de 9,07% para 13,51%. O percentual de pessoas com mais de 50% da renda proveniente de transferências governamentais, por sua vez, passou de 6,94% para 11,03%.

**QUADRO 5 – Desigualdade, pobreza e Índice de Desenvolvimento Humano
Municipal (IDH-M)
1991-2000**

	1991	2000
Índice de Gini	0,65	0,57
IDH-M	0,524	0,637
Percentual de indigentes	61,36%	36,58%
Percentual de pobres	80,45%	65,15%
Percentual de crianças pobres	87,41%	76,64%

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano/ PNUD (dado capturado em www.cnm.org.br em 06/11/2008)

Elaboração: DIEESE

Os níveis de pobreza no município diminuíram entre 1991 e 2000, o que teve como resultado a elevação do IDH Municipal. Segundo a metodologia do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD -, quanto mais próximo de 1,0 for o IDH, melhor a qualidade de vida da população de uma localidade – país ou município.

Por outro lado, o Índice de Gini, que mede a desigualdade na distribuição de renda, diminuiu no período, ou seja, houve uma melhora no indicador.

**QUADRO 6 – Composição percentual do Produto Interno Bruto
2002-2005**

	2002	2003	2004	2005
Agropecuária	37,42%	33,03%	31,69%	22,73%
Indústria	6,59%	6,32%	9,20%	11,84%
Impostos	5,04%	7,88%	5,71%	7,58%
Serviços	50,95%	52,77%	53,40%	57,85%

Fonte: IBGE (dado capturado em www.cnm.org.br em 06/11/2008)

Elaboração: DIEESE

Entre 2002 e 2005, houve crescimento na participação do setor Serviços no PIB municipal, que passou de 50,95% para 57,85%. A Agropecuária, por sua vez, perdeu espaço, com redução de sua fatia no PIB de 37,42% para 22,73%, enquanto a Indústria cresceu de menos de 7% para 11,84%. Cresceu, também, a participação da arrecadação de impostos na composição do PIB, que passou de 5% para quase 8%.

No que se refere às condições do meio ambiente, a pesquisa “Perfil dos Municípios Brasileiros” realizada pelo IBGE, em 2002, apontou, como principais alterações ambientais que afetaram as condições de vida da população de Itabela, os seguintes pontos:

- despejo de esgoto doméstico na água;
- despejo de resíduos sólidos e lixo na água;
- ocupação irregular de curso d’água;
- degradação de mata ciliar;
- desmatamento;
- erosão e/ou deslizamento de encostas;
- assoreamento de curso d’água por expansão indevida da atividade agrícola.

Dimensão infra-estrutura

Segundo o IBGE, em 2000, o abastecimento de água dos domicílios em Itabela apresentava as seguintes características:

- 71,96% eram servidos pela rede geral;
- 19,13% eram servidos por poços ou nascentes;
- 8,92% eram servidos por formas não canalizadas.

Em relação ao esgotamento sanitário, os dados de IBGE para os domicílios do município mostravam que:

- 88,84% dos domicílios eram servidos por fossas rudimentares;
- Apenas 0,43% eram servidos por rede geral de esgoto;
- 9% dos domicílios não tinham banheiros ou sanitários.

Pelos dados do IBGE, aproximadamente 78% dos domicílios são atendidos pelo serviço de coleta de lixo realizado pela prefeitura; perto de 16% deles queimavam o lixo e 5% jogavam em terrenos baldios ou nas ruas, com consequências danosas para o meio ambiente e saúde da população.

Não foram encontradas informações sobre as condições de acesso a Itabela.

A infra-estrutura de serviços urbanos conta com um hospital, dois postos de saúde, três centros de saúde e duas agências bancárias (Bradesco e Banco do Brasil).

Não foram encontradas informações sobre a infra-estrutura hoteleira. No “Guia Quatro Rodas” de 2007 consta a existência de apenas de um hotel, próximo ao Parque Nacional de Monte Pascoal, no município de Itamaraju.

Não foram encontradas informações sobre restaurantes.

Não foram encontradas informações sobre a existência de agências de viagem, locadoras de automóveis e órgãos de orientação ao turista.

Dimensão atrativos turísticos

O principal atrativo de Itabela é o Parque Nacional de Monte Pascoal, que abriga uma reserva dos índios Pataxós. A visita ao parque necessita de autorização prévia da sua administração, pois algumas áreas são fechadas ao público.

1.2.3 Santa Cruz de Cabrália

Santa Cruz de Cabrália é marco histórico do descobrimento do Brasil, pois foi na costa desse município que Pedro Álvares Cabral aportou.

Segundo o Censo Demográfico do IBGE (2000), a população total do município era de 23.888 habitantes, dos quais 43,37% viviam da área rural e 56,63% na área urbana. Santa Cruz de Cabrália é uma cidade histórica, com várias construções do século XVIII. Na praia de Coroa Vermelha foi rezada a primeira missa do Brasil

Dimensão socioeconômica

Os quadros de 7 a 9 mostram os principais indicadores socioeconômicos do município de Santa Cruz de Cabrália.

QUADRO 7 – Renda *per capita e composição da renda
1991-2000**

	1991	2000
Renda <i>per capita</i> (em R\$ correntes)	95,25	164,40
Renda proveniente de transferências governamentais (em %)	3,86%	8,47%
Renda proveniente de rendimentos do trabalho (em %)	84,09%	71,80%
Proporção de pessoas com mais de 50% da renda proveniente de transferências governamentais (em %)	2,63%	6,48%

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano/ PNUD (dado capturado em www.cnm.org.br em 06/11/2008)

Elaboração: DIEESE

* a preços de agosto de 2000

A renda *per capita* do município cresceu 78% entre 1991 e 2000, passando de R\$ 92,25 para R\$ 164,40. A taxa média anual de seu crescimento foi de 6%.

Em Santa Cruz de Cabrália, a exemplo do que ocorreu nos demais municípios da região, diminuiu a participação da renda proveniente do trabalho na composição da renda total do município - de 84,09% para 71,80%. Por outro lado, o percentual da renda proveniente de transferências governamentais (aposentadorias, pensões e programas oficiais de auxílio, como renda mínima, bolsa-escola e seguro-desemprego) aumentou, passando de 3,86% para 8,47%. O percentual de pessoas com mais de 50% da renda proveniente de transferências governamentais passou de 2,63% para 6,48%.

QUADRO 8 – Desigualdade, pobreza e Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) 1991-2000

	1991	2000
Índice de Gini	0,60%	0,65%
IDH-M	0,560	0,688
Percentual de indigentes	43,18%	24,61%
Percentual de pobres	70,24%	53,82%
Percentual de crianças pobres	81,16%	65,63%

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano/ PNUD (dado capturado em www.cnm.org.br em 06/11/2008)
Elaboração: DIEESE

O Quadro 8 mostra que, entre 1991 e 2000, houve redução nos indicadores de pobreza e isso se refletiu na elevação do IDH Municipal. Segundo a metodologia do PNUD, quanto mais próximo de 1,0 for o IDH, melhor a qualidade de vida da população de uma localidade – país ou município.

Por outro lado, o Índice de Gini, que mede a desigualdade na distribuição de renda, aumentou no período, ou seja, houve uma piora no indicador.

QUADRO 9 – Composição percentual do Produto Interno Bruto 2002-2005

	2002	2003	2004	2005
Agropecuária	16,65	23,29	33,76	22,32
Indústria	12,21	9,70	8,36	13,29
Impostos	5,83	6,63	5,49	6,07
Serviços	65,31	60,38	52,39	58,31

Fonte: IBGE (dado capturado em www.cnm.org.br em 06/11/2008)
Elaboração: DIEESE

Ainda que continue a ser o mais importante, o setor de Serviços perdeu força na economia do município, com sua participação passando de 65,31% para 58,31%, entre 2002 e 2005, como mostra o quadro 9. Já a Agropecuária teve expansão, passando de 16,65% para 22,32%, enquanto a da Indústria teve um crescimento um pouco menos expressivo, variando de 12,21% para 13,29%. A participação da arrecadação de impostos na composição do PIB teve um ligeiro crescimento, de 5,83% para 6,07%.

A pesquisa Perfil dos Municípios Brasileiros, realizada pelo IBGE, em 2002, identificou, como a principal alteração ambiental que afetou as condições de vida da população de Santa Cruz de Cabrália, a redução de quantidade, diversidade e qualidade do pescado, em virtude da prática da pesca predatória na região.

Dimensão infra-estrutura

Segundo o IBGE, em 2000, o abastecimento de água dos domicílios em Santa Cruz da Cabrália tinha as seguintes características:

- 50,43% eram servidos pela rede geral;
- 37,74% eram servidos por poços ou nascentes;
- 11,83% eram servidos por outras formas não canalizadas de abastecimento de água.

Em relação ao esgotamento sanitário, os dados do IBGE para os domicílios do município eram bem preocupantes e mostravam que:

- Apenas 16,19% dos domicílios eram servidos por rede geral de esgoto;
- 36,87% contavam com fossas rudimentares;
- 21,82% eram servidos por fossas sépticas;
- 23,31% dos domicílios não tinham banheiros ou sanitários.

Com relação ao destino do lixo, os dados do IBGE mostram que cerca de 60% dos domicílios eram servidos pela coleta realizada pela prefeitura. No entanto, aproximadamente 25% queimavam o lixo e 6% jogavam o lixo em terrenos baldios ou nas ruas, trazendo consequências danosas ao meio ambiente e à saúde da população.

O acesso a Santa Cruz de Cabrália é rodoviário e, partindo-se do Porto Seguro, o principal município da Costa do Descobrimento, do qual dista 23 km. O município conta com um terminal rodoviário, de onde partem ônibus para Eunápolis (79 km) e Salvador (741 km). Tem, ainda, um sistema de balsas, que faz o transporte até várias vilas e ilhas situadas nos seus arredores e nos de Porto Seguro.

A infra-estrutura de serviços urbanos conta com um hospital e uma agência bancária (Banco do Brasil). A infra-estrutura hoteleira registra o funcionamento de sete hotéis e duas pousadas. O Guia Quatro Rodas destaca o funcionamento de três restaurantes.

Não foram encontradas informações sobre a existência de agências de viagem, locadoras de automóveis e órgãos de orientação ao turista.

Dimensão atrativos turísticos

Os principais atrativos de Santa Cruz de Cabrália são as praias, principalmente as localizadas na orla norte do município, que fazem parte de uma área de preservação

ambiental, o conjunto histórico arquitetônico do século XVIII e o passeio de escuna até o Parque Marinho da Coroa Alta.

1.2.4 Porto Seguro

Porto Seguro é o mais importante município da Costa do Descobrimento e um dos destinos turísticos mais vendidos pelas agências de viagem de todo o país, pois combina atrativos históricos, naturais e relacionados ao lazer urbano. Em 2000, com a construção de um Centro de Convenções, por ocasião da comemoração dos 500 anos do Descobrimento do Brasil, tornou-se, também, um centro para o turismo de negócios na Região Nordeste.

Segundo o Censo Demográfico do IBGE (2000), a população total do município era de 95.721 habitantes, entre os quais 16,8% viviam da área rural e 82,2% na área urbana.

Dimensão socioeconômica

Os quadros de 10 a 12 mostram os principais indicadores socioeconômicos do município de Porto Seguro

QUADRO 10 – Renda *per capita e composição da renda
1991-2000**

	1991	2000
Renda <i>per capita</i> (em R\$ correntes)	113,80	192,78
Renda proveniente de transferências governamentais (em %)	5,25%	5,70%
Renda proveniente de rendimentos do trabalho (em %)	81,02%	73,41%
Proporção de pessoas com mais de 50% da renda proveniente de transferências governamentais (em %)	3,48%	4,16%

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano/ PNUD (dado capturado em www.cnm.org.br em 06/11/2008)

Elaboração: DIEESE

*a preços de agosto de 2000

A renda per capita do município cresceu 69% entre 1991 e 2000, passando de R\$ 113,80 para R\$ 192,78. Sua taxa média anual de crescimento foi de 5%.

O percentual da renda proveniente do trabalho na composição da renda total de Porto Seguro reduziu-se de 81,02% para 73,41%, entre 1991 e 2000. A participação dos ganhos provenientes de transferências governamentais (aposentadorias, pensões e

programas oficiais de auxílio, como renda mínima, bolsa-escola e seguro-desemprego) manteve-se praticamente no mesmo patamar, passando de 5,25% para 5,70%. Por fim, o percentual de pessoas com mais de 50% da renda proveniente de transferências governamentais teve um ligeiro incremento, passando de 3,48% para 4,16%.

QUADRO 11 – Desigualdade, pobreza e Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) 1991-2000

	1991	2000
Índice de Gini	0,66	0,64
IDH-M	0,59	0,70
Percentual de indigentes	41,67%	20,91%
Percentual de pobres	66,74%	45,36%
Percentual de crianças pobres	75,94%	57,36%

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano/ PNUD (dado capturado em www.cnm.org.br em 06/11/2008)
Elaboração: DIEESE

Também no período entre 1991 e 2000, houve redução nos indicadores de pobreza, o que se refletiu na elevação do IDH Municipal. Segundo a metodologia do PNUD, quanto mais próximo de 1,0 for o IDH, melhor a qualidade de vida da população de uma localidade – país ou município.

Já o Índice de Gini, que mede a desigualdade na distribuição de renda, teve ligeira redução no período, ou seja, houve uma pequena melhora no indicador.

QUADRO 12 – Composição percentual do Produto Interno Bruto 2002-2005

	2002	2003	2004	2005
Agropecuária	8,26%	8,52%	11,24%	6,77%
Indústria	11,50%	10,72%	10,32%	12,80%
Impostos	8,47%	8,96%	9,26%	10,04%
Serviços	71,76%	71,80%	69,18%	70,39%

Fonte: IBGE (dado capturado em www.cnm.org.br em 06/11/2008)
Elaboração: DIEESE

A principal atividade econômica de Porto Seguro está no setor de Serviços, que responde por mais de 70% do PIB municipal, participação verificada tanto em 2002 quanto em 2005. A participação da Agropecuária caiu de 8,26% para 6,77%, enquanto a da Indústria teve um ligeiro crescimento, ao passar de 11,50% para 12,80%. O percentual referente à arrecadação de impostos na composição do PIB cresceu de 8,47% para 10,04%.

Quanto às condições do meio ambiente, a pesquisa “Perfil dos Municípios Brasileiros” realizada pelo IBGE, em 2002, indicava como principais alterações ambientais que afetaram as condições de vida da população de Porto Seguro deslizamentos de encostas e contaminação do solo pela atividade pecuária.

Dimensão infra-estrutura

As principais características do abastecimento de água em 2000, segundo o IBGE, eram as seguintes:

- 53,34% eram servidos pela rede geral;
- 34,64% eram servidos por poços ou nascentes;
- 12,02% eram servidos por outras formas não canalizadas de abastecimento de água.

Em relação ao esgotamento sanitário, os dados do IBGE para os domicílios do município mostravam que:

- 24,18% eram servidos por rede geral de esgoto;
- 20,74% eram servidos por fossas sépticas;
- 38,24% eram servidos por fossas rudimentares;
- 13,88% dos domicílios não tinham banheiros ou sanitários.

Os dados do IBGE sobre o destino do lixo no município, em 2000, indicavam que quase 70% dos domicílios tinham coleta de lixo realizada pela prefeitura. Mesmo assim, 9,44% dos domicílios de Porto Seguro queimavam o lixo e 8,46% jogavam o lixo em terrenos baldios ou nas ruas.

O acesso a Porto Seguro pode correr por via rodoviária ou aeroviária, sendo o aeroporto do município o maior da região sul da Bahia. Tanto do terminal rodoviário quanto do aeroporto do município partem ônibus e vôos para várias capitais do país.

O município também conta com um sistema de balsas que funciona ininterruptamente, com acesso para a vila de Arraial da Ajuda.

A infra-estrutura de serviços conta com os seguintes equipamentos, de acordo com a Empresa de Turismo da Bahia - Bahiatursa⁵:

- 4 hospitais;
- 6 clínicas e/ou centros médicos;
- 13 farmácias;
- 20 locadoras de automóveis;

⁵ Página na Internet visitada em 31/10/2008. www.setur.bahiatursa.gov.br

- 8 restaurantes;
- 4 sorveterias;
- 5 agências bancárias (Banco do Brasil, Bradesco, CEF, Itaú e HSBC);
- 18 agências de viagem e/ou operadoras de turismo e câmbio;
- 1 posto de orientação ao turista;
- 1 centro de convenções;
- uma agência dos Correios;
- 79 hotéis;
- 1 albergue;
- 4 apart-hotéis;
- 2 campings;
- 6 bares e/ou boates.

Dimensão atrativos turísticos

Os principais atrativos de Porto Seguro são as praias e o conjunto histórico arquitetônico dos séculos XVI, XVII e XVIII, na cidade alta, no qual se destacam as igrejas da Misericórdia, do Outeiro da Glória e a Matriz de Nossa Senhora da Penha. Também são atrações turísticas as vilas de Trancoso, Arraial da Ajuda e Caraíva, o passeio de escuna até o Parque do Recife de Fora e a intensa vida noturna, que se concentra na chamada “Passarela do Álcool”. Por fim, cabe mencionar o Centro de Documentação Histórica da Costa do Descobrimento.

1.3 Considerações finais sobre as condições de oferta e demanda turística na Costa do Descobrimento

A Costa do Descobrimento é um dos destinos turísticos mais procurados do país, seja por seus inúmeros atrativos naturais ou pelos atrativos culturais e históricos. No entanto, com exceção de Porto Seguro, há poucas informações que permitam avaliar as condições da oferta de equipamentos e serviços relacionados direta ou indiretamente à atividade turística.

Todos os municípios apresentam deficiências na infra-estrutura básica – abastecimento de água, esgotamento sanitário e destino do lixo – e problemas relacionados ao meio ambiente. Juntamente com os indicadores de renda, pobreza e desenvolvimento humano, os dados sugerem que vultosos investimentos públicos e privados realizados desde 1991, conforme mencionado na Introdução, não foram suficientes para promover o desenvolvimento sustentável do turismo na região da Costa do Descobrimento.

As informações coletadas nesse trabalho sobre as condições da oferta turística na Costa do Descobrimento permitem dizer que essa região tem grande potencial para o desenvolvimento da atividade turística, em virtude de seus atrativos naturais, históricos e culturais. Porém, o desenvolvimento sustentável do turismo nos municípios da Costa do Descobrimento requer, ainda, investimentos consistentes na infra-estrutura geral, na ampliação dos serviços e equipamentos turísticos, na melhoria dos indicadores sociais e ambientais.

Segundo o *Estudo de competitividade dos 65 destinos indutores do desenvolvimento turístico regional*, elaborado pela Fundação Getúlio Vargas em conjunto com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) para o Ministério do Turismo, a maioria dos destinos situados fora das capitais apresentou condições “regularmente satisfatórias” em relação a aspectos como infra-estrutura geral, condições de acesso, atrativos turísticos, aspectos sociais e ambientais⁶. O objetivo do Ministério do Turismo, até 2010, é estruturar 65 destinos turísticos com o padrão de qualidade internacional, que se situa acima do padrão mínimo apresentado pela maioria dos destinos turísticos situados nas capitais.

⁶ - Fundação Getúlio Vargas e SEBRAE. “Estudo de competitividade dos 65 destinos indutores do desenvolvimento turístico regional”. Brasília, setembro de 2008. Texto capturado na página na Internet www.mintur.gov.br em 10/11/2008.

2. Perfil dos Trabalhadores no Ramo de Turismo e Hospitalidade na Região de Porto Seguro

Nesta seção, pretende-se analisar as principais características dos trabalhadores no ramo de Turismo e Hospitalidade, com o propósito de traçar um perfil dos ocupados no ramo. Para tanto, serão utilizados os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para tratar de todo o universo dos ocupados. As informações relativas aos trabalhadores assalariados têm como fonte a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), do Ministério do Trabalho e Emprego.

Não estão disponíveis dados da PNAD que tenham foco na região estudada e, portanto, serão utilizadas as informações referentes ao estado da Bahia, para que se tenha um panorama geral do mercado de trabalho no ramo de Turismo e Hospitalidade.

2.1. Mercado de trabalho segundo dados da PNAD

Ocupação

O ramo de Turismo e Hospedagem, na Bahia, ocupava 464.708 pessoas, em 2007, segundo a PNAD. A maior concentração de trabalhadores verifica-se nos segmentos de “Alimentos e bebidas” – que se subdivide em Estabelecimentos e Ambulantes – que emprega 234.984 pessoas, ou 50,6% do total. Também é expressiva a parcela de ocupados no “Comércio”, onde trabalham 182.377 pessoas, ou 39,2% do total dos ocupados do ramo no estado. Os segmentos “Lazer e entretenimento” e “Meios de hospedagem” respondiam, respectivamente, por 4,3% e 5,9% dos ocupados em atividades relacionadas ao turismo no estado.

TABELA 1 – Número de ocupados ramo de “Turismo e Hospitalidade” Bahia, 2007.

Segmento	Nº.	%
Meios de hospedagem	19.766	4,3
Alimentos e bebidas	234.984	50,6
<i>Estabelecimentos</i>	196.702	83,7
<i>Ambulantes</i>	38.282	16,3
Comércio	182.377	39,2
Lazer e entretenimento	27.581	5,9
Total	464.708	100,0

Fonte: PNAD - IBGE

Elaboração: DIEESE

Posição na ocupação

No conjunto de ocupados no ramo de Turismo e Hospitalidade, no estado da Bahia, 39,1% trabalhavam por conta-própria, uma variável bastante heterogênea, pois inclui tanto trabalhadores ambulantes quanto donos de seus próprios negócios, desde que não sejam empregadores. No segmento “Alimentos e bebidas” os trabalhadores por conta-própria tinham forte representatividade (41,4%), devido a seu peso entre uma de suas subdivisões, os *Ambulantes* (72,4%). Os empregados com carteira de trabalho e os assalariados sem vínculo formal respondiam, cada um, por aproximadamente 21% do total de ocupados. Os empregadores eram 5,9%, enquanto 13,0% do total trabalhavam sob outras formas de ocupação, como por exemplo, trabalhadores sem remuneração.

TABELA 2 – Distribuição dos ocupados segundo posição na ocupação no ramo de Turismo e Hospitalidade Bahia, 2007

Segmento	em %					
	Empregado com carteira	Empregado sem carteira	Conta-própria	Empregador	Outras*	Total
Meios de hospedagem	68,3	17,7	2,6	6,3	5,1	100,0
Alimentos e bebidas	18,0	21,3	41,4	5,0	14,3	100,0
<i>Estabelecimentos</i>	21,5	23,5	35,4	5,9	13,7	100,0
<i>Ambulantes</i>	0,0	9,9	72,4	0,6	17,2	100,0
Comércio	19,5	21,5	39,8	6,9	12,3	100,0
Lazer e entretenimento	17,5	23,5	40,5	6,1	12,4	100,0
Total	20,7	21,4	39,1	5,9	13,0	100,0

Fonte: PNAD– IBGE

Elaboração: DIEESE

Obs.: Incluem-se trabalhadores não-remunerados, entre outras formas.

Cada um dos segmentos do ramo de Turismo e Hospitalidade apresenta diferentes distribuições dos trabalhadores, segundo a posição na ocupação. O maior percentual de empregados com carteira assinada - emprego formalizado, com cobertura social e pagamento de contribuições trabalhistas e previdenciárias - encontra-se no segmento de “Meios de hospedagem”, onde são quase 70% da força de trabalho. A atividade de “Lazer e entretenimento” conta com 17,5% de assalariados formais e 40,5% de trabalhadores por conta-própria. Os empregados sem registro no segmento de “Lazer e entretenimento” participavam com 23,5% da ocupação.

Os trabalhadores por conta-própria constituem a maior parcela dos ocupados não apenas em “Alimentos e bebidas” e “Lazer e entretenimento”, mas também no Comércio (39,8%). Portanto, as melhores ocupações, se considerada somente a posição

na ocupação, localizavam-se no segmento de “Meios de hospedagem”, sendo as piores inserções ocupacionais no segmento dos “Ambulantes” em “Alimentos e bebidas”.

Gênero

A distribuição por gênero dos ocupados no ramo de Turismo e Hospitalidade, no estado da Bahia, em 2007, também escondia diferenças entre os segmentos econômicos. No conjunto dos trabalhadores, a proporção de homens (54,7%) é superior a de mulheres (45,3%). Os homens constituem a maior parte dos ocupados no “Comércio” e em “Lazer e entretenimento” (em torno de 64% de cada segmento) e em “Meios de hospedagem” (aproximadamente 52%). Já as mulheres estão mais presentes no segmento de “Alimentos e bebidas” (quase 54%), sendo predominantes tanto nos Estabelecimentos (53,1%) como entre os Ambulantes (55,9%) conforme pode ser observado na Tabela 3.

TABELA 3 – Distribuição dos ocupados segundo gênero, ramo de Turismo e Hospitalidade Bahia, 2007

	em %	
Segmento	Homens	Mulheres
Meios de hospedagem	51,7	48,3
Alimentos e bebidas	46,5	53,5
<i>Estabelecimentos</i>	46,9	53,1
<i>Ambulantes</i>	44,1	55,9
Comércio	64,2	35,8
Lazer e entretenimento	63,8	36,2
Total	54,7	45,3

Fonte: PNAD – IBGE
Elaboração: DIEESE

Faixa etária

O trabalho em Turismo e Hospitalidade tem, entre os ocupados, 8,6% de crianças e adolescentes com idade entre 10 e 17 anos. Apenas no segmento “Meios de hospedagem” não foram identificados trabalhadores nesta faixa, provavelmente por ser o que apresenta maior proporção de assalariados com carteira assinada. A maior parcela de crianças e jovens foi encontrada entre os *Ambulantes* (16,6%), variável incluída entre os ocupados de “Alimentos e bebidas”. Neste segmento e no “Comércio” os jovens correspondem a 9,5% dos ocupados. Os ocupados com mais de 65 anos de idade são 3,5% do total do ramo de Turismo e Hospitalidade, e têm maior participação no “Comércio” (5,3%). No geral, a faixa etária com maior proporção de ocupados é aquela que engloba os trabalhadores com 30 a 39 anos, com 22,0%, seguido pelos ocupados

com 18 a 24 anos, com 20,1%. Os trabalhadores com idade entre 18 a 39 anos são 55,5% do total.

TABELA 4 – Distribuição dos ocupados segundo faixa etária, ramo de Turismo e Hospitalidade Bahia, 2007

Segmento	em %							Total
	10 a 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 64	65 ou mais	
Meios de hospedagem	0,0	32,5	16,6	25,4	17,4	8,1	0,0	100,0
Alimentos e bebidas	9,5	19,1	12,2	23,1	18,0	15,8	2,4	100,0
<i>Estabelecimentos</i>	8,1	19,0	13,2	23,4	17,6	15,9	2,8	100,0
<i>Ambulantes</i>	16,6	19,6	7,4	21,5	19,6	15,2	0,0	100,0
Comércio	9,5	19,3	13,7	19,4	18,7	14,2	5,3	100,0
Lazer e entretenimento	2,4	24,3	19,3	27,5	18,3	4,8	3,4	100,0
Total	8,6	20,1	13,4	22,0	18,2	14,2	3,5	100,0

Fonte: PNAD – IBGE

Elaboração: DIEESE

Escolaridade

Os maiores níveis de escolaridade foram constatados entre os ocupados de Lazer e entretenimento, onde 67,5% dos ocupados possuíam pelo menos o ensino médio, ou seja, 11 anos ou mais de estudo. No segmento de “Meios de hospedagem”, 51,0% dos trabalhadores também tinham este nível de escolaridade. Por outro lado, mais da metade dos ocupados (51,1%) dos segmentos de “Comércio” e “Alimentos e bebidas” possuíam menos de 8 anos de estudo, ou seja, não tinham completado o ensino fundamental. Para os Ambulantes, esta taxa é de 64,7%. O maior percentual de trabalhadores sem instrução ou com menos de 1 ano de estudo foi registrado no “Comércio” (13,2%). Quando se considera o ramo de atividade como um todo, a parcela de ocupados com mais de 11 anos de estudo é a que reúne mais trabalhadores (31,0%), enquanto o menor percentual (9,5%) foi identificado para os trabalhadores com menor nível de escolaridade, ou sem instrução (Tabela 5).

TABELA 5 – Distribuição dos ocupados segundo anos de estudo, ramo de Turismo e Hospitalidade Bahia, 2007

Segmento	em %					Total
	Sem instrução ou menos de 1 ano	1 a 3 anos	4 a 7 anos	8 a 10 anos	Mais de 11 anos	
Meios de hospedagem	6,2	12,5	10,3	19,9	51,0	100,0
Alimentos e bebidas	7,7	13,2	30,2	22,1	26,8	100,0
<i>Estabelecimentos</i>	7,7	11,8	29,0	22,4	29,1	100,0
<i>Ambulantes</i>	7,9	20,5	36,3	20,4	14,9	100,0
Comércio	13,2	12,5	25,4	20,3	28,6	100,0
Lazer e entretenimento	2,6	2,4	14,8	12,7	67,5	100,0
Total	9,5	12,2	26,5	20,7	31,0	100,0

Fonte: PNAD – IBGE

Elaboração: DIEESE

Estabilidade no emprego

O tempo de permanência no emprego é um elemento importante para avaliar o nível de estabilidade em um determinado segmento ou ramo de atividade. Na Bahia, 28,9% dos ocupados no ramo de Turismo e Hospitalidade tinham até 1 ano no posto de trabalho. Para o segmento de “Alimentos e bebidas” este percentual chega a 32,2%, possivelmente porque nesta atividade, tem peso mais acentuado o caráter sazonal da ocupação já que também suas subdivisões registram percentuais igualmente elevados. Em outros segmentos, os trabalhadores com até 1 ano no emprego atual apresentam taxas inferiores a 27,0%, sendo o menor para os trabalhadores ocupados nas atividades de “Lazer e entretenimento”, com apenas 22,5% de seus ocupados com até 1 ano no mesmo emprego.

Nas atividades de “Meios de hospedagem”, a maior proporção dos ocupados encontrava-se no mesmo posto há mais de 1 e a menos de 3 anos (32,5%). Como este segmento é o que conta com maior parcela de empregados com carteira, pode-se supor que a rotatividade no emprego é razoavelmente alta, uma vez que a maior formalização poderia significar maior estabilidade. O fato de o segmento reunir também o menor percentual de ocupados com mais de seis anos no mesmo emprego (12,5%) parece confirmar esta idéia. No segmento “Lazer e entretenimento”, quase 40% dos ocupados encontram-se na mesma ocupação há mais de seis anos.

TABELA 6 – Distribuição dos ocupados segundo tempo de permanência no emprego atual, ramo de “Turismo e Hospitalidade” Bahia, 2007

Segmento						em %
	Até 1	Mais de 1 a 3	Mais de 3 a 6	Mais de 6 a 10	Mais de 10	Total
Meios de hospedagem	26,6	32,5	28,4	9,2	3,3	100,0
Alimentos e bebidas	32,2	27,4	17,8	10,1	12,6	100,0
<i>Estabelecimentos</i>	32,2	27,2	17,8	10,7	12,1	100,0
<i>Ambulantes</i>	32,4	28,4	17,5	6,5	15,2	100,0
Comércio	25,9	26,2	18,6	12,6	16,7	100,0
Lazer e entretenimento	22,5	19,6	18,2	11,1	28,6	100,0
Total	28,9	26,7	18,6	11,1	14,8	100,0

Fonte: PNAD – IBGE

Elaboração: DIEESE

Obs.: Do total foram excluídas as pessoas sem declaração de tempo de permanência no atual trabalho

Jornada de trabalho

Em todos os segmentos que compõem o ramo de Turismo e Hospitalidade, mais da metade dos trabalhadores cumprem jornadas de até 44 horas semanais, portanto, dentro daquilo que é estabelecido pela Constituição brasileira. Ainda assim, mais de 40% destes trabalhadores costumam exercer suas atividades por períodos superiores à jornada legal. Os maiores percentuais de ocupados que trabalham menos de 44 horas semanais foram apurados para o segmento de “Lazer e entretenimento” (84,9%) e para a subdivisão de Ambulantes - parte da atividade Alimentos e bebidas – (76,6%). Em ambos os casos, o nível de formalização do emprego é baixo. Já os maiores percentuais de trabalhadores com jornadas superiores a 44 horas foram encontrados em Meios de hospedagem e Alimentos e bebidas (44,3%, cada), neste último caso, porque o percentual de ocupados em Estabelecimentos que trabalham além da jornada é maior (48,4%).

TABELA 7 – Distribuição dos ocupados segundo tempo de permanência no emprego atual, ramo de “Turismo e Hospitalidade” Bahia, 2007

Segmento			em %
	Até 44 h	Mais de 44 h	Total
Meios de hospedagem	55,7	44,3	100,0
Alimentos e bebidas	55,7	44,3	100,0
<i>Estabelecimentos</i>	51,6	48,4	100,0
<i>Ambulantes</i>	76,6	23,4	100,0
Comércio	60,0	40,0	100,0
Lazer e entretenimento	84,9	15,1	100,0
Total	59,1	40,9	100,0

Fonte: PNAD – IBGE

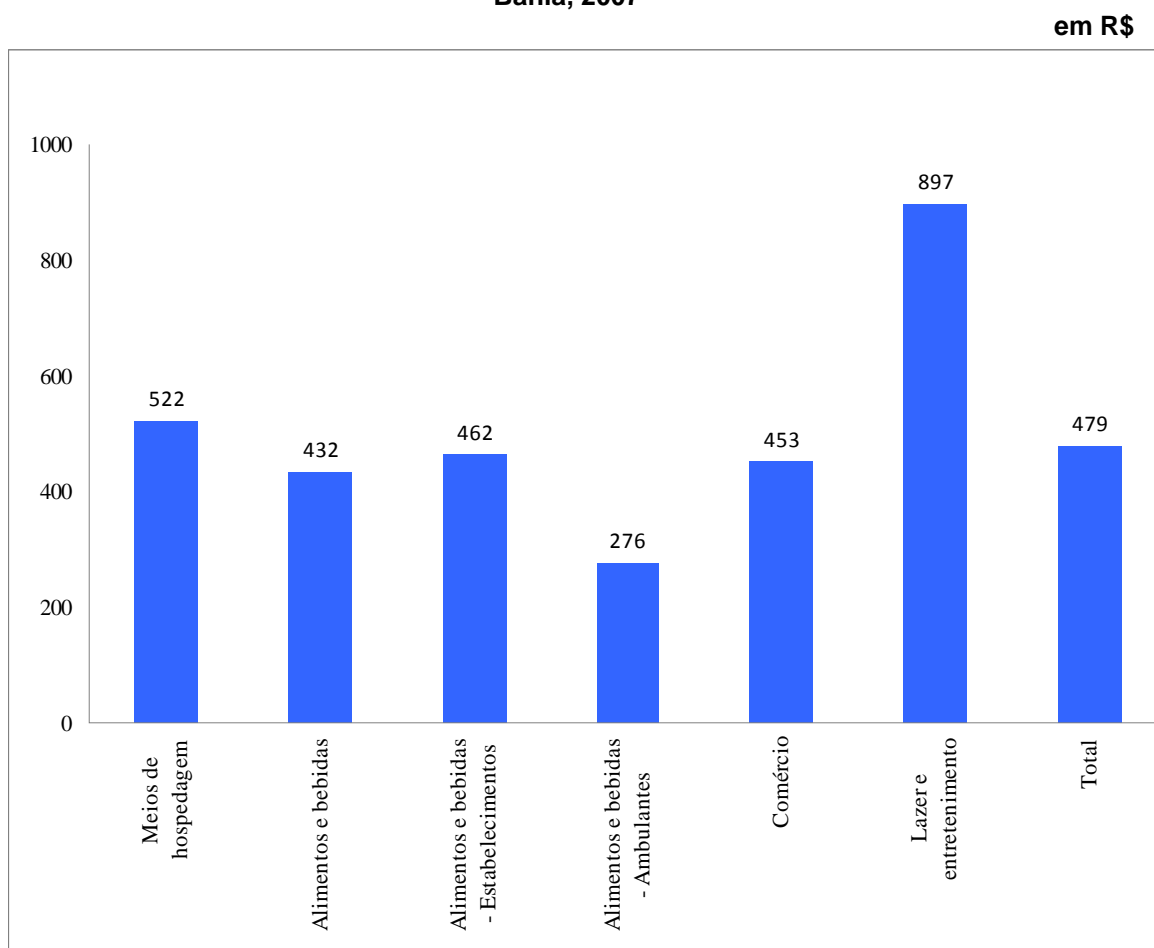
Elaboração: DIEESE

Obs.: Do total foram excluídas as pessoas sem declaração de jornada

Remuneração

O rendimento médio no ramo de Turismo e Hospitalidade era de R\$ 479, o equivalente a pouco mais de um salário mínimo vigente em setembro/2007. O segmento de “Lazer e entretenimento” (R\$ 897), onde é mais elevada a proporção de trabalhadores com maior tempo na mesma ocupação e o de “Meios de hospedagem”, com maior formalização da mão-de-obra (R\$ 522) registram os maiores rendimentos médios. No entanto, estes dois segmentos envolvem o menor número de ocupados, somando 10,2% do total. Os menores rendimentos médios foram verificados entre os Ambulantes (com R\$ 276) no segmento “Alimentos e Bebidas”, devido à precariedade de sua inserção e sazonalidade da ocupação, entre outras características intrínsecas à atividade.

GRÁFICO 1 – Rendimento médio mensal segundo segmento, ramo de Turismo e Hospitalidade Bahia, 2007



Fonte: PNAD – IBGE

Elaboração: DIEESE

Obs.: a) Do total foram excluídas as pessoas sem declaração de rendimento

b) Valores expressos em R\$ de setembro de 2007

Gênero e escolaridade

Quando são consideradas as variáveis sexo e anos de estudo dos ocupados no ramo de Turismo e Hospitalidade, no estado da Bahia, observa-se que as mulheres têm maior nível de escolaridade que os homens. Segundo a PNAD, 57,1% das mulheres possuíam pelo menos o ensino fundamental completo, ou seja, 8 anos no mínimo de estudo, enquanto para os homens esta proporção é de 47,3%.

TABELA 8 – Distribuição dos ocupados no ramo de turismo e hospitalidade por sexo, segundo grupos de anos de estudo Bahia, 2007

Grupos de anos de estudo	Turismo			em %
	Masculino	Feminino	Total	
Sem instrução e menos de 1 ano	10,6	8,3	9,5	
1 a 3 anos	13,6	10,6	12,2	
4 a 7 anos	28,6	24,1	26,5	
8 a 10 anos	21,6	19,7	20,7	
11 a 14 anos	23,7	35,4	29,0	
15 anos ou mais	2,0	2,0	2,0	
Total	100,0	100,0	100,0	

Fonte: PNAD – IBGE

Elaboração: DIEESE

Obs.: O total exclui as pessoas com anos de estudo não-determinados

Ente os ocupados no segmento “Meios de hospedagem”, mais da metade tem mais de 11 anos de estudo, situação em que se encontram 44,4% dos homens e 58,0% das mulheres. No caso da mão-de-obra masculina, é elevada (27,1%) dos ocupados com entre 8 e 10 anos de estudo, nível onde se encontram 12,2% das mulheres. O percentual de mulheres sem instrução ou menos de 1 ano de estudo (7,6%) é maior que o de homens (5,0%).

TABELA 9 – Distribuição dos ocupados no segmento de Meios de Hospedagem, por sexo, segundo grupos de anos de estudo Bahia, 2007

Grupos de anos de estudo	Meios de hospedagem			em %
	Masculino	Feminino	Total	
Sem instrução e menos de 1 ano	5,0	7,6	6,2	
1 a 3 anos	12,1	12,9	12,5	
4 a 7 anos	11,4	9,2	10,3	
8 a 10 anos	27,1	12,2	19,9	
11 a 14 anos	42,2	45,8	43,9	
15 anos ou mais	2,2	12,2	7,0	
Total	100,0	100,0	100,0	

Fonte: PNAD – IBGE

Elaboração: DIEESE

Obs.: O total exclui as pessoas com anos de estudo não-determinados

O segmento “Alimentos e bebidas”, que possuía o maior número de ocupados em 2007, concentravam os ocupados com os menor nível de escolaridade. Mais da metade dos ocupados (51,1%) possuía menos de 8 anos de estudo. Entre a força de trabalho masculina o percentual com este nível de escolaridade chegava a 56,1%. No caso da mão-de-obra feminina correspondia a 46,8%. Este segmento apresentava a menor proporção de ocupados com mais de 11 anos de estudo.

TABELA 10 – Distribuição dos ocupados no segmento de Alimentos e bebidas, por sexo, segundo grupos de anos de estudo Bahia, 2007

Grupos de anos de estudo	Alimentos e bebidas		
	Masculino	Feminino	Total
Sem instrução e menos de 1 ano	7,4	8,0	7,7
1 a 3 anos	15,1	11,6	13,2
4 a 7 anos	33,6	27,2	30,2
8 a 10 anos	25,1	19,4	22,1
11 a 14 anos	17,5	33,2	25,9
15 anos ou mais	1,3	0,5	0,9
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: PNAD – IBGE

Elaboração: DIEESE

Obs.: O total exclui as pessoas com anos de estudo não-determinados

No segmento “Alimentos e bebidas” situações diferentes são observadas quando se considera a situação de cada uma de suas subdivisões. Entre os Ambulantes, 35,3% dos ocupados tinham 8 ou mais anos de estudo, percentual que chegava a 51,5% no caso dos ocupados em Estabelecimentos. As mulheres eram quase 40% das ambulantes com este nível de escolaridade e os homens, pouco menos de 30%. Já nos estabelecimentos, este mesmo grau de escolarização era encontrado em quase 56% das mulheres e perto de 47% dos homens. Os ocupados sem instrução ou com menos de um ano eram menos de 8% tanto entre os Ambulantes como nos ligados aos Estabelecimentos. Neste último caso, 8,3% do total das mulheres e 7,1% dos homens tinham este nível de escolaridade. Para os Ambulantes, 6,8% da mão-de-obra feminina e 9,3% da masculina estão entre os que têm menor nível de escolaridade.

TABELA 11 – Distribuição dos ocupados no segmento de Alimentos e bebidas, por sexo, segundo grupos de anos de estudo Bahia, 2007

Grupos de anos de estudo	Alimentos e Bebidas-Estabelecimentos		
	Masculino	Feminino	Total
Sem instrução e menos de 1 ano	7,1	8,3	7,7
1 a 3 anos	14,0	9,8	11,8
4 a 7 anos	32,4	26,0	29,0
8 a 10 anos	25,6	19,5	22,4
11 a 14 anos	19,4	35,8	28,1
15 anos ou mais	1,5	0,6	1,0
Total	100,0	100,0	100,0

Grupos de anos de estudo	Alimentos e Bebidas-Ambulantes		
	Masculino	Feminino	Total
Sem instrução e menos de 1 ano	9,3	6,8	7,9
1 a 3 anos	20,9	20,2	20,5
4 a 7 anos	40,5	33,1	36,3
8 a 10 anos	22,2	19,1	20,4
11 a 14 anos	7,1	20,8	14,9
15 anos ou mais	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: PNAD – IBGE

Elaboração: DIEESE

Obs.: O total exclui as pessoas com anos de estudo não-determinados

No segmento do “Comércio”, o segundo maior em número de ocupados, pouco menos da metade dos ocupados (49,0%) possuía 8 anos ou mais de estudo. Entre as mulheres, o percentual chegava a 57,5%, enquanto entre os homens correspondia a 44,2%. , ainda que as mulheres do segmento, isoladamente, apresentassem maiores proporções.

TABELA 12 – Distribuição dos ocupados no segmento de Comércio, por sexo, segundo grupos de anos de estudo Bahia, 2007

Grupos de anos de estudo	Comércio ¹		
	Masculino	Feminino	Total
Sem instrução e menos de 1 ano	15,0	10,1	13,2
1 a 3 anos	13,8	10,1	12,5
4 a 7 anos	27,1	22,3	25,4
8 a 10 anos	18,5	23,5	20,3
11 a 14 anos	24,5	32,5	27,4
15 anos ou mais	1,2	1,5	1,3
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: PNAD – IBGE

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Comércio de produtos alimentícios, bebidas e fumo

Obs.: O total exclui as pessoas com anos de estudo não-determinados

Os melhores indicadores de escolaridade foram verificados entre os ocupados em “Lazer e entretenimento”. Mais de 80% dos ocupados tinham 8 anos ou mais de

estudo e apenas 2,6% não tinham instrução ou possuíam menos de 1 ano de estudo. Não foram encontradas mulheres com o menor nível de escolaridade, enquanto entre as ocupadas com 11 anos e mais de estudo, encontravam-se quase 85% das mulheres. Entre os homens, o percentual era de quase 58%.

TABELA 13 – Distribuição dos ocupados no segmento de Lazer e Entretenimento, por sexo, segundo grupos de anos de estudo Bahia, 2007

Grupos de anos de estudo	Lazer e entretenimento			em %
	Masculino	Feminino	Total	
Sem instrução e menos de 1 ano	4,1	0,0	2,6	
1 a 3 anos	3,8	0,0	2,4	
4 a 7 anos	17,4	10,2	14,8	
8 a 10 anos	17,0	5,1	12,7	
11 a 14 anos	46,1	70,8	55,0	
15 anos ou mais	11,6	13,9	12,4	
Total	100,0	100,0	100,0	

Obs.: O total exclui as pessoas com anos de estudo não-determinados

Fonte: PNAD – IBGE

Elaboração: DIEESE

Faixa etária e escolaridade

Quando se observa o cruzamento da variável faixa etária com os anos de escolaridade, os ocupados entre 18 a 29 anos do ramo Turismo e Hospitalidade possuíam maior escolaridade, já que 44,6% do total tinham 11 anos ou mais de estudo. Por outro lado, 28,2% dos ocupados com 50 anos ou mais não possuíam nem um ano de estudo. Quando se acrescenta a faixa referente a 1 a 3 anos de estudo, atinge-se mais da metade (51,8%) do total de ocupados nesta faixa etária. Ou seja, o nível de escolaridade é crescente para os trabalhadores com até 29 anos, e passa a declinar a partir dos 30 anos.

TABELA 14 – Distribuição dos ocupados no segmento no ramo de turismo e hospitalidade, por faixa etária, segundo grupos de anos de estudo Bahia, 2007

Grupos de anos de estudo	Turismo				em %
	10 a 17	18 a 29	30 a 49	50 ou mais	Total
Sem instrução e menos de 1 ano	1,3	2,7	8,8	28,2	9,5
1 a 3 anos	9,2	4,5	14,4	23,6	12,2
4 a 7 anos	57,4	20,9	26,0	23,5	26,5
8 a 10 anos	30,3	27,4	18,6	8,3	20,7
11 a 14 anos	1,8	43,1	29,4	14,6	29,0
15 anos ou mais	0,0	1,5	2,9	1,9	2,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: PNAD – IBGE

Elaboração: DIEESE

Obs.: O total exclui as pessoas com anos de estudo não-determinados

A análise agregada não expressa algumas diferenciações relacionadas com o segmento no qual os ocupados atuavam. Para o segmento “Meios de hospedagem”, a distribuição por faixa etária e anos de estudo não registra a existência de ocupados com idade entre 10 a 17 anos, provavelmente por contar com maior proporção de empregados com carteira assinada. Além disso, mais da metade de seus ocupados (50,9%) tem 11 anos de estudo ou mais. Entre os ocupados com idade entre 18 e 29 anos, o percentual com este nível de escolaridade atinge 58,7%.

TABELA 15 – Distribuição dos ocupados no segmento no segmento de Meios de hospedagem, por faixa etária, segundo grupos de anos de estudo Bahia, 2007

Grupos de anos de estudo	Meios de hospedagem				Total
	10 a 17	18 a 29	30 a 49	50 ou mais	
Sem instrução e menos de 1 ano	-	0,0	12,0	13,6	6,2
1 a 3 anos	-	7,5	20,6	0,0	12,5
4 a 7 anos	-	12,0	5,2	27,4	10,3
8 a 10 anos	-	21,8	19,0	13,7	19,9
11 a 14 anos	-	48,9	38,0	45,3	43,9
15 anos ou mais	-	9,8	5,2	0,0	7,0
Total	-	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: PNAD – IBGE

Elaboração: DIEESE

Obs.: O total exclui as pessoas com anos de estudo não-determinados

Para o segmento “Alimentos e bebidas”, mais da metade dos ocupados (51,1%) tem até 7 anos de estudo e apenas 26,8% estudaram por 11 anos ou mais. O grau de escolarização foi crescente para os ocupados nas faixas etárias mais baixas, sendo que entre os trabalhadores com 18 a 29 anos, 41,5% tinham entre 11 e 14 anos de estudo. Os indicadores mostram menor nível de escolaridade nas faixas etárias subsequentes, e para os trabalhadores com 50 anos ou mais quase 75% têm menos de 8 anos de estudo.

**TABELA 16
Distribuição dos ocupados no segmento no segmento de Alimentos e Bebidas, por faixa etária, segundo grupos de anos de estudo Bahia, 2007,**

Grupos de anos de estudo	Alimentos e bebidas				Total
	10 a 17	18 a 29	30 a 49	50 ou mais	
Sem instrução e menos de 1 ano	0,0	2,3	8,0	20,6	7,7
1 a 3 anos	12,1	5,5	13,4	26,8	13,2
4 a 7 anos	57,9	20,1	32,9	27,3	30,2
8 a 10 anos	27,8	30,0	20,1	9,9	22,1
11 a 14 anos	2,3	41,5	24,5	14,4	25,9
15 anos ou mais	0,0	0,6	1,2	1,0	0,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: PNAD – IBGE

Elaboração: DIEESE

Obs.: O total exclui as pessoas com anos de estudo não-determinados

Quando observadas as subdivisões do segmento de “Alimentos e bebidas” verifica-se, em ambas, que em geral, a proporção de trabalhadores com mais anos de estudo se reduz à medida que a idade aumenta, em especial quando se considera aqueles que têm mais de 29 anos de idade. Entre os Ambulantes o nível de escolaridade é, em geral, menor que o dos ocupados ligados a Estabelecimentos. No caso dos ambulantes, pouco menos de 15% possuíam mais de 11 anos de estudo (Ensino Médio Completo). Para os que possuíam mais de 50 anos, essa participação era ainda menor, de apenas 3,8%.

TABELA 17 – Distribuição dos ocupados no segmento no segmento de Alimentos e Bebidas e suas subdivisões, por faixa etária, segundo grupos de anos de estudo Bahia, 2007

Grupos de anos de estudo	Alimentos e bebidas - Estabelecimentos				em %
	10 a 17	18 a 29	30 a 49	50 ou mais	Total
Sem instrução e menos de 1 ano	0,0	2,6	7,6	19,9	7,7
1 a 3 anos	10,9	4,6	11,5	25,1	11,8
4 a 7 anos	49,3	20,5	32,0	28,3	29,0
8 a 10 anos	36,6	28,7	20,5	9,5	22,4
11 a 14 anos	3,2	42,8	26,9	16,0	28,1
15 anos ou mais	0,0	0,7	1,5	1,2	1,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Grupos de anos de estudo	Alimentos e bebidas - Ambulantes				Total
	10 a 17	18 a 29	30 a 49	50 ou mais	
Sem instrução e menos de 1 ano	0,0	0,0	9,7	25,0	7,9
1 a 3 anos	15,1	10,6	22,7	37,5	20,5
4 a 7 anos	81,2	17,6	37,6	21,2	36,3
8 a 10 anos	3,8	37,9	18,0	12,5	20,4
11 a 14 anos	0,0	33,8	12,0	3,8	14,9
15 anos ou mais	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: PNAD – IBGE

Elaboração: DIEESE

Obs.: O total exclui as pessoas com anos de estudo não-determinados

No “Comércio” ligado ao ramo de Turismo e Hospitalidade foi registrada a maior proporção de ocupados nas menores faixas de anos de estudo. Assim, neste segmento foi encontrada boa parte daqueles dos trabalhadores que não tem instrução ou tem até 3 anos de estudo (25,7% considerando o dado geral dos ocupados no segmento). Para os trabalhadores com 50 anos ou mais, mais de 60% encontravam-se nesta faixa de escolaridade, sendo que 39,8% deles não tinham instrução ou estudaram por menos de um ano.

TABELA 18 – Distribuição dos ocupados no segmento de Comércio, por faixa etária, segundo grupos de anos de estudo Bahia, 2007

Grupos de anos de estudo	Comércio ¹				Total
	10 a 17	18 a 29	30 a 49	50 ou mais	
Sem instrução e menos de 1 ano	2,9	4,1	10,0	39,8	13,2
1 a 3 anos	5,9	3,7	16,6	22,4	12,5
4 a 7 anos	56,6	24,7	22,0	18,1	25,4
8 a 10 anos	33,3	27,8	17,5	6,6	20,3
11 a 14 anos	1,3	39,4	31,1	12,6	27,4
15 anos ou mais	0,0	0,4	2,7	0,6	1,3
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: PNAD – IBGE

Elaboração: DIEESE

Nota: (1) Comércio de produtos alimentícios, bebidas e fumo

Obs.: O total exclui as pessoas com anos de estudo não-determinados

No segmento “Lazer e entretenimento” foram encontrados os ocupados com maior nível de instrução, com 67,5% deles com 11 anos ou mais de estudo, e apenas 2,6% não tinham nenhuma instrução ou menos de 1 ano de estudo. Além disso, mesmo entre os ocupados mais velhos é elevado o percentual daqueles com maior escolaridade. Entre os trabalhadores com mais de 50 anos, 67,9% tinham mais de 11 anos de estudo e entre os ocupados com idade entre 18 e 29 anos, 72,2% encontravam-se na mesma situação.

TABELA 19 – Distribuição dos ocupados no segmento de Lazer e Entretenimento, por faixa etária, segundo grupos de anos de estudo Bahia, 2007

Grupos de anos de estudo	Lazer e entretenimento				Total
	10 a 17	18 a 29	30 a 49	50 ou mais	
Sem instrução e menos de 1 ano	0,0	0,0	5,8	0,0	2,6
1 a 3 anos	0,0	0,0	5,2	0,0	2,4
4 a 7 anos	66,7	13,9	9,8	32,1	14,8
8 a 10 anos	33,3	13,9	12,7	0,0	12,7
11 a 14 anos	0,0	66,7	51,5	29,1	55,0
15 anos ou mais	0,0	5,5	15,0	38,8	12,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: PNAD – IBGE

Elaboração: DIEESE

Obs.: O total exclui as pessoas com anos de estudo não-determinados

2.2. Mercado de trabalho segundo dados da RAIS

Nesta seção será traçado o perfil dos trabalhadores com carteira assinada do setor de Turismo e Hospitalidade na micro-região de Porto Seguro, Bahia. Para isso, serão levantadas as principais características destes trabalhadores, tanto no que se refere aos seus atributos pessoais - como sexo e idade -, quanto a suas características

profissionais – como remuneração e tempo de serviço. Como base de dados estatísticos para a realização do estudo, foi utilizada a Relação Anual de Informações Sociais do Ministério do Trabalho e Emprego-MTE (Rais) de 2006 (último dado disponível no período de realização do estudo).

A região de Porto Seguro abrange as cidades de: Alcobaça, Caravelas, Eunápolis, Guaratinga, Ibirapuã, Itabela, Itagimirim, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Porto Seguro, Prado, Santa Cruz Cabrália, Teixeira de Freitas e Vereda. O setor de Turismo e Hospitalidade foi definido como sendo constituído de quatro atividades econômicas: Lazer e entretenimento; Comércio; Alimentos e bebidas e Meios de hospedagem. Para cada uma dessas atividades foi desenvolvido um perfil dos trabalhadores.

O setor de “Lazer e entretenimento” considerou, para efeito de análise, as seguintes divisões CNAEs: 90 - Atividades artísticas, criativas e de espetáculos; 91 - Atividades ligadas ao patrimônio cultural e ambiental; 92 - Atividades de exploração de jogos de azar e apostas e 93 - Atividades esportivas e de recreação e lazer. Para o “Comércio” utilizou-se o grupo CNAE: 472 - Comércio varejista de produtos alimentícios, bebidas e fumo. Já o segmento de “Alimentos e bebidas” caracterizou-se pelos grupos CNAEs: 561 - Restaurantes e outros serviços de alimentação e bebidas e 562 - Serviços de catering, bufê e outros serviços de comida preparada. E por fim, a atividade econômica “Meios de hospedagem” abrangeu as CNAEs: 55108 - Hotéis e similares e 55906 - Outros tipos de alojamento não especificados anteriormente.

Quantitativo do emprego formal

A Tabela 20 traz informações sobre a distribuição dos empregados segundo a atividade econômica. Nota-se que, em 2006, o setor de Turismo e Hospitalidade na região contava 8.619 trabalhadores formais. O segmento com maior participação no emprego formal foi o de “Meios de hospedagem” (51%). Em seguida foram identificados os segmentos de: “Alimentos e bebidas” (30%); “Comércio” (16%) e “Lazer e entretenimento” (3%).

**TABELA 20 – Distribuição dos empregados, segundo a atividade econômica
Micro região de Porto Seguro ⁽⁵⁾, 2006**

Atividade econômica	Número de empregados	%
Lazer e entretenimento ⁽¹⁾	267	3
Comércio ⁽²⁾	1.371	16
Alimentos e bebidas ⁽³⁾	2.605	30
Meios de hospedagem ⁽⁴⁾	4.376	51
Total	8.619	100

Fonte: RAIS-MTE

Elaboração: DIEESE

(1) Divisões CNAEs utilizadas: 90 - Atividades artísticas, criativas e de espetáculos; 91 - Atividades ligadas ao patrimônio cultural e ambiental; 92 - Atividades de exploração de jogos de azar e apostas e 93 - Atividades esportivas e de recreação e lazer.

(2) Grupo CNAE utilizado: 472 - Comércio varejista de produtos alimentícios, bebidas e fumo.

(3) Grupos CNAEs utilizados: 561 - Restaurantes e outros serviços de alimentação e bebidas e 562 - Serviços de catering, bufê e outros serviços de comida preparada.

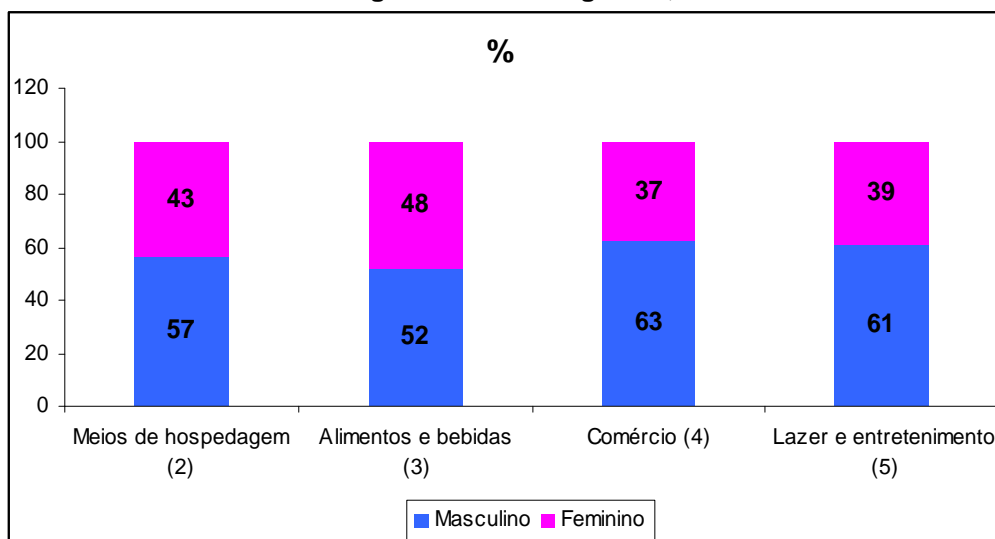
(4) CNAEs utilizadas: 55108 - Hotéis e similares e 55906 - Outros tipos de alojamento não especificados anteriormente.

(5) Municípios abrangidos: Alcobaça, Caravelas, Eunápolis, Guaratinga, Ibirapuã, Itabela, Itagimirim, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Porto Seguro, Prado, Santa Cruz Cabrália, Teixeira de Freitas e Vereda.

Gênero

O Gráfico 2 mostra que os empregados com registro formalizado de trabalho do sexo masculino estavam em maior número no ramo de Turismo e Hospitalidade. Nas atividades de “Meios de hospedagem”, “Alimentos e bebidas”, “Comércio” e “Lazer e entretenimento” os homens eram, respectivamente,: 57%, 52%, 63% e 61% do total de empregados. Já as trabalhadoras correspondiam a: 43%, 48%, 37% e 39% respectivamente.

**GRÁFICO 2 – Distribuição dos empregados, segundo o gênero e a atividade econômica
Micro região de Porto Seguro ⁽¹⁾, 2006**



Fonte: RAIS-MTE

Elaboração: DIEESE

(1) Municípios abrangidos: Alcobaça, Caravelas, Eunápolis, Guaratinga, Ibirapuã, Itabela, Itagimirim, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Porto Seguro, Prado, Santa Cruz Cabrália, Teixeira de Freitas e Vereda.

(2) CNAEs utilizadas: 55108 - Hotéis e similares e 55906 - Outros tipos de alojamento não especificados anteriormente.

(3) Grupos CNAEs utilizados: 561 - Restaurantes e outros serviços de alimentação e bebidas e 562 - Serviços de catering, bufê e outros serviços de comida preparada.

(4) Grupo CNAE utilizado: 472 - Comércio varejista de produtos alimentícios, bebidas e fumo.

(5) Divisões CNAEs utilizadas: 90 - Atividades artísticas, criativas e de espetáculos; 91 - Atividades ligadas ao patrimônio cultural e ambiental; 92 - Atividades de exploração de jogos de azar e apostas e 93 - Atividades esportivas e de recreação e lazer.

Faixa etária

No que se refere à faixa etária, mais da metade dos trabalhadores formais do ramo Turismo e hospitalidade na região de Porto Seguro tinha até 39 anos de idade em 2006, o que os caracterizava como uma força de trabalho jovem.

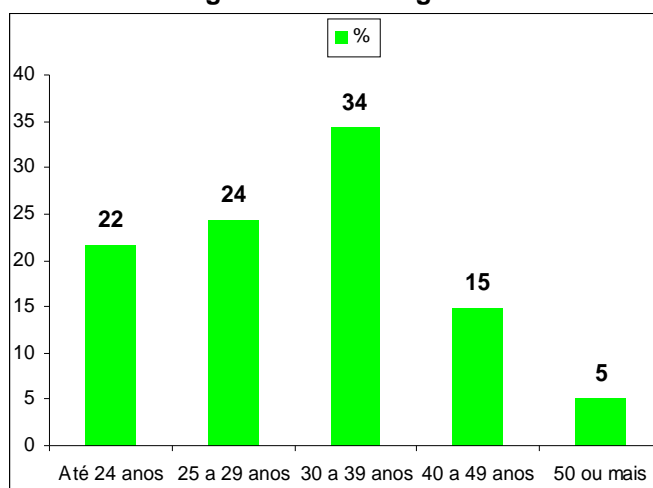
No segmento “Meios de hospedagem”, 80% da mão-de-obra formal tinha até 39 anos de idade, sendo 34% entre 30 e 39 anos, 24% entre 25 e 29 anos e 22% até 24 anos. Apenas uma pequena parcela da categoria contava mais de 50 anos de idade (5%).

Dentre os empregados do segmento “Alimentos e bebidas”, 31% estavam na faixa etária entre 30 e 39 anos. Logo após vinha os que tinham até 24 anos de idade, que somavam 26%, e aqueles entre 25 e 29 anos, com 23%. No total, 80% dos trabalhadores tinham até 39 anos.

Uma parcela expressiva dos trabalhadores em “Comércio” tinha até 29 anos de idade (60%), sendo que os empregados com até 24 anos de idade eram 35%. Quando se inclui os trabalhadores com até 39 anos, o percentual aumenta para 85%. Portanto, os trabalhadores formalizados no Comércio eram majoritariamente jovens em 2006.

Já na atividade de “Lazer e entretenimento”, os trabalhadores distribuía-se segundo a faixa etária, da seguinte forma: 28% com idade entre 30 e 39 anos; logo após, com 27%, estavam os com até 24 anos; 22% eram aqueles com 25 a 29 anos; 13%, os com 40 a 49 anos, e por último, com apenas 10% os empregados com 50 a 64 anos.

GRÁFICO 3 – Distribuição dos empregados de Meios de hospedagem ⁽¹⁾, segundo a faixa etária Micro-região de Porto Seguro ⁽²⁾, 2006



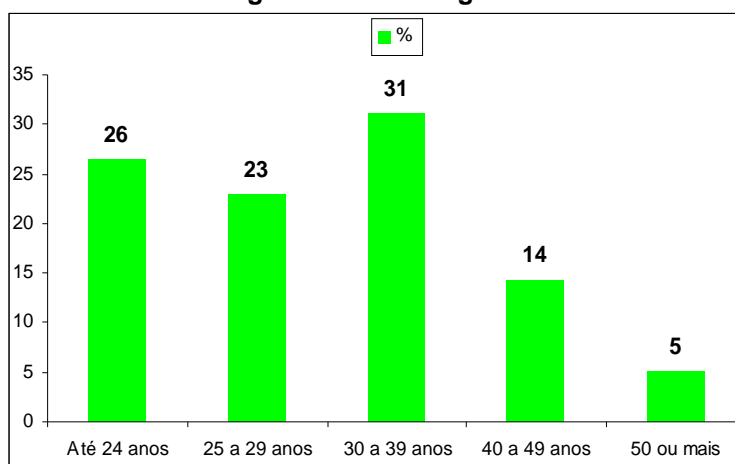
Fonte: RAIS-MTE

Elaboração: DIEESE

(1) CNAEs utilizadas: 55108 - Hotéis e similares e 55906 - Outros tipos de alojamento não especificados anteriormente.

(2) Municípios abrangidos: Alcobaça, Caravelas, Eunápolis, Guaratinga, Ibirapuã, Itabela, Itagimirim, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Porto Seguro, Prado, Santa Cruz Cabrália, Teixeira de Freitas e Vereda.

GRÁFICO 4 – Distribuição dos empregados do segmento Alimentos e bebidas ⁽¹⁾, segundo a faixa etária Micro-região de Porto Seguro ⁽²⁾, 2006



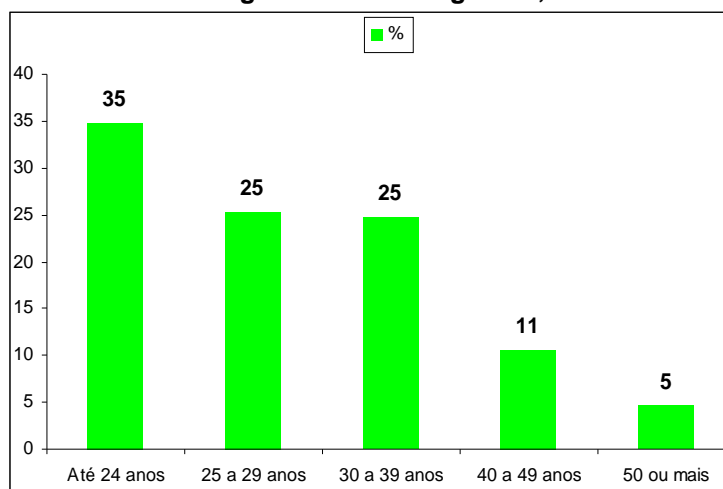
Fonte: RAIS-MTE

Elaboração: DIEESE

(1) Grupos CNAEs utilizados: 561 - Restaurantes e outros serviços de alimentação e bebidas e 562 - Serviços de catering, bufê e outros serviços de comida preparada.

(2) Municípios abrangidos: Alcobaça, Caravelas, Eunápolis, Guaratinga, Ibirapuã, Itabela, Itagimirim, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Porto Seguro, Prado, Santa Cruz Cabrália, Teixeira de Freitas e Vereda.

GRÁFICO 5 – Distribuição dos empregados do Comércio ⁽¹⁾, segundo a faixa etária Micro-região de Porto Seguro ⁽²⁾, 2006



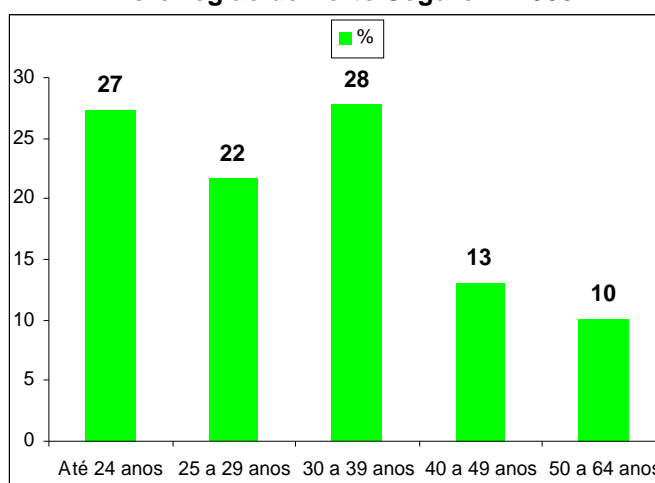
Fonte: RAIS-MTE

Elaboração: DIEESE

(1) Grupo CNAE utilizado: 472 - Comércio varejista de produtos alimentícios, bebidas e fumo.

(2) Municípios abrangidos: Alcobaça, Caravelas, Eunápolis, Guaratinga, Ibirapuã, Itabela, Itagimirim, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Porto Seguro, Prado, Santa Cruz Cabrália, Teixeira de Freitas e Vereda.

GRÁFICO 6 – Distribuição dos empregados em Lazer e entretenimento ⁽¹⁾, segundo a faixa etária Micro-região de Porto Seguro ⁽²⁾, 2006



Fonte: RAIS-MTE

Elaboração: DIEESE

(1) Divisões CNAEs utilizadas: 90 - Atividades artísticas, criativas e de espetáculos; 91 - Atividades ligadas ao patrimônio cultural e ambiental; 92 - Atividades de exploração de jogos de azar e apostas e 93 - Atividades esportivas e de recreação e lazer.

(2) Municípios abrangidos: Alcobaça, Caravelas, Eunápolis, Guaratinga, Ibirapuã, Itabela, Itagimirim, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Porto Seguro, Prado, Santa Cruz Cabrália, Teixeira de Freitas e Vereda.

Escolaridade

Apesar de os percentuais dos segmentos do setor variarem, de um modo geral, a maior parcela da força de trabalho formalizada no ramo Turismo e Hospitalidade

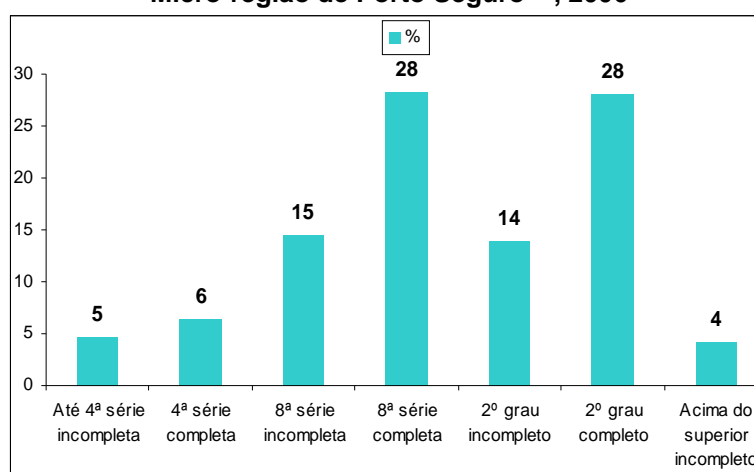
detinha o 2º grau completo. Isso revela que o setor tem acompanhado o aumento dos anos de estudo da população do país nas últimas décadas.

No segmento “Meios de hospedagem”, as duas faixas que computaram os maiores percentuais foram a 8ª série completa e o 2º grau completo (ambas com 28%). Já no segmento de Alimentos e bebidas, foram encontrados os maiores percentuais de empregado com 2º grau completo (24%) e 8ª série completa (22%).

O Comércio se destacou entre as atividades econômicas de Turismo e Hospitalidade, pois 42% da força de trabalho com registro em carteira empregada neste segmento tinham o 2º grau completo em 2006 (42%). Em seguida, com 16%, encontravam-se os trabalhadores com 2º grau incompleto. Assim, estas duas faixas somavam 58% dos empregados do setor com 2º grau incompleto ou completo.

Por fim, no segmento “Lazer e entretenimento”, 35% da mão-de-obra formalizada tinha o 2º grau completo em 2006, vindo a seguir a parcela com 8ª série completa, que correspondia a 20%.

GRÁFICO 7 – Distribuição dos empregados dos Meios de hospedagem ⁽¹⁾, segundo o grau de instrução Micro-região de Porto Seguro ⁽²⁾, 2006



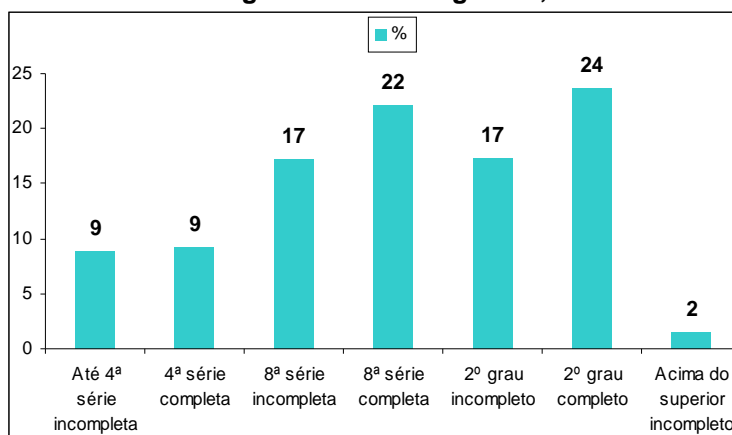
Fonte: RAIS-MTE

Elaboração: DIEESE

(1) CNAEs utilizadas: 55108 - Hotéis e similares e 55906 - Outros tipos de alojamento não especificados anteriormente.

(2) Municípios abrangidos: Alcobaca, Caravelas, Eunápolis, Guaratinga, Ibirapuã, Itabela, Itagimirim, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Porto Seguro, Prado, Santa Cruz Cabrália, Teixeira de Freitas e Vereda.

GRÁFICO 8 – Distribuição dos empregados dos Alimentos e bebidas ⁽¹⁾, segundo o grau de instrução Micro-região de Porto Seguro ⁽²⁾, 2006

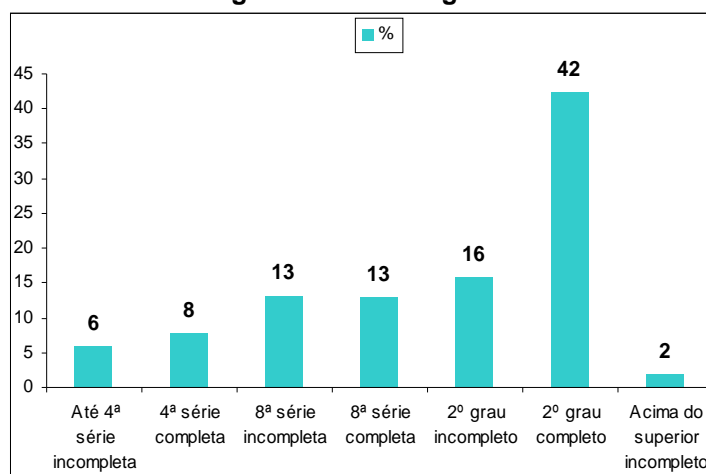


Fonte: RAIS-MTE
Elaboração: DIEESE

(1) Grupos CNAEs utilizados: 561 - Restaurantes e outros serviços de alimentação e bebidas e 562 - Serviços de catering, bufê e outros serviços de comida preparada.

(2) Municípios abrangidos: Alcobaça, Caravelas, Eunápolis, Guaratinga, Ibirapuã, Itabela, Itagimirim, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Porto Seguro, Prado, Santa Cruz Cabralia, Teixeira de Freitas e Vereda.

GRÁFICO 9 – Distribuição dos empregados do Comércio ⁽¹⁾, segundo o grau de instrução Micro-região de Porto Seguro ⁽²⁾, 2006

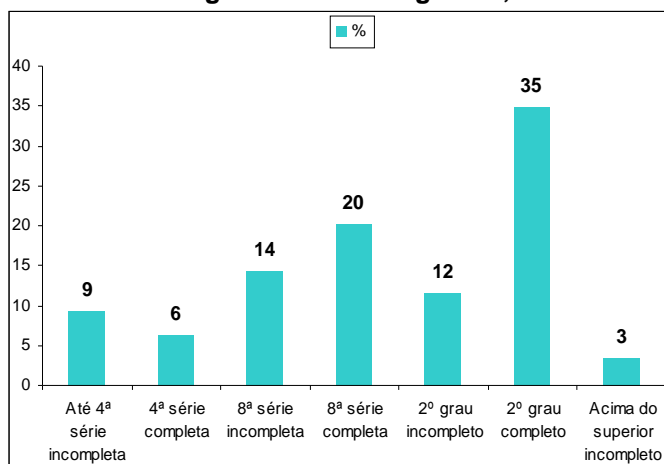


Fonte: RAIS-MTE
Elaboração: DIEESE

(1) Grupo CNAE utilizado: 472 - Comércio varejista de produtos alimentícios, bebidas e fumo.

(2) Municípios abrangidos: Alcobaça, Caravelas, Eunápolis, Guaratinga, Ibirapuã, Itabela, Itagimirim, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Porto Seguro, Prado, Santa Cruz Cabralia, Teixeira de Freitas e Vereda.

GRÁFICO 10 – Distribuição dos empregados do Lazer e entretenimento ⁽¹⁾, segundo o grau de instrução Micro-região de Porto Seguro ⁽²⁾, 2006



Fonte: RAIS-MTE
Elaboração: DIEESE

(1) Divisões CNAEs utilizadas: 90 - Atividades artísticas, criativas e de espetáculos; 91 - Atividades ligadas ao patrimônio cultural e ambiental; 92 - Atividades de exploração de jogos de azar e apostas e 93 - Atividades esportivas e de recreação e lazer.

(2) Municípios abrangidos: Alcobaça, Caravelas, Eunápolis, Guaratinga, Ibirapuã, Itabela, Itagimirim, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Porto Seguro, Prado, Santa Cruz Cabralia, Teixeira de Freitas e Vereda.

Estabilidade no emprego

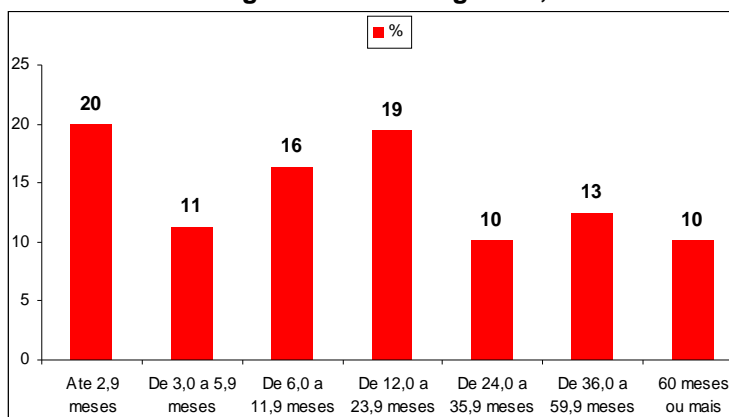
O tempo que um empregado permanece no emprego é uma variável que indica a rotatividade em um determinado setor. O tempo de trabalho, nos diferentes segmentos do ramo de Turismo e Hospitalidade mostra que os empregados estavam, em fins de 2006, há pouco tempo no emprego.

No caso do segmento “Meios de hospedagem” da micro-região de Porto Seguro, observa-se que 47% dos trabalhadores formalizados não tinham mais de 1 ano no emprego, em 2006. No outro extremo, apenas 10% da categoria encontrava-se há mais de 5 anos no mesmo trabalho.

Nos segmentos de “Alimentos e bebidas” e de “Comércio”, a situação foi mais preocupante. Em ambos os casos, mais da metade dos empregados com registro em carteira encontrava-se até 1 ano no emprego (52% nos dois segmentos). Em contrapartida, apenas 7% da categoria dos dois setores exercia a mesma atividade há mais de 5 anos.

Na atividade de “Lazer e entretenimento”, a situação foi um pouco melhor, 35% da força de trabalho formalizada estava no mesmo posto há até 1 ano, enquanto 15% dos trabalhadores ocupavam o mesmo posto há 5 anos no emprego.

GRÁFICO 11 – Distribuição dos empregados dos Meios de hospedagem ⁽¹⁾, segundo a faixa de tempo empregado Micro região de Porto Seguro ⁽²⁾, 2006



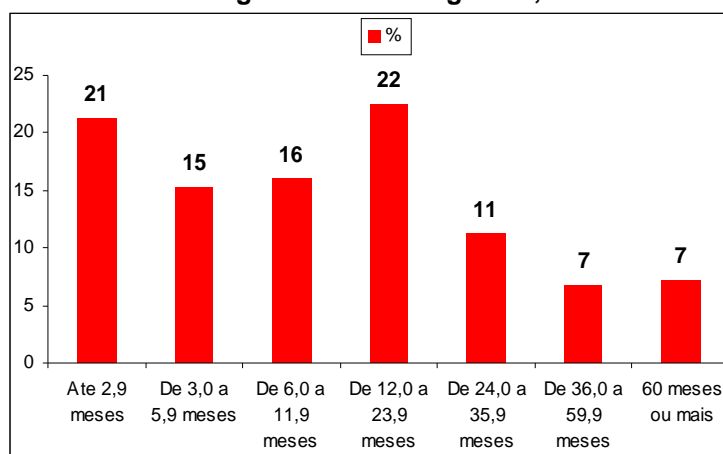
Fonte: RAIS-MTE

Elaboração: DIEESE

(1) CNAEs utilizadas: 55108 - Hotéis e similares e 55906 - Outros tipos de alojamento não especificados anteriormente.

(2) Municípios abrangidos: Alcobaça, Caravelas, Eunápolis, Guaratinga, Ibirapuã, Itabela, Itagimirim, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Porto Seguro, Prado, Santa Cruz Cabrália, Teixeira de Freitas e Vereda.

GRÁFICO 12 – Distribuição dos empregados dos Alimentos e bebidas ⁽¹⁾, segundo a faixa de tempo empregado Micro região de Porto Seguro ⁽²⁾, 2006



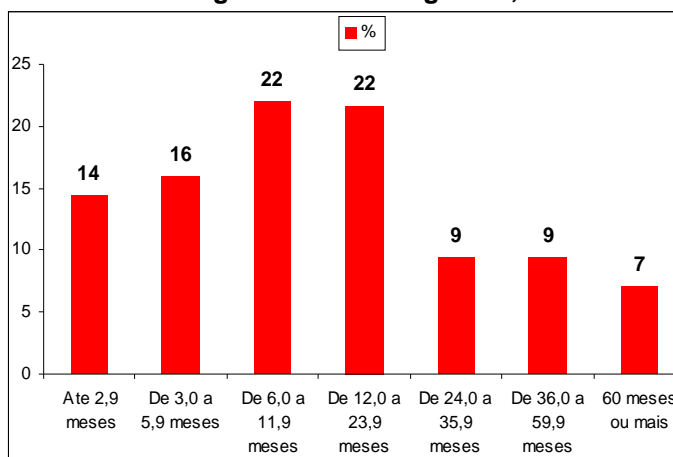
Fonte: RAIS-MTE

Elaboração: DIEESE

(1) Grupos CNAEs utilizados: 561 - Restaurantes e outros serviços de alimentação e bebidas e 562 - Serviços de catering, bufê e outros serviços de comida preparada.

(2) Municípios abrangidos: Alcobaça, Caravelas, Eunápolis, Guaratinga, Ibirapuã, Itabela, Itagimirim, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Porto Seguro, Prado, Santa Cruz Cabrália, Teixeira de Freitas e Vereda.

GRÁFICO 13 – Distribuição dos empregados do Comércio ⁽¹⁾, segundo a faixa de tempo empregado Micro região de Porto Seguro ⁽²⁾, 2006



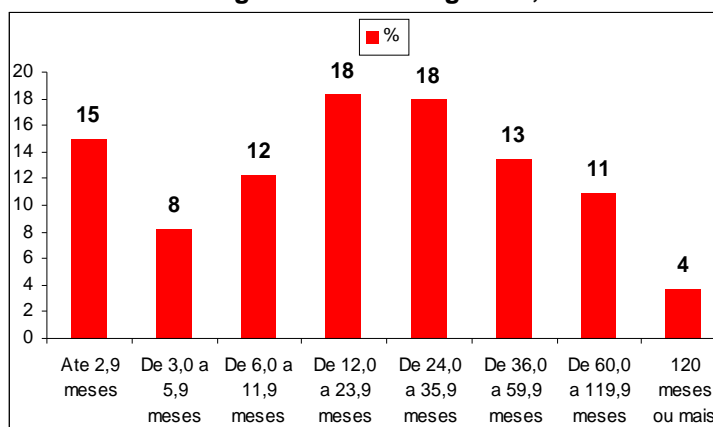
Fonte: RAIS-MTE

Elaboração: DIEESE

(1) Grupo CNAE utilizado: 472 - Comércio varejista de produtos alimentícios, bebidas e fumo.

(2) Municípios abrangidos: Alcobaça, Caravelas, Eunápolis, Guaratinga, Ibirapuã, Itabela, Itagimirim, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Porto Seguro, Prado, Santa Cruz Cabrália, Teixeira de Freitas e Vereda.

GRÁFICO 14 – Distribuição dos empregados do Lazer e entretenimento ⁽¹⁾, segundo a faixa de tempo empregado Micro região de Porto Seguro ⁽²⁾, 2006



Fonte: RAIS-MTE

Elaboração: DIEESE

(1) Divisões CNAEs utilizadas: 90 - Atividades artísticas, criativas e de espetáculos; 91 - Atividades ligadas ao patrimônio cultural e ambiental; 92 - Atividades de exploração de jogos de azar e apostas e 93 - Atividades esportivas e de recreação e lazer.

(2) Municípios abrangidos: Alcobaça, Caravelas, Eunápolis, Guaratinga, Ibirapuã, Itabela, Itagimirim, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Porto Seguro, Prado, Santa Cruz Cabrália, Teixeira de Freitas e Vereda.

Jornada e remuneração

A jornada média semanal da mão-de-obra com registro formalizado de trabalho do ramo de Turismo e Hospitalidade da micro-região de Porto Seguro - Bahia foi

praticamente de 44 horas em 2006. A única exceção ficou com o segmento de “Alimentos e bebidas”, no qual a jornada foi de 43 horas.

A remuneração média dos empregados formais variou conforme a atividade econômica, contudo, ela seguiu o cenário nacional, sendo muita baixa. Nos “Meios de hospedagem” a remuneração média ficou em R\$ 545,00; em “Alimentos e bebidas” correspondeu a R\$ 446,00; no “Comércio” foi de R\$ 472,00 e em “Lazer e entretenimento”, R\$ 515,00, remunerações entre 1,2 a 1,5 salários mínimos da época do levantamento.

TABELA 21 – Empregados, remuneração média e jornada média semanal segundo a atividade econômica Micro região de Porto Seguro ⁽¹⁾, 2006

Atividade econômica	Número de empregados	Remuneração média (em R\$)	Jornada média semanal
Meios de hospedagem ⁽²⁾	4.376	545,00	44
Alimentos e bebidas ⁽³⁾	2.605	446,00	43
Comércio ⁽⁴⁾	1.371	472,00	44
Lazer e entretenimento ⁽⁵⁾	267	515,00	44

Fonte: RAIS-MTE

Elaboração: DIEESE

(1) Municípios abrangidos: Alcobaça, Caravelas, Eunápolis, Guaratinga, Ibirapuã, Itabela, Itagimirim, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Porto Seguro, Prado, Santa Cruz Cabralia, Teixeira de Freitas e Vereda.

(2) CNAEs utilizadas: 55108 - Hotéis e similares e 55906 - Outros tipos de alojamento não especificados anteriormente.

(3) Grupos CNAEs utilizados: 561 - Restaurantes e outros serviços de alimentação e bebidas e 562 - Serviços de catering, bufê e outros serviços de comida preparada.

(4) Grupo CNAE utilizado: 472 - Comércio varejista de produtos alimentícios, bebidas e fumo.

(5) Divisões CNAEs utilizadas: 90 - Atividades artísticas, criativas e de espetáculos; 91 - Atividades ligadas ao patrimônio cultural e ambiental; 92 - Atividades de exploração de jogos de azar e apostas e 93 - Atividades esportivas e de recreação e lazer.

Escolaridade e gênero

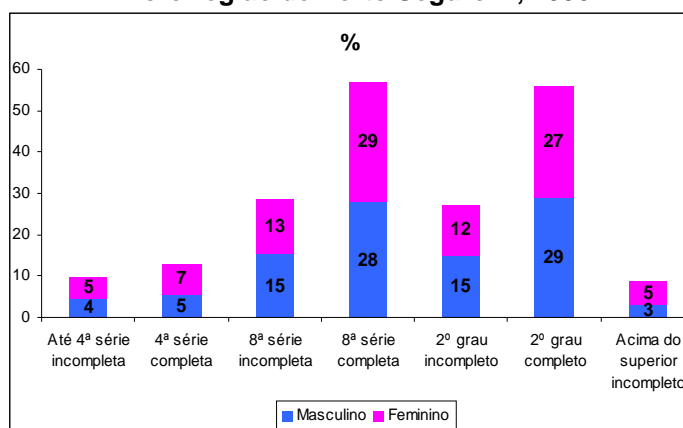
O cruzamento dos dados de escolaridade e sexo, no emprego formal, diferiu segundo os segmentos considerados. Entre os empregados em “Meios de hospedagem”, 29% das mulheres e 28% dos homens tinham a 8ª série completa. Já quando se trata do percentual daqueles que tinham 2º grau, a parcela referente aos homens correspondia a 29%, e para a mão-de-obra feminina ficava em 27%. Cinco por cento das mulheres e 3% dos homens tinham escolaridade acima do superior incompleto.

Para o segmento de “Alimentos e bebidas”, do total de homens empregados, 22% tinham 8ª série completa e 24% concluíram o 2º grau. No caso das mulheres, os percentuais em relação à força de trabalho feminina foram os mesmos que o apurado

para os homens. Na escolaridade acima do superior incompleto, 2% das mulheres e 1% dos homens tinham este nível de escolaridade.

No setor de “Comércio”, 51% das trabalhadoras concluíram o 2º grau, enquanto que entre os homens este percentual foi de 37%. Situação similar a do segmento de “Lazer e entretenimento”, no qual 53% das trabalhadoras haviam conseguido completar o 2º grau, enquanto que entre os trabalhadores o percentual foi de 23%.

GRÁFICO 15 – Distribuição dos empregados dos Meios de hospedagem ⁽¹⁾, segundo o grau de instrução e o gênero Micro-região de Porto Seguro ⁽²⁾, 2006



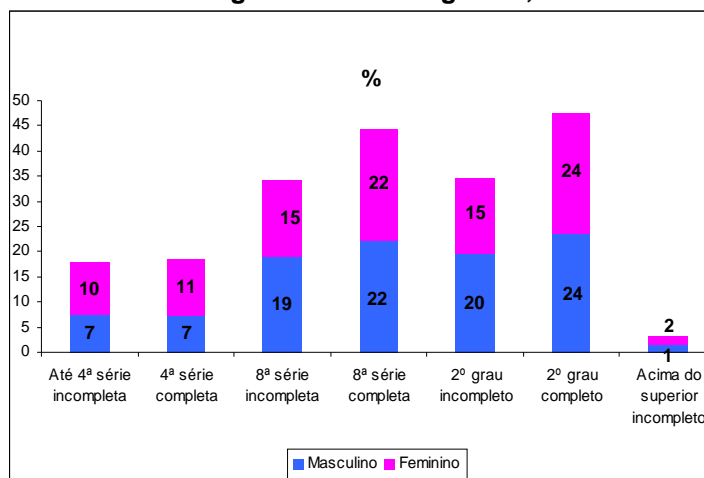
Fonte: RAIS-MTE

Elaboração: DIEESE

(1) CNAEs utilizadas: 55108 - Hotéis e similares e 55906 - Outros tipos de alojamento não especificados anteriormente.

(2) Municípios abrangidos: Alcobaça, Caravelas, Eunápolis, Guaratinga, Ibirapuã, Itabela, Itagimirim, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Porto Seguro, Prado, Santa Cruz Cabrália, Teixeira de Freitas e Vereda.

GRÁFICO 16 – Distribuição dos empregados dos Alimentos e bebidas ⁽¹⁾, segundo o grau de instrução e o gênero ⁽²⁾, Micro região de Porto Seguro ⁽²⁾, 2006



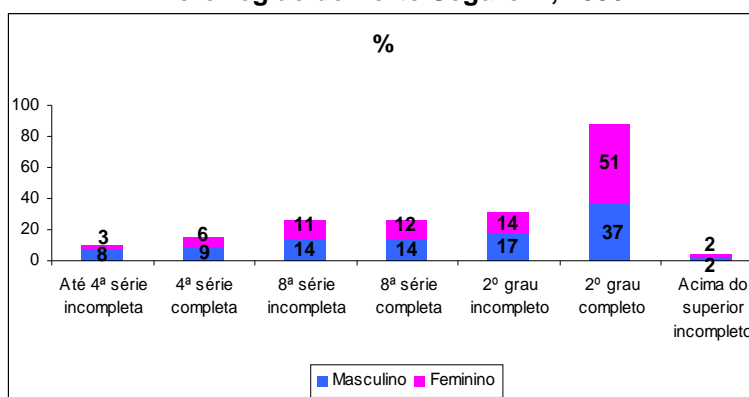
Fonte: RAIS-MTE

Elaboração: DIEESE

(1) Grupos CNAEs utilizados: 561 - Restaurantes e outros serviços de alimentação e bebidas e 562 - Serviços de catering, bufê e outros serviços de comida preparada.

(2) Municípios abrangidos: Alcobaça, Caravelas, Eunápolis, Guaratinga, Ibirapuã, Itabela, Itagimirim, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Porto Seguro, Prado, Santa Cruz Cabrália, Teixeira de Freitas e Vereda.

GRÁFICO 17 – Distribuição dos empregados do Comércio ⁽¹⁾, segundo o grau de instrução e o gênero ⁽²⁾, Micro-região de Porto Seguro ⁽²⁾, 2006



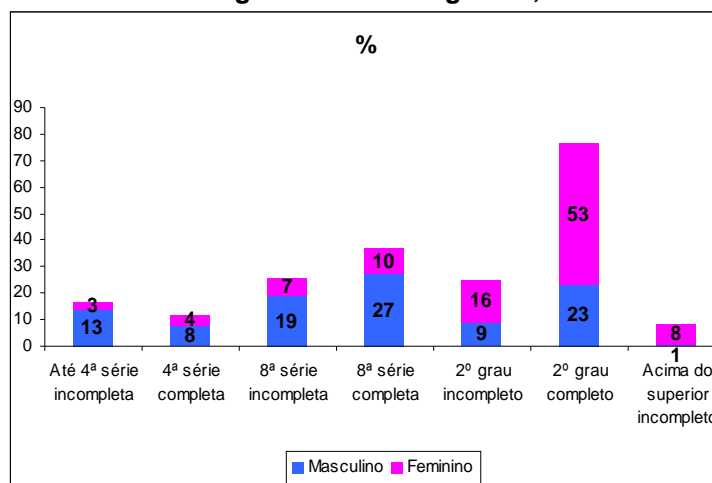
Fonte: RAIS-MTE

Elaboração: DIEESE

(1) Grupo CNAE utilizado: 472 - Comércio varejista de produtos alimentícios, bebidas e fumo.

(2) Municípios abrangidos: Alcobaça, Caravelas, Eunápolis, Guaratinga, Ibirapuã, Itabela, Itagimirim, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Porto Seguro, Prado, Santa Cruz Cabrália, Teixeira de Freitas e Vereda.

GRÁFICO 18 – Distribuição dos empregados do Lazer e entretenimento ⁽¹⁾, segundo o grau de instrução e o gênero ⁽²⁾, Micro-região de Porto Seguro ⁽²⁾, 2006



Fonte: RAIS-MTE

Elaboração: DIEESE

(1) Divisões CNAEs utilizadas: 90 - Atividades artísticas, criativas e de espetáculos; 91 - Atividades ligadas ao patrimônio cultural e ambiental; 92 - Atividades de exploração de jogos de azar e apostas e 93 - Atividades esportivas e de recreação e lazer.

(2) Municípios abrangidos: Alcobaca, Caravelas, Eunápolis, Guaratinga, Ibirapuã, Itabela, Itagimirim, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Porto Seguro, Prado, Santa Cruz Cabrália, Teixeira de Freitas e Vereda.

Escolaridade e faixa etária

Relacionando-se as variáveis grau de instrução e faixa etária, constatou-se que conforme a idade dos empregados formais do ramo de Turismo e Hospitalidade da micro-região de Porto Seguro aumentava, a escolaridade ia diminuindo. No segmento “Meios de hospedagem” o percentual da mão-de-obra com o 2º grau completo diminuiu conforme a idade foi avançando. Entre os trabalhadores com até 24 anos de idade, 36% haviam concluído o 2º grau, enquanto entre os trabalhadores com mais de 50 anos, 20% chegaram ao mesmo nível de escolaridade. Em contrapartida, entre os empregados com a 8ª série completa, o cenário foi o inverso, o percentual aumenta conforme a idade foi crescendo. Entre os empregados com até 24 anos de idade, 25% tinham a 8ª série completa, já entre os trabalhadores com 50 anos ou mais, 32% estavam nessa condição.

No segmento de “Alimentos e bebidas”, 58% dos empregados com registro formalizado de trabalho na faixa etária até 24 anos, tinham entre o 2º grau incompleto e o completo. Já na faixa etária dos 40 aos 49 anos, 47% dos trabalhadores formalizados tinham entre a 8ª série incompleta e a completa. Acima dos 50 anos, observa-se uma parcela de 45% da força de trabalho com grau de instrução até a 4ª série completa.

Na atividade de “Comércio”, na faixa de idade até os 24 anos e dos 25 aos 29 anos, mais da metade dos empregados tinha entre o 2º grau incompleto e o 2º grau completo (67% e 63% respectivamente). A partir dos 30 anos esses percentuais caíram, sendo 52% dos 30 aos 39 anos, 46% dos 40 aos 49 anos e para quem tinha mais de 50 anos, o cenário se inverteu completamente, 40% tinha até a 4ª série completa.

No setor de “Lazer e entretenimento”, 59% dos trabalhadores na faixa etária dos 25 a 29 anos tinham o 2º grau completo. Para os empregados com idade entre 50 e 64 anos, os trabalhadores com 8ª série completa eram 41%, e os com até 4ª série incompleta, 30%.

TABELA 22 – Distribuição dos empregados dos Meios de hospedagem ⁽¹⁾, segundo o grau de instrução e a faixa etária Micro-região de Porto Seguro ⁽²⁾, 2006

Grau de instrução	(em %)				
	Até 24 anos	25 a 29 anos	30 a 39 anos	40 a 49 anos	50 ou mais
Até 4ª série incompleta	2	3	6	6	14
4ª série completa	4	5	7	11	10
8ª série incompleta	11	14	16	17	11
8ª série completa	25	29	29	30	32
2º grau incompleto	19	14	12	12	9
2º grau completo	36	30	27	20	20
Acima do superior incompleto	3	6	3	4	5
Total	100	100	100	100	100

Fonte: RAIS-MTE

Elaboração: DIEESE

(1) CNAEs utilizadas: 55108 - Hotéis e similares e 55906 - Outros tipos de alojamento não especificados anteriormente.

(2) Municípios abrangidos: Alcobaça, Caravelas, Eunápolis, Guaratinga, Ibirapuã, Itabela, Itagimirim, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Porto Seguro, Prado, Santa Cruz Cabralia, Teixeira de Freitas e Vereda.

**TABELA 23 – Distribuição dos empregados dos Alimentos e bebidas ⁽¹⁾,
segundo o grau de instrução e a faixa etária
Micro-região de Porto Seguro ⁽²⁾, 2006**

(em %)

Grau de instrução	Até 24 anos	25 a 29 anos	30 a 39 anos	40 a 49 anos	50 ou mais
Até 4ª série incompleta	5	6	9	14	28
4ª série completa	4	9	10	13	17
8ª série incompleta	11	17	21	22	9
8ª série completa	21	23	23	25	15
2º grau incompleto	26	20	15	7	8
2º grau completo	32	24	20	17	21
Acima do superior incompleto	1	2	2	2	2
Total	100	100	100	100	100

Fonte: RAIS-MTE

Elaboração: DIEESE

(1) Grupos CNAEs utilizados: 561 - Restaurantes e outros serviços de alimentação e bebidas e 562 - Serviços de catering, bufê e outros serviços de comida preparada.

(2) Municípios abrangidos: Alcobaça, Caravelas, Eunápolis, Guaratinga, Ibirapuã, Itabela, Itagimirim, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Porto Seguro, Prado, Santa Cruz Cabralia, Teixeira de Freitas e Vereda.

**TABELA 24 – Distribuição dos empregados do Comércio ⁽¹⁾,
segundo o grau de instrução e a faixa etária
Micro-região de Porto Seguro ⁽²⁾, 2006**

(em %)

Grau de instrução	Até 24 anos	25 a 29 anos	30 a 39 anos	40 a 49 anos	50 ou mais
Até 4ª série incompleta	2	4	9	8	23
4ª série completa	6	5	9	12	17
8ª série incompleta	12	14	15	15	11
8ª série completa	12	12	14	16	14
2º grau incompleto	21	17	12	8	12
2º grau completo	46	46	40	38	18
Acima do superior incompleto	2	1	2	3	5
Total	100	100	100	100	100

Fonte: RAIS-MTE

Elaboração: DIEESE

(1) Grupo CNAE utilizado: 472 - Comércio varejista de produtos alimentícios, bebidas e fumo.

(2) Municípios abrangidos: Alcobaça, Caravelas, Eunápolis, Guaratinga, Ibirapuã, Itabela, Itagimirim, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Porto Seguro, Prado, Santa Cruz Cabralia, Teixeira de Freitas e Vereda.

**TABELA 25 – Distribuição dos empregados do Lazer e entretenimento ⁽¹⁾,
segundo o grau de instrução e a faixa etária
Micro-região de Porto Seguro ⁽²⁾, 2006**

Grau de instrução	(em %)				
	Até 24 anos	25 a 29 anos	30 a 39 anos	40 a 49 anos	50 a 64 anos
Até 4ª série incompleta	5	5	8	11	30
4ª série completa	4	3	9	9	7
8ª série incompleta	21	10	14	14	7
8ª série completa	22	12	16	23	41
2º grau incompleto	7	9	19	17	4
2º grau completo	33	59	31	26	11
Acima do superior incompleto	8	2	3	0	0
Total	100	100	100	100	100

Fonte: RAIS-MTE

Elaboração: DIEESE

(1) Divisões CNAEs utilizadas: 90 - Atividades artísticas, criativas e de espetáculos; 91 - Atividades ligadas ao patrimônio cultural e ambiental; 92 - Atividades de exploração de jogos de azar e apostas e 93 - Atividades esportivas e de recreação e lazer.

(2) Municípios abrangidos: Alcobaça, Caravelas, Eunápolis, Guaratinga, Ibirapuã, Itabela, Itagimirim, Itamaraju, Itanhém, Jucuruçu, Lajedão, Medeiros Neto, Mucuri, Nova Viçosa, Porto Seguro, Prado, Santa Cruz Cabrália, Teixeira de Freitas e Vereda.

3. Levantamento de Demandas e Tendências da Qualificação Profissional – Porto Seguro - BA: A Visão dos Atores

Este relatório descreve o processo de elaboração das entrevistas realizadas com o objetivo de identificar necessidades e demandas relativas à qualificação profissional dos trabalhadores do setor de turismo, a fim de obter elementos que contribuam para a definição de ações para o desenvolvimento e aprimoramento da formação e certificação profissional no setor.

Primeiramente, será descrita a metodologia utilizada na pesquisa com os atores, ou seja, como foram definidos os temas a serem abordados, o processo de construção do roteiro de entrevistas, definidos os critérios para a determinação do grupo a ser entrevistado, como as entrevistas foram agendadas, bem como sua realização.

Em seguida, será abordada a questão relacionada aos procedimentos posteriores às entrevistas, detalhando o processo de transcrição, a organização do material de campo, a construção do roteiro de análise. Finalmente, serão apresentados os resultados obtidos com o trabalho de campo.

3.1 Metodologia utilizada para a realização da pesquisa de campo

3.1.1 Definição dos temas

As entrevistas foram propostas com o objetivo de captar a demanda por qualificação segundo as diferentes entidades envolvidas com o processo de trabalho no setor. A partir da definição desse objetivo, partiu-se para o levantamento dos temas a serem abordados, com o propósito de nortear a construção do roteiro de pesquisa.

A equipe técnica do DIEESE percebeu que a caracterização da qualificação profissional precisava ser contemplada no contexto do setor e Turismo e Hospitalidade, tal como ele se manifestava na região de Porto Seguro. Desta forma, procurou-se identificar se os dados levantados nos estudos de perfil do trabalhador e no estudo setorial eram corroborados pela percepção dos representantes entrevistados.

A partir da descrição da economia da região, do desempenho do setor de Turismo e Hospitalidade e do perfil deste trabalhador, em Porto Seguro, buscou-se caracterizar a oferta e a demanda por qualificação profissional para este segmento, segundo os diferentes pontos de vista. Foram propostas, então, algumas questões gerais

sobre o tema e algumas questões específicas para cada entidade entrevistada, dada a inserção diferenciada de cada uma na demanda e na oferta de qualificação.

Por fim, devido ao foco da pesquisa do Intercâmbio, Informações, Estudos e Pesquisas (IIEP), entidade parceira na realização do projeto, constituiu-se um bloco de questões referente à certificação profissional.

3.1.2 Construção do roteiro

O roteiro de pesquisa construído a partir dos temas propostos buscou detalhar e organizar, de forma lógica, as questões levantadas. Foram realizadas também algumas reuniões com o IIEP e, posteriormente, com os representantes das Escolas Profissionais da CUT, para consolidar as questões propostas pelas duas instituições que estariam realizando a pesquisa, de modo a ordená-las e evitar perguntas duplicadas. Com isso, estabeleceu-se o seguinte fluxo no questionário:

Estrutura do Roteiro de Pesquisa
1. Características Gerais do Setor e da Ocupação (comum DIEESE/IIEP)
2. Características da Oferta e Demanda por Qualificação (comum DIEESE/IIEP)
3. Questões Específicas para as Entidades de Trabalhadores (DIEESE)
4. Questões Específicas para as Entidades Patronais (DIEESE)
5. Questões Específicas para as Entidades Governamentais (DIEESE)
6. Regulação (IIEP)
7. Participação Social (IIEP)
8. Estruturação Curricular (IIEP)

3.1.3 Definição do grupo a ser entrevistado

As entidades a serem entrevistadas foram escolhidas a partir da análise de sua legitimidade e importância frente ao segmento que representam na cidade de Porto Seguro e região. Nesse sentido, foram realizadas entrevistas em duas entidades representativas de trabalhadores, uma patronal e outra governamental. A escolha destas entidades tinha por objetivo identificar as diferentes visões e demandas acerca da qualificação profissional no setor de turismo e hospitalidade na região pesquisada.

O SINTHOTESB (Sindicato dos Trabalhadores em Hotéis, Bares, Restaurantes e Similares do Extremo Sul da Bahia) foi selecionado por representar os trabalhadores dos segmentos envolvidos no turismo na região de Porto Seguro.

Foi considerado importante também, para a pesquisa, a inclusão da CONTRACS (Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio e Serviços), entidade localizada em São Paulo, mas que representa os trabalhadores dos segmentos envolvidos no turismo, em âmbito nacional.

O SINDHESUL (Sindicato de Hotéis, Bares e Restaurantes do Extremo Sul da Bahia) foi a entidade patronal escolhida para representar a visão dos empregadores dos hotéis, restaurantes, bares e similares da região.

Por fim, como representante do poder público, foi escolhida a Secretaria Municipal de Turismo de Porto Seguro. Buscou-se assim captar a visão dos gestores públicos para análise do setor de turismo na região.

3.1.4 Agendamento das entrevistas

Com exceção da CONTRACS, que foi contatada pelos técnicos do DIEESE e do IIEP, o primeiro contato com os entrevistados para anunciar a pesquisa e seus objetivos ficou sob a responsabilidade do representante da Escola Brasil Profissional Educação Integral/CUT Brasil. Os agendamentos das entrevistas em Porto Seguro ficaram sob responsabilidade de técnicos do DIEESE e do IIEP. O campo foi realizado entre os dias 09 e 12 de outubro de 2008, em Porto Seguro e no dia 17 de outubro, em São Paulo.

3.1.5 Realização das entrevistas

A realização das entrevistas tinha por objetivo a produção de um panorama da oferta e demanda por qualificação e certificação profissional no setor de turismo e hospitalidade na cidade de Porto Seguro e região. Buscava-se identificar as expectativas dos principais representantes dos trabalhadores, empresários e governo no setor de turismo quanto à qualificação profissional, de modo a levantar as potencialidades e necessidades da região. Estas demandas serão identificadas para subsidiar a construção de instrumentos adequados para a avaliação e implantação de programas de formação profissional na cidade de Porto Seguro e região.

As entrevistas foram realizadas com a presença de uma técnica do DIEESE e um do IIEP. O roteiro foi usado para direcionar as entrevistas, sem, no entanto, que os entrevistados tivessem obrigatoriedade de responder exaustivamente às perguntas propostas.

A seguir, segue o quadro com a data de realização das entrevistas, as entidades e os responsáveis entrevistados:

Nome e tipo de entidade	Data da entrevista
Secretaria Municipal de Turismo - Entidade Governamental	09 de outubro de 2008
SINDHESUL (Sindicato de Hotéis, Bares e Restaurantes do Extremo Sul da Bahia) – Entidade Patronal	09 de outubro de 2008
SINTHOTESB (Sindicato dos Trabalhadores em Hotéis, Bares, Restaurantes e Similares do Extremo Sul da Bahia) - Entidade de Trabalhadores	10 de outubro de 2008
	10 de outubro de 2008
	12 de outubro de 2008
CONTRACS (Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio e Serviços) - Entidade de Trabalhadores	17 de outubro de 2008

3.1.6 Degravação das entrevistas, organização do material de campo

A atividade requereu o uso de gravadores para registrá-la, e procedendo-se a degrevação do áudio, para possibilitar uma maior qualidade do uso da informação para a elaboração deste relatório.

Em seguida, de posse dos textos das entrevistas, foi iniciada a leitura do material levantado: entrevistas, folhetos de divulgação de cursos e pesquisas distribuídos pelas entidades. Neste momento também já estava pronta a parte referente ao perfil dos

trabalhadores e à análise setorial, que serviu de subsídio para a realização da análise das entrevistas.

3.1.7 Construção do roteiro de análise

Após a organização do material de campo, e de posse da primeira avaliação dos resultados das entrevistas, foi elaborada uma proposta de metodologia de análise. A estrutura proposta buscava seguir a lógica temática exposta no fluxo do roteiro de pesquisa e destacar as diferenças entre as visões e demandas sobre a qualificação por parte das entidades entrevistadas.

A análise está estruturada da seguinte forma: na primeira parte são descritas as características apontadas para o setor de turismo em Porto Seguro e região e, na segunda parte, as características da oferta e demanda por qualificação segundo as diferentes entidades pesquisadas.

Na primeira parte, portanto, é feita uma contextualização geral do setor de turismo a partir das questões iniciais do roteiro de pesquisa, que fazem referência à vocação do turismo na localidade, à dinâmica atual – mudanças recentes e possíveis questões que terão influência sobre o perfil dos trabalhadores da região – e os principais problemas enfrentados no setor pelos diferentes segmentos entrevistados.

Na segunda parte, a análise se concentra na questão da qualificação e, por meio de um quadro explicativo, busca identificar as principais questões acerca da oferta e da demanda por qualificação e dar destaque às diferenças nos discursos de cada entidade.

Por fim, serão levantadas as principais conclusões decorrentes da análise das entrevistas e, a partir desse diagnóstico, serão indicadas as diretrizes sugeridas para o desenvolvimento e aprimoramento da formação e certificação profissional no setor de turismo e hospitalidade em Porto Seguro e região.

3.2 Análise dos Resultados

Após descrever o processo de preparação, realização e sistematização das entrevistas, será realizada a análise pormenorizada dos resultados das entrevistas.

3.2.1 Características do turismo em Porto Seguro e região

De modo geral, a caracterização do setor de turismo e hospitalidade presente na fala dos representantes das entidades de trabalhadores, empresários e governamental de Porto Seguro foi bastante coerente, apesar da posição diferenciada de cada uma delas no processo de trabalho.

A região da cidade de Porto Seguro, também conhecida como “Costa do Descobrimento”, que é formada pelos municípios de Belmonte, Itabela, Porto Seguro e Santa Cruz Cabralia, tem como potencialidades o ecoturismo, o turismo “cultural”, o “de aventura” e o “de sol e praia” e esse é um dos percursos identificados no levantamento “Roteiros do Brasil – roteiros turísticos para obtenção de padrão de qualidade internacional”, do Ministério do Turismo, atualizado em 2006.

Apesar dessas potencialidades, o turismo que é praticado na região tem como característica básica o lazer. De acordo com os entrevistados, isto acaba sendo um problema, porque o fluxo de turistas não é regular ao longo do ano, mas concentra-se nos períodos de férias. No resto do ano, a taxa de ocupação nos hotéis e o movimento no comércio são menores, o que se reflete na oferta de vagas para os trabalhadores, porque a economia da cidade como um todo gira em torno do turismo.

Para eles, as alternativas para driblar essa questão seriam a diversificação das atividades turísticas na região, com investimento nas estruturas para realização de eventos ao longo do ano, e a valorização dos aspectos culturais da região, já que foi nessa região que os portugueses primeiro aportaram no Brasil. Para a entidade de trabalhadores (SINTHOTESB), no entanto, ainda faltam investimentos em infraestrutura para que essas modalidades de turismo possam avançar.

É de se ressaltar, que na fala dos representantes da entidade patronal e na governamental, a questão da sazonalidade não foi apontada como fator de diminuição dos postos de trabalho. Para o representante do sindicato patronal, inclusive, não é interessante para o setor demitir na baixa temporada, pois seria necessário (re)treinar anualmente a mão-de-obra.

De acordo com os entrevistados, a região de Porto Seguro surgiu como destino turístico por volta de 15 anos atrás. E a mão-de-obra que para lá se deslocou, em busca de inserção nas novas atividades, veio da cultura cacauieira do sul da Bahia, então em processo de declínio. Também procuravam nova atividade, pois, com a implantação de

fábricas de celulose na região, e o plantio de florestas de eucaliptos, muitos trabalhadores foram expulsos do campo.

Esses trabalhadores oriundos do campo eram, inicialmente, segundo o quadro apresentado, mais velhos (com idade a partir de 40 anos) e com baixíssima escolaridade. Hoje em dia, os trabalhadores do turismo na região de Porto Seguro estão cada vez mais jovens, e os anos de estudo aumentaram, não havendo muito espaço para pessoas com menos que o ensino médio completo, principalmente no setor hoteleiro.

Na fala dos representantes dos trabalhadores, a cidade de Porto Seguro apresenta diferenças gritantes nos serviços destinados aos turistas e na infra-estrutura para os moradores da cidade, principalmente nos bairros mais afastados do centro. São bem visíveis as disparidades de investimento público nas diferentes regiões da cidade.

A forte sazonalidade e rotatividade acabam dificultando as conquistas trabalhistas, como por exemplo, a demarcação de um piso para a categoria. A própria sindicalização fica prejudicada, ainda que os representantes das entidades governamental e patronal considerem o sindicato dos trabalhadores bastante atuante.

Outra razão apontada pelos representantes dos trabalhadores para a baixa sindicalização seria a ilusão provocada pelo ambiente de trabalho. O garçom não quer parar para não perder a caixinha, a recepcionista não quer perder sua comissão. Além disso, o local onde passam a maior parte do dia é bonito, oferece alimentação variada, o que tornaria, para os trabalhadores, pouco importante o fato de em suas casas as condições serem ruins e de seu salário ser extremamente baixo.

3.2.2 Características da oferta e demanda por qualificação profissional no turismo em Porto Seguro e Região

A partir da contextualização do setor e da ocupação, as entrevistas foram direcionadas para a caracterização da qualificação profissional em Porto Seguro e região. Neste sentido, foi sugerido aos representantes de cada entidade que indicassem quais seriam as principais características da oferta e da demanda por qualificação profissional no setor de turismo e hospitalidade, segundo o segmento que cada representa.

Nos quadros abaixo estão os principais pontos indicados:

QUADRO RESUMO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS EM PORTO SEGURO (TRABALHADORES)	
CARACTERÍSTICAS DA OFERTA DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL NA REGIÃO	CARACTERÍSTICAS DA DEMANDA POR QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL NA REGIÃO
Quem oferece cursos de qualificação	Os trabalhadores que estão desempregados são os que mais procuram os cursos de qualificação profissional.
<ul style="list-style-type: none"> ○ SENAC ○ Escola Brasil ○ CEFET 	O principal fator de escolha de um curso de qualificação profissional é a gratuidade, seguido pela compatibilidade com o horário de trabalho e o nome da instituição.
<ul style="list-style-type: none"> ○ SENAC ○ Escola Brasil 	A localização do curso de qualificação é muito importante para os trabalhadores que estão desempregados, porque nem sempre eles têm dinheiro para pagar o transporte, e acabam não conseguindo concluir o curso.
<ul style="list-style-type: none"> ○ CEFET ○ SENAC ○ Escola Brasil 	O principal fator para a escolha do curso é a gratuidade, seguida da facilidade de acesso e o nome da escola
<ul style="list-style-type: none"> ○ Sistema S ○ Escolas da CUT 	Os cursos têm que ser oferecidos durante o horário de trabalho. Essa deve ser uma reivindicação dos trabalhadores e estar garantida nas convenções coletivas.
	Os cursos devem valorizar o conhecimento prévio dos trabalhadores e torná-los capazes de serem críticos e de reconhecer seus direitos.

**CONTINUAÇÃO DO QUADRO RESUMO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS EM PORTO SEGURO
(TRABALHADORES)****CARACTERÍSTICAS DA OFERTA DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL NA REGIÃO****Como são os cursos**

- Cursos montados sem a participação dos trabalhadores. Já chegam prontos;
 - Nº. de vagas insuficiente.
-
- SENAC - cursos não qualificam os trabalhadores, por serem muito teóricos e rápidos (60, 80 horas);
 - Escola Brasil - conceito de educação integral, aulas práticas e estágio nos hotéis, cursos adequados à jornada de trabalho (150, 200 horas).
-
- Vagas oferecidas são insuficientes e os cursos são muito teóricos;
 - Não há vagas reservadas exclusivamente para os desempregados;
 - CEFET - cursos com horários que não são bons para os trabalhadores e ainda não têm turmas formadas;
 - SENAC - cursos mais rápidos e pouco aprofundados;
 - Escola Brasil - cursos mais aprofundados.
-
- Sistema S:
- Cursos voltados para os interesses dos empresários;
 - Cursos muito rápidos e caros, não atendendo as necessidades dos trabalhadores;
- Escolas da CUT - educação integral (agrega os saberes adquiridos dos trabalhadores).

CONTINUAÇÃO DO QUADRO RESUMO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS EM PORTO SEGURO (TRABALHADORES)	
CARACTERÍSTICAS DA OFERTA DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL NA REGIÃO	
Aspectos da qualificação hoje	
Não há incentivo dos patrões para a qualificação dos trabalhadores.	
A qualificação profissional não está em nenhuma convenção coletiva em Porto Seguro.	
Os empresários querem trabalhadores não qualificados para pagar menos.	

QUADRO RESUMO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS EM PORTO SEGURO (EMPRESÁRIOS)	
CARACTERÍSTICAS DA OFERTA DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL NA REGIÃO	CARACTERÍSTICAS DA DEMANDA POR QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL NA REGIÃO
A oferta de qualificação em Porto Seguro é muito recente.	O que conta mais é a experiência do trabalhador, sua dedicação e não o fato de ter feito um curso de qualificação.
Não há como saber se o número de vagas é insuficiente ou se há pouca procura por cursos de qualificação profissional, mas o resultado é que poucos trabalhadores estão qualificados.	No setor de hotelaria não há muito investimento na qualificação de seus trabalhadores, assim como no comércio.

QUADRO RESUMO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS EM PORTO SEGURO (GOVERNO MUNICIPAL)
CARACTERÍSTICAS DA OFERTA DE QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL NA REGIÃO
Quem oferece cursos de qualificação/como são esses cursos
<ul style="list-style-type: none">○ SENAC - é a grande referência quando se fala em qualificação profissional. Não tem sede em Porto Seguro (traz as carretas);○ Instituto Aliança - trabalho mais voltado para a preparação do jovem para o primeiro emprego; CEFET: formação de guias turísticos.
Investimentos na qualificação
A Secretaria Municipal de Turismo é parceira do SENAC (oferece hospedagem e alimentação para os técnicos da escola, além da infra-estrutura para os cursos).
Aspectos da qualificação hoje
Pouca variedade de cursos oferecidos.
Não há diálogo formal entre trabalhadores, empresários e governo sobre a questão da qualificação profissional.

3.3 Análise das entrevistas

O resultado da pesquisa realizada em Porto Seguro aponta que nas convenções coletivas os trabalhadores não conseguem garantir mínimas condições de trabalho, como por exemplo, um piso salarial para a categoria, ou condições para que a qualificação dos trabalhadores seja realizada durante a jornada de trabalho. A qualificação profissional ainda é responsabilidade dos trabalhadores, que buscam se qualificar após sua jornada de trabalho. Isso acaba por desestimulá-los, porque isso amplia o período longe da família, dificulta a convivência com os filhos, faz com que cheguem tarde em casa, e fiquem cansados. De acordo com uma representante da CONTRACS, é importante que haja uma melhor capacitação dos dirigentes sindicais para as mesas de negociação, especificamente para que tenham condições de discutir e reivindicar a garantia dos direitos dos trabalhadores em questões relacionadas à qualificação profissional.

O Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) ainda é a referência quanto à qualificação profissional na região de Porto Seguro, mas esse modelo não atende às necessidades dos trabalhadores como classe. É fornecida uma qualificação voltada para os interesses das empresas, e que não apropria os conhecimentos que o trabalhador já tem, nem o qualifica como um todo, possibilitando o desenvolvimento de um senso crítico e o reconhecimento de seus direitos. Além disso, os cursos são considerados muito rápidos e superficiais.

A Escola Brasil Profissional Educação Integral/CUT Brasil tem atuado nos últimos três anos em Porto Seguro e parece ser uma alternativa a esse modelo apresentado tradicionalmente pelo Sistema S.

Surge como uma questão de extrema importância o esclarecimento dos empresários, para que percebam que a qualificação de seus funcionários também é benéfica para seu negócio. No entanto, muitos empregadores apóiam esse tipo de qualificação que não contribui para que o trabalhador se torne crítico e consciente de seus direitos. Há relatos, inclusive, de trabalhadores que começam a questionar seus direitos e são desligados do quadro de funcionários da empresa.

Os entrevistados foram unânimes em dizer que não há uma política efetiva de qualificação profissional dos trabalhadores na região de Porto Seguro. E os representantes

dos trabalhadores sugeriram que uma boa saída para construir esse sistema, seria a partir da negociação entre os empresários, poder público e trabalhadores.

Nesse sentido, a representante da CONTRACS chamou a atenção para a importância das comissões municipais e estaduais de emprego. Nessas instâncias tripartites deveria haver discussões sobre a qualificação profissional. E os trabalhadores poderiam usar esses espaços para mudar o modelo de qualificação do Sistema S.

Referências bibliográficas

- Fundação Getúlio Vargas e SEBRAE. “Estudo de Competitividade dos 65 destinos indutores do desenvolvimento turístico regional”. Brasília, setembro de 2008. Texto capturado na página na Internet www.mintur.gov.br em 10/11/2008

- Organização Mundial do Turismo. Desenvolvimento Turístico Sustentável: lições para planos locais. Madri, 1993. *Apud* Fundação Getúlio Vargas “Estudo de Competitividade dos 65 destinos indutores do desenvolvimento turístico regional. Relatório Brasil”, op. cit.

- Guia Quatro Rodas 2007. Ed. Abril.

Páginas consultadas na Internet

www.setur.gov.ba.br

www.bahiatursa.gov.ba.br

www.cnm.org.br

www.mintur.gov.br/fatosedados

ANEXOS

ANEXO 1 – Questionário

Turismo e Hospitalidade

Roteiro de Pesquisa

IIEP – DIEESE

Setembro de 2008

Projeto Turismo e Hospitalidade
Roteiro de entrevista

IDENTIFICAÇÃO

Nome da instituição:

Tipo de instituição:

Nome do entrevistado:

 Cargo:

 Telefone:

 E-mail:

Local da entrevista:

Data da entrevista:

Pesquisador:

1. CARACTERÍSTICAS GERAIS DO SETOR E DA OCUPAÇÃO [comum DIEESE/IIEP]:

1.1 Numa análise mais ampla, como você descreveria a economia de sua região? Há dinamismo, crescimento e diversificação econômica? Ou vive-se um momento de estagnação?

.....

.....

.....

1.2 Como você definiria o turismo que é praticado em sua região?

- ()1 Negócio
- ()2 Cultura
- ()3 Geração de Emprego e Renda
- ()4 Outro. Qual? _____

Comentário:

1.3 Como você descreveria turismo praticado na sua região:

- quais os principais segmentos que compõe o setor;

.....
.....

- capacidade de absorção de mão-de-obra e volume de emprego;

.....
.....
.....

- especificidades regionais das atividades (ex. turismo de lazer, de negócios etc.).

.....
.....

1.4 Quais são as potencialidades da região no que diz respeito ao turismo?

.....
.....

1.5 A oferta e qualidade dos serviços comerciais (hotéis, bares, restaurantes etc)?

.....
.....

1.6 A oferta de equipamentos (praças, museus, parques etc) e eventos (shows, feiras, exposições) culturais?

.....
.....

1.7 É possível dizer que o Setor de Turismo gera emprego e renda? Propicia ascensão social?

.....
.....

1.8 Quais as principais mudanças ocorridas nos últimos anos no setor em relação a:

- principais vagas ofertadas;

.....
.....

- principais segmentos de atividade que geram vagas;

.....
.....
- perfil de trabalhador exigido (escolaridade, experiência, idade, sexo, etc.).
.....
.....

1.9 Os problemas e dificuldades enfrentados pelos trabalhadores – e pelo Setor de Turismo –, em sua região, possuem quais motivações de fundo?

- ()5 Problemas de formação dos trabalhadores
- ()6 Problemas setoriais (características próprias do Setor de Turismo)
- ()7 Problemas sociais e econômicos (questões estruturais locais, estaduais ou nacionais)
- ()8 Outro. Qual? _____

Comentário:

1.10 Como você descreveria o perfil dos trabalhadores neste setor, com relação a:

- principais ocupações;

.....
.....
.....
- categoria de emprego (com ou sem carteira de trabalho assinada);
.....
.....

- sexo;

.....
.....
- faixa etária;

.....
.....
- jornada de trabalho;

- remuneração.

.....
.....

- oferta de mão-de-obra x emprego

.....
.....

1.11 Como você caracterizaria a mão-de-obra do Setor de Turismo, levando em consideração os seguintes itens:

- Nível de formação geral

.....

- Nível de qualificação profissional

.....

.....

.....

2. CARACTERÍSTICAS DA OFERTA E DEMANDA POR QUALIFICAÇÃO:

2.1 Como você descreveria e avaliaria a oferta de qualificação profissional na sua região?

- modalidades ofertadas

.....
.....

- áreas temáticas

.....
.....

- instituições

.....
.....

- capacidade de absorção da demanda;

.....
.....

- qualidade do curso (conteúdo e prática)

.....
.....

- qualidade das instituições

.....
.....
- estrutura das instituições
.....
.....

2.2. Como você avalia os resultados dos cursos ofertados na sua região:

- o conteúdo é adequado ao exigido nas atividades exercidas? (para os que já estavam empregados)
.....
.....

- os trabalhadores que foram qualificados nos últimos anos conseguiram encontrar ocupações relacionadas à sua formação? Se sim, qual o motivo (conteúdo, certificação, etc.)? (para os que estavam desempregados)
.....
.....
.....

2.3. Quais os principais problemas da qualificação ofertada na região:

- número de vagas;
.....
.....

- acesso;
.....
.....

- carga horária;
.....
.....

- compatibilização com o horário de trabalho;
.....
.....

- conteúdo do curso;
.....

.....
.....
.....

ENTIDADES DE TRABALHADORES (DIEESE)

1. Quais são as principais queixas com relação à qualificação na sua região do ponto de vista dos trabalhadores?

.....
.....

2. O que seria necessário para atender a estas demandas?

- conteúdos (conhecimentos específicos para determinadas ocupações, conhecimentos gerais);

.....

- focalizar os cursos em grupos específicos? Quais? (por idade, escolaridade, grupo de ocupação, setor específico, desempregados, etc.);

.....
.....

- investimentos (infra-estrutura, contratação de professores, material específico para os cursos, aumento da oferta de vagas).

.....
.....
.....

3. O que o trabalhador costuma procurar nos cursos de qualificação profissional?

- carga-horária;

.....
.....

- acesso (gratuidade, localidade, bolsa de estudos);

.....
.....
.....

- certificação;

.....

..... -
metodologia (cursos teóricos ou práticos, presencial ou não, etc.)
.....
.....
.....

4. Para quem as entidades de trabalhadores dirigem ou deveriam dirigir as demandas de qualificação dos trabalhadores?

- governos (federal, estadual, municipal)
.....
.....

- empresários (negociação)
.....
.....

- entidades de classe (patronal/trabalhadores)
.....
.....

5. O que você avalia que os cursos de qualificação profissional podem trazer de positivo para os trabalhadores?
.....
.....

ENTIDADE PATRONAL (DIEESE)

1. Quais são as principais queixas com relação à qualificação na sua região do ponto de vista do empregador?
.....
.....

2. O que seria necessário para atender a estas demandas?

- conteúdos (conhecimentos específicos para determinadas ocupações, conhecimentos gerais);
.....
.....

- focalizar os cursos em grupos específicos? Quais? (por idade, escolaridade, grupo de ocupação, setor específico, desempregados, etc.);

.....
.....

- investimentos (infra-estrutura, contratação de professores, material específico para os cursos, aumento da oferta de vagas).

.....
.....
.....

3. O que as empresas costumam exigir dos trabalhadores em relação à qualificação?

- que realizem cursos ministrados dentro da empresa;

.....
.....

- preferência por determinadas escolas;

.....
.....

- exigência de certificação;

.....
.....

- avaliação do conhecimento.

.....
.....

4. Como é a oferta de cursos de qualificação para os empresários de turismo e hotelaria da sua região:

- disponibilidade de escolas;

.....
.....

- tipos de cursos;

.....
.....

- certificação;

.....
.....
- qualidade.
.....
.....

5. Para quem as entidades patronais dirigem ou deveriam dirigir as demandas de qualificação dos empresários e dos trabalhadores?

- governos (federal, estadual, municipal);
.....
.....

- empresários (negociação);
.....
.....

- entidades de classe (patronal/trabalhadores)
.....
.....

6. O que você avalia que os cursos de qualificação profissional podem trazer de positivo para os empresários?
.....
.....

ENTIDADE GOVERNAMENTAL (DIEESE)

1. Que tipo de investimento tem sido feito para atender ao turismo na região?
.....
.....
.....

2. Esses investimentos geram que tipo de ocupações?
.....
.....

3. Os cursos que são oferecidos atualmente atendem às demandas geradas por estes investimentos? (Avaliar quantidade/qualidade – relação entre as ocupações geradas e os cursos oferecidos);

.....
.....

4. Qual o volume de recursos destinados para o investimento em formação profissional no setor de turismo e hospitalidade nos últimos anos (últimos 5 anos);

.....
.....

5. Quais são as principais queixas com relação à qualificação na sua região do ponto de vista do governo?

.....
.....

6. O que seria necessário para atender a estas demandas?

- conteúdos (conhecimentos específicos para determinadas ocupações, conhecimentos gerais);

.....
.....

- focalizar os cursos em grupos específicos? Quais? (por idade, escolaridade, grupo de ocupação, setor específico, desempregados, etc.);

.....
.....

- investimentos (infra-estrutura, contratação de professores, material específico para os cursos, aumento da oferta de vagas).

.....
.....

7. Como é feito o levantamento das necessidades locais no que diz respeito à qualificação?

.....
.....
.....

8. Existe algum tipo de integração entre a qualificação profissional e as demais políticas públicas desenvolvidas pelo governo local? (planejamento estratégico, intermediação de mão de obra, etc.)

.....
.....

9. O que você avalia que os cursos de qualificação profissional podem trazer de positivo para o governo?

.....
.....

Regulação (IIEP)

1 Em sua região, quais leis e atos normativos são utilizados na sustentação da oferta de formação e certificação profissional?

- ()1 Leis e instrumentos da área de educação (LDB, decreto 5154/2004)
- ()2 Leis e instrumentos da área trabalhista (Lei da aprendizagem; Sistema Público de Emprego)
- ()3 Legislação e instrumentos específicos do Setor de Turismo (Parceria ABNT/MTur)
- ()4 Outro. Qual? _____

Comentário:

1.1 Como essas leis e atos normativos influenciam a oferta de formação e certificação?

.....
.....

2 Na construção da oferta de formação e certificação profissional, quais referenciais normativos são utilizados?

- ()5 Normas da ABNT - Mtur

()6 Referenciais Curriculares Nacionais da Educação Profissional de Nível Técnico - MEC

()7 Classificação Brasileira de Ocupações - MTE

()8 Outro. Qual? _____

Comentário:

2.1 De que forma os parâmetros utilizados influenciam na elaboração da oferta de formação e certificação profissional?

.....
.....

Participação Social (IIEP)

1 Quanto à participação social, a oferta de formação e certificação profissional é principalmente:

()1 livre?

()2 negociada entre os agentes sociais interessados (trabalhadores, empresários, poder público)?

()3 pública (rede pública de ensino)?

()4 Outro. Qual? _____

Comentário:

1.1 Existe articulação entre o processo de formação e certificação profissional e o setor produtivo?

.....
.....
.....

1.2 Existe negociação entre as representações dos empresários e dos trabalhadores quanto à formação e certificação profissional? É comum a contratação de cláusulas relativas às obrigações da empresa e dos trabalhadores quanto à formação e certificação profissional?

.....
.....
.....

1.3 Há uma política pública de incentivo à formação e certificação profissional? Como você definiria essa política?

.....
.....
..

2 Quais as atribuições da(o) entidade/organismo que você representa nos processos de formação e certificação profissional?

- ()5 definição do que será ofertado na formação e certificação
- ()6 gestão dos projetos de formação e certificação
- ()7 execução dos projetos de formação e certificação
- ()8 Outro. Qual? _____

Comentário:

2.1 Como você definiria o papel das entidades/organismos representativas(os) de trabalhadores, empresários e poder público nos processos de formação e certificação profissional em sua região?

.....
.....

Estruturação curricular (IIEP)

1 Caso a formação e certificação profissional se estruture segundo itinerários formativos, como eles se orientariam?

- ()1 Por ocupações
- ()2 Por competências
- ()3 Com caráter politécnico
- ()4 Outro. Qual? _____

Comentário:



1.1 Na construção do currículo da formação profissional, quais seriam os elementos fundantes a serem considerados?

.....
.....

2 A oferta de formação e certificação profissional, em sua região, apresenta saídas intermediárias? Com que objetivo?

- ()5 reconhecimento dos saberes e certificação
- ()6 organização curricular
- ()7 acesso ao trabalho e emprego
- ()8 Outro. Qual? _____

Comentário:



Observações finais

.....
.....
.....
.....
.....

ANEXO 2 – Transcrições das entrevistas realizadas

CD=1.09

Entrevista – Paulo Cesar Pereira Magalhães – SECTUR gov mun

P: Como você descreveria a economia da sua região, a economia de crescimento, resultados econômicos ou de ()?

R: Eu acho que a economia aqui da região tendo como ponto de vista que a cidade mais importante da região é Porto Seguro, nós temos (Petralha), tem Porto Seguro é composto por área Paraíba, Eunápolis, Prado, a economia extrema principalmente na região de Porto Seguro, inclusive consegue movimentar bastante essa economia junto a esses setores extremamente expressivos para a região e portanto ela é não tão diversificada porque aqui em Porto Seguro 80% da atividade é o turismo, mas você tem já Anápolis outro tipo de atividade que ai já tem indústria, comércio, mas eu considero aqui mais concentrada no turismo e atividades afins em relação ao turismo e o momento que a gente vive não é de estagnação, mas também não é de () eu diria que está na fase intermediária em função de uma série de outras coisas que provavelmente vão surgir ai ao longo da pesquisa, mas entre elas eu poderia dizer que a política nacional de turismo, ela ainda deixa muito a desejar e portanto não se tira todo proveito que deveria se tirar na atividade política enquanto gerador de empregos, de renda e de movimentação econômica do país.

P: Como que é () do turismo programado

R: Seríssimo porque Porto Seguro tem a terceira maior estrutura hoteleira do país, só perde para São Paulo e Rio de Janeiro. São mais de 500 hotéis com aproximadamente 45.000 redes para uma cidade que está a 1.600 km de São Paulo em geral, que é o principal gerador de turistas, com problemas de acesso, nós temos o aeroporto que é internacional inclusive, mas com uma malha aérea diversificada. E aí você tem na alta temporada um excesso de demanda aonde a hotelaria praticamente toda () e na baixa temporada uma ociosidade bastante grande em aonde você tem entre outros reflexos o mais degradante é o preço. Aí você passa a ter uma oferta extremamente excessiva e aí a guerra do preço é que mata a economia, isso faz com que inclusive tenha reflexo na alta temporada porque se você não abaixa, acaba praticando um capitalismo de preço, quando chega na alta não adianta você querer sair de uma diária vamos supor de 70 reais, R\$90, para uma diária de R\$300, então você acaba criando só um diferencial mínimo aplicável de uma temporada para outra e isso prejudica de mais porque praticamente a alta temporada, ela deveria trabalhar em alta total com uma remuneração excelente até para criar o comércio contribuir para você durante o ano minimizar os eventos da (), mas quando você não consegue ter esse diferencial de preço porque a baixa a demanda cai muito na alta você sobe ().

P: Você espera () praticado para sua região?

R: O turismo aqui tem investimento de lazer, Porto Seguro, o maior pólo turístico de lazer do Brasil então, como pólo de lazer é interessante, mas as pessoas também não estão 100% disponíveis o ano inteiro para viagem de lazer. Nós temos aqui, por exemplo, um belíssimo centro de convenções, mas que em função da (Malha..) em função até do tipo de trabalho que é desenvolvido e de outras questões que são (aplicadores) a gente também vai sempre tirar todo o proveito que o centro de convenção deveria gerar porque o objetivo de ter o centro de convenções seria o serviço de baixa temporada complementar a movimentação do turismo de lazer com o turismo de eventos, mas a cidade tem uma certa dificuldade para ocupar a semana do centro de convenções, tem eventos, o centro de convenções recebe muitos eventos da região, mas em número insuficiente que deveria ter para poder ter esse efeito de complementação. A parte cultural mínima, infelizmente, embora Porto Seguro seja uma cidade histórica da maior importância, mas quando você tem um país que nem comemora a sua data de nascimento, a sua data de (descobrimto) com o feriado nacional, como uma data de importância é uma prova de que as pessoas em geral os turistas, não valorizam essa questão histórica. E é uma pena e o () do descobrimto do Brasil que é visitado pelas pessoas que vem a Porto Seguro, mas que não vieram em função de (). Vieram porque aqui é a cidade histórica do local do () do país e sim porque é uma cidade de praia, é uma cidade conhecida no Brasil inteiro, famosa, que tem muita festa, que tem uma gastronomia interessante, enfim, mas principalmente porque é uma cidade praia bem conhecida, e bem agradável e que tem muita festa. Negócios a gente tem turismo de eventos, mas turismo de negócio a gente tem uma fatia muito pequeninha, em função, por exemplo, da (Velha())

que é uma indústria grande implantada aqui na região que utiliza muito o aeroporto de Porto Seguro para receber

P: indústria do quê?

R: de celulose. E como a gente espera também que fique cada vez mais que o turismo possa contribuir como um importante gerador de emprego e renda porque afinal nós somos uma cidade de 140.000 mil habitantes que tem atividade econômica o turismo com 80% e, portanto, se a gente não consegue gerar emprego e renda dessas unidades nós estamos colaborando para a implantação de um caos.

P: Como você descreveria o turismo praticado na sua região?

R: () o setor, capacidade de mão-de-obra envolvida em emprego, segmentos que compõe e o segmento principal voltada alguma coisa de história e cultura, de eventos também alguma coisa e basicamente isso. A capacidade de mão-de-obra é extremamente interessante uma vez que tem como eu falei, o perfil da maior estrutura hoteleira do país, e um motel ele demanda um bom índice de mão-de-obra para você poder promover um bem estar para o (), você tem uma relação de apartamento leito/hóspede que deve gerar no mínimo em torno de () para cada apartamento você gera 100 empregos nós temos aqui basicamente 20.000 apartamentos.

P: isso na baixa temporada?

R: a grande maioria nos hotéis maiores e que tem um trabalho mais constante hoje, diferentemente do passado, não é comum que chegue na baixa temporada mandar o pessoal embora, porque o empresário detectou que sairia muito mais caro para ele em função de que quando chegava na próxima temporada, ele tinha que contratar novamente e treinar essa mão-de-obra, preparar essa mão-de-obra para prestar um bom serviço, e também porque tinha custos de demissões, de recontração, treinamento, de qualificação. Então hoje, os hotéis de maior capacidade, eles trabalham quase que uma forma (inerável) durante o ano, não existe grandes demissões. Nas pousadas pequenas é que com estrutura mais familiar é que quando chega na temporada o dono sabe que o movimento vai cair praticamente em função até da capacidade que ele tem de ir buscar lá fora o (cliente) dele então ele sabe que ele vai ficar ao longo do ano com pouca ocupação. E aí pouca ocupação significa desemprego, mas o volume desenvolve.

P: () regionais das atividades, qual o tipo de turismo () de negócios, de lazer?

R: da região () do turismo, em função do carisma que Porto Seguro tem no mercado que é realmente, comprovadamente muito grande esse carisma, acontece que eu acho que é muito em função da capacidade de retração e da diversificação de entretenimento local tanto a nível de passeio, de praia, de festas, (astronomia), história, é uma coisa se bem trabalhada ela é freqüente, comprovaria a oferta de qualidade (), hotéis, bares e restaurantes nós já tivemos em situação muito pior, mas especificamente de 97 para cá, nós conseguimos desenvolver um trabalho muito interessante na parte da capacitação de mão-de-obra para o turismo tanto hotéis bares e restaurantes e etc., como a implantação e muitos cursos, de muito treinamento, por exemplo, o Senac aqui está constantemente com a gente tanto com a (), que eles tem para determinados tipos de curso na área de garçom, camareira, recepcionista, cozinheiro como na parte de escritório informática e todas as práticas nesse sentido. A ponto, inclusive, de estar começando a construir com () vai ter uma base, hoje aonde eles usam a carreta que eles têm aí preparada para isso e determinados cursos vão dar na própria hotelaria, () nesse hotel tem 122 apartamentos, se ele acha que precisa ele contrata o Senac para fazer cursos aqui dentro para o grupo de funcionário dele. Então a gente conseguiu melhor muito, mas como o turismo é serviço a gente tem que estar sempre buscando o estado de ótimo porque isso afeta diretamente a satisfação do cliente, o retorno de uma próxima viagem.

P: essa qualificação é feita só pelo Senac ou tem igual?

R: basicamente pelo Senac, basicamente ao longo desses 11, 12 anos. Mas por exemplo, hoje já tem outras entidades que começam agora a desenvolver esse trabalho, nós temos agora o instituto da aliança que está fazendo um trabalho também, o mais voltado assim para com foco na área do primeiro emprego, então na preparação de jovem para o primeiro emprego, nós temos o Cefet que também tem feito alguma coisa na área de guia de turismo, etc. Então pontualmente surge ao longo desse tempo outras entidades que desenvolveram algum tipo de trabalho. Nós já tivemos trabalho aqui também na área de idiomas porque no passado a gente trabalhou muito fortemente com os argentinos, então nós tivemos uma necessidade botar a cidade para falar espanhol, até que a gente pudesse, nós sabemos disso através de uma pesquisa, para que a gente pudesse tirar

mais proveito da (espanhol) que nós estávamos de início uma dificuldade de comunicação e isso significava () menores, para que rapidamente desenvolvesse um trabalho importasse (). Hoje a cidade inteira praticamente a gente já tem a preocupação com o inglês e com alguma coisa de francês e etc., e tal para que a gente possa, aqui a gente recebe o turismo estrangeiro, a gente recebe o pessoal da América Latina, pessoal de Portugal, da França, da Holanda, da Itália, da Alemanha, então a gente precisa ter essa melhora na parte da qualidade de idioma.

P: Como você avalia a oferta na qualidade de serviços comerciais?

P: próprio avalia a oferta de equipamentos?

R: Dos hotéis como te falei, eles são a terceira maior estrutura. Você tem aí dos 500 hotéis um grupo que teria de 80 a 100 pousadas que são de muito bom nível, depois tem muita pousadinha vamos chamar de residencial, poucos apartamentos, bem rudimentar, mas você tem muita coisa. Não é um mau serviço, é um serviço diferenciado, é um serviço até mais personalizado, mas que requer qualidade também, na parte de bares e restaurantes nós temos aí uma diversificação bastante grande, uma quantidade enorme, alguma coisa quem () trabalho foi o Senac basicamente também num nível que sempre carece de melhora, é bom, mas se melhorar vai ser melhor. E equipamentos para museus e parques aqui a gente tem muitas feiras, como faz parte do poder público, só agora que a gente, nessa última gestão, a gente começou a ter uma preocupação maior com a construção de praças dentro da cidade, até para que o povo da cidade possa frequentar. Mas é diferente, por exemplo, o lazer de São Paulo, interior de São Paulo que você tem poucas ofertas de atrativos. Aqui como é uma cidade muito diversificada nessa questão de atrativos, () por praças, eu diria para você que é pequena, é necessário ter mais praças, mas a busca é pequena. É mais assim como área de artesanato, normalmente as praças principalmente na área turística da cidade são (). Museu nós temos alguma coisa, temos o museu histórica centro histórico, parque nós temos um parque marinho, estamos tentando criar aqui um outro, tem alguma outra coisa fora da cidade, mas precisa ter. Eventos show exposições, show é todos os dias, shows de qualidade nos períodos de maior movimentação muitos e bons; feiras algumas poucas, mas tem, quando tivermos normalmente quando você tem um evento nas suas convenções, você tem uma feira atrelada, o último exemplo que o posso dar agora em setembro nós tivemos um efeito relacionado ao cultivo de flores ornamentais a uma feira inclusive fora do evento, foi lá para a () dentro do assunto. Exposição aqui nós não temos, é preciso dizer que o setor de turismo renda propicia () social, lógico. Uma vez que você tem uma ocupação constante aí você está sempre contribuindo para que as pessoas possam contribuir empregos e renda e conseqüentemente melhorar (a sua vida) Quais as principais mudanças envolvidas no setor em relação (), eu diria que final da década de 80 e uma boa parte da década de 90, houve aumento da estrutura, hoje é mais estabilizado, então o número de ofertas não cresce tanto como cresceu (). Principais segmentos da atividade que geram vagas a hotelaria, o comércio, os restaurantes e bares, praças e praias

P: Você acha que mudou nos últimos anos ou se manteve?

R: mudou mais assim em relação a essa estrutura maior a participação é mínima porque surgem novos negócios na cidade, mas o foco principal é sempre relacionado ao turismo, existe urgência em relação ao perfil do trabalhador. () Normalmente no turismo é empregado um trabalhador numa idade menor, mais jovem, sexo é variável porque você tem uma necessidade de alternância, essas coisas nada que existe em termos de não de discriminação, todo mundo da cidade tem a sua trindade, não é porque assim você tem uma (diversificação), você tem uma situação geral, não tem um segmento.

P: a maior parte dos trabalhos, hierárquico(menores) () colocar muitas vezes para os cargos de chefia de gerencia, trazer de fora, muitas vezes até do exterior, aqui acontece a mesma coisa

R: mas em que segmento?

P: na hotelaria.

R: nós aqui não temos redes, uma ou outra. (CM) esse hotel é da rede (BE). O (CM) trouxe algumas pessoas de níveis mais altos de fora, () não, lá não temos isso. Mesmo porque isso leva a característica específica das redes e com custos mais expressivos. Então, quando você tem gente, aqui a gente tem muita gente de fora, eu pelo menos sou de fora, eu moro aqui há 22 anos, mas a eu sou paulista. e assim como eu tem muita gente, isso não caracteriza, eu não vim aqui para ocupar um cargo num determinado estabelecimento, eu vim morar aqui como () de família é conseqüentemente eu entrei na oferta de mão-de-obra e não sou considerado uma pessoa que veio de fora para ocupar num determinado cargo, mas como tem muita gente de fora, tem muita

gente de fora ocupando lugares principalmente nos melhores cargos em função da formação, da qualificação, mas não é uma coisa que estorvou o nativo do negócio, ele continua aí ocupando vagas sem problemas.

P: problema dificuldade enfrentados pelos trabalhadores () setor de turismo da região, quais mais ().

R: Os problemas, como eu posso de falar isso? Os problemas de formação dos trabalhadores? Não.

P: Outra questão interessante, que a gente detectou em Florianópolis, falando com a secretaria de turismo de estado lá, é que ali naquela região de Santa Catarina, eles conseguiram formar um número muito expressivo de pessoas do superior () ao turismo e o mercado não conseguia absorver essas pessoas. Ao mesmo tempo faltava uma série de qualificação técnica dos trabalhadores. Então muitas vezes eles tinham um (sujeito) preparado para exercer o cargo de gerente e não tinham uma camareira preparada para (hotelaria) um quarto. Esse era um problema sério da mão-de-obra lá. Aqui a gente vê algo semelhante? Como que se dá nesse sentido particular dos trabalhadores, eles são bem formados, conseguem () do mercado de trabalho ou não são?

R: Veja bem, você tenha aqui, lógico que problema de desemprego porque você tem uma cidade que teve um crescimento fora do normal e conseqüentemente você com isso gera problema na área de emprego. Agora, não é uma coisa assustadora porque dentro da capacidade do brasileiro de se adaptar a diversas situações é claro que não tem emprego formal na hotelaria, no comércio em geral ele acaba ou criando uma atividade informal, ele vira ambulante, vira vendedor de alguma coisa ou de repente ele foi embora dali em busca de uma outra oportunidade. A gente tem esse problema sim, mas não é uma coisa que inviabiliza a cidade porque com essa estrutura de turismo que a gente tem aqui a gente tem um bom volume de emprego, eu diria para você se fechasse a porta da cidade e não permitisse mais ninguém entrar a gente conseguiria ir ao longo de um período atender essa demanda, mas como aqui cada turista que vem vê o potencial da cidade para vim morar isso acaba criando um problema. Mas como você tem (vocaçãõ), a hotelaria ela ocupa muita gente e de diversos níveis você acaba atendendo uma boa parcela da população. Problemas setoriais característica (própria) do turismo. A gente vive o turismo acha que no Brasil inteiro, talvez no mundo inteiro ele viva períodos de oscilação entre plena carga e épocas mais, períodos, não é nem baixa alta temporada, nós já tivemos épocas que a gente tinha uma ocupação excelente ao longo do ano aonde nós tínhamos grandes operadoras trabalhando no mercado de Porto Seguro. A gente tinha principalmente do exterior a Argentina que mandava muita gente para trabalhar nós chegamos a ter 27 vôos da Argentina para cá e de repente de 1h para outra a gente quebrou, Argentina quebrou então nós, quando ocorreu isso nós perdemos 8000 passageiros por semana nessas duas fontes. Então isso não foi consertado imediatamente, então ao longo de um período nós caímos a nossa, mas o turismo é uma coisa cíclica, então você tem um período de atividade atividades mais acelerada depois tem um outro período que em função das circunstâncias econômicas do país as pessoas viajam menos, mas eu acredito que caracterizaria aí como uma atividade normal dentre as muitas que a gente tem no Brasil, sociais e econômicos questões estruturais locais que eu digo, estaduais nacional.

P: e agora quem é o perfil do trabalhador?

R: principais ocupações. Especificamente o turismo: hotéis, restaurantes, bares, lojas, cabana de praia, café, pontos de casa de festas, passeios, embarcações, tudo aqui é expressivo em função da quantidade de gente que visita Porto Seguro ao longo do ano. Então quando você tem uma estrutura grande para atender a isso conseqüentemente voce tem uma absorção grande de mão de obra também. Então a ocupação relacionada a essa categoria tem de emprego com ou sem carteira assinada. A hotelaria hoje trabalha muito com carteira assinada para evitar problemas de fiscalização, de atendimento ao trabalhador da questão de saúde, então o comércio é lógico que tem uma boa parcela de ocupação com carteira assinada, mas eu não sei te que dizer se é uma coisa de grande maioria, eu diria que mais da metade trabalham com carteira assinada, com certeza. Sexo é variado, não é específico é diferente de um lugar que tem uma indústria. por exemplo, que a absorção é mais masculino do que feminino. Aqui não. Faixa etária vai dos 18 aos 45 anos, é lógico que você tem mais do que isso também, mas a parte mais expressiva é essa parte. Jornada de trabalho aqui você tem uma jornada de pelo menos, fora da hotelaria, que é de 4h e, portanto, três turnos. Na parte do comércio em geral você tem em média 18h porque tem, por

exemplo, todo centro da cidade o comércio abre 8 horas da manhã e tem muita coisa que fecha meia noite.

P: mas esses trabalhadores

R: são turnos. Não dá para trabalhar 18h. Mas isso significa que você tem um aumento ainda maior da capacidade de absorção de mão-de-obra, porque você tem vaga para isso. Você tem num restaurante que abre no almoço e vai até na madrugada, é lógico que você não vai trabalhar com esse pessoal o tempo todo, você tem dois turnos distintos. Remuneração se você comparar com São Paulo a remuneração aqui é bem mais baixa, se você comparar na região ela é expressiva; relação com sindicato.

P: os trabalhadores são sindicalizados?

R: o sindicato aqui da parte de turismo ele é bem atuante, eu não sei se a grande maioria é sindicalizada, mas ele tem uma representatividade muito legal, é respeitável, participa ativamente da vida do trabalhador dos dissídios coletivos.

P: mão-de-obra & emprego.

R: lógico que a mão-de-obra é um bem, a oferta é maior, mas eu isso acho que é uma situação normal em qualquer lugar e até interessante, se você tiver equiparação acho que teria uma acomodação () envolveria () porque não tem outra pessoa para colocar no lugar, a mão de obra do setor de turismo () consideração o nível de formação geral é, a parte vamos chamar assim ensino médio a gente tem uma oferta bastante grande de vagas e de um padrão, e agora começa de um tempo para cá surgir as faculdades, e aí as faculdades também são, estão sendo muito bem buscadas pelo pessoal, até tem faculdade aqui em (Cabral) tem faculdade em Porto Seguro só que () aonde você vê uma movimentação das pessoas estão () para aí ir toda noite estudar, então eu diria que está melhorando o nível cada vez mais. E qualificação profissional cursos básicos técnicos e idiomas é o que ele vai fazer.

P: Como você descreveria a oferta profissional na sua região?

R: qualidade da oferta

P: da qualificação de ensino o tipo de cursos que são ofertados na região para qualificação profissional?

R: além do ensino normal?

P: sim. Técnico, mais voltado ao mercado mesmo. Qualificação do profissional, que tipo de curso são ofertados

R: a faculdades têm administração, direito, turismo, alguma coisa relacionada a enfermagem, essas coisas. Eu não sei exatamente o quê que é que a escola () oferece, mas ali é meramente, especificamente técnico, nessa área de turismo exatamente, a proposta ali era a parte de agente de viagem, a parte de hotelaria, mas acho que mais administrativo, e isso é melhor você confirmar com eles. As áreas temáticas, fica até repetitivo porque é sempre o enfoque maior do turismo. As instituições são, com exceção do, ali é Cefet, com exceção do Cefet que são aqui em Porto Seguro acho que é estadual, uma relação de instituições privadas você tem () de Faculdade você tem a (), que é um grupo de (Salvador) que está aqui, essa de () é um grupo local, mas com nohall de fora, capacidade de absorção demanda, qualificação de profissional

P: cursos que são oferecidos atendem às demandas das pessoas daqui, esses cursos de qualificação profissional atendem o que essas pessoas procuram?

R: os técnicos eu acredito que atendem e é lógico que se diversificar mais pessoa vão procurar a diversificação até para não ficar concentrado tudo num só. Ou seja todo mundo faz o curso de guia, então voce passa a ter uma oferta tão grande de guia que acaba que não tem vaga para todo mundo, Então você tem que diversificar. Por exemplo os cursos não seja assim uma USP também é não acredito que seja uma das piores, não.

P:

R: eu me sinto até constrangido de responder isso porque eu não tenho essa avaliação a ponto de dar uma opinião, eu não estudo lá, então o que a gente ouve falar é que é de bom nível, mas eu não sei de 0 a 10 de dar uma nota

P: como voce avalia os cursos?

R: a nível de faculdade agora que a gente está começando a ter as primeiras turmas sendo formadas, portanto, agora que está começando. As pessoas que fazem essas faculdades com quem eu tenho contato eu converso e elas dizem, dão boas informações das faculdades, eu nunca vi ninguém que fale desses cursos.

P: E os cursos técnicos?

R: No Senac eu digo para você que é muito bom, esses eu acompanho porque o grande parceiro do Senac dentro da cidade a nível de prefeitura é a secretaria de turismo, é () secretaria de turismo que eles fazem uma série de atividades () equipamentos, determinado curso (somos nós que fazemos pesquisa), então o resultado é sempre muito bom.

P: () pensar nos cursos técnico, Senac, Cefet

R: o Cefet eu não conheço.

P: e sempre pensando nele, mais até do que nos cursos superiores.

R: a referência que eu tenho do Cefet de ouvir falar é que é muito bom.

P: e aí acho que é um detalhamento maior dos cursos técnicos

R: curso técnico (nos conseguimos encontrar) qualificação relacionado à formação sim, () conteúdo, certificação, não só isso, mas eu acredito que muito em função de se eu tiver a possibilidade de escolher entre um trabalhador que fez um curso daquela área que ele quer trabalhar e o () a opção acaba indo sempre o que é melhor preparado.

P: e quem que procuro esses cursos técnicos, quem já está empregado vai se qualificar ou quem está desempregado e quer se preparar para o mercado?

R: Os dois. Eu lembro que com as (carretas), é muito disso é o trabalhador, você pega um curso na área de alimentação, de cozinha, o cara é um ajudante de cozinha alguma coisa e ele sente motivado a buscar uma qualificação para delegar a sua profissão. Qualificação ofertado na sua região onde ele vai atrás. Acesso, carga horária, compatibilização do horário com trabalho não. Conteúdo dos cursos, não sei dizer. O número de vagas é interessante. O acesso é fácil inclusive, mesmo porque até os cursos do Senac que são (contratos) falta (), o curso mais caro do Senac é 35 reais o curso, então é caro, carga horária também não é excessiva, compatibilização de horário como existe a possibilidade do cara trabalhar a noite faz o curso de manhã, se trabalha de manhã faz o curso a tarde ou a noite, conteúdo, o curso não, não vejo grandes problemas.

P: na verdade a gente tentou, são perguntas direcionadas ao trabalhador. E no caso do senhor como é () do governo ()

R: o sindicato vocês já falaram.

P: Marco Antônio

R: Esse eu não sei quem é, () que é do sindicato, atua já há muito tempo, é uma pessoa que tem uma vivencia bastante grande, talvez seja relevante vocês falarem com ele, é uma pessoa que eu tenho certeza de pode contribuir.

P: governamental

R: () (atendimento do turismo na região) de uma forma geral ou para qualificação de mão-de-obra?

P: de uma forma geral, pensando no turismo de uma forma geral.

R: Nestes quatro anos tive uma preocupação muito grande em (). De repente você chega Salvador, ainda não está no ponto ideal. Mas nós já tivemos num ponto muito mais crítico em relação a isso, a () abandonou a cidade, não teve nada desde a (limpeza) pública não cuidavam, (), Assumir a prefeitura passou um bom período limpando a cidade para colocar em condições mínimas em receber (). Investimento tem sido feito nas questões diárias, nas questões de (educação) da parte de proporção turística, da parte de segurança, de iluminação pública é uma preocupação grande e constante nessa área, os investimentos geram () de ocupação de mão-de-obra, gente que mora na cidade e precisa trabalhar.

P: quantos todos que são oferecidos atualmente atendem à demanda geral por este investimento?

R: pela prefeitura sim. Não tem muita relação, nós não temos problema na () na questão da qualificação

P: e a prefeitura tem investido na qualificação dos trabalhadores de alguma forma?

R: de uma forma geral da cidade ou da prefeitura?

P: de alguma forma a prefeitura tem investido na qualificação

R: nós somos parceiros do Senac, parceiros de todas as entidades que vem para cá para promover cursos e formação profissional e eles sempre buscam na prefeitura um parceiro, o maior parceiro para desenvolver as suas atividades. Eu diria para você por exemplo o Senac que tem uma a expressão aqui nessa área se ele não tivesse a prefeitura como parceiro talvez ele não viabilizasse os seus projetos.

P: e qual é o que nível de parceria, em que sentido que se dá essa parceria de divulgação, uma parceria financeira, como que é?

R: Por exemplo, todos os técnicos do Senac nós oferecemos hospedagem, alimentação, os locais que eles vão aplicar os cursos, enfim, eu o custeio, as carretas, por exemplo, nos (oferecemos) essa iluminação, água, telefone, todas infra-estrutura desse trabalho é feito pela prefeitura. Recursos é aqueles que estão (), porque a gente nunca descartou uma proposta deste tipo de trabalho e, portanto, dentro dos convênios que a gente faz, a gente cumpre a nossa parte, dentro dessa demanda que nos é solicitado.

P: pensando no orçamento do município, quantos mais ou menos que é destinado ao () município, nos últimos anos?

R: talvez a gente gaste aqui, a nível de secretaria de turismo, uns 300 mil reais/ano, mas eu tenho também com a secretaria de educação, então não sei te dizer quanto que chega isso, mas eu diria para você que deve passar dos 500 mil reais/ano com tudo que fizeram, seria necessário, ()

P: do governo

R: não sei se eu tenho (queixas)

P: você acha que o que tem está bom, atende às necessidades?

R: olha, eu diria isso assim, se eu fosse procurar por entidade de classe solicitando que a gente proporcionasse uma melhoria, uma diversificação, enquanto isso não acontece eu estou entendendo que o pessoal atendi o que está (sendo acertado e da forma que está sendo acertado pode ser satisfatório).

P: focalizar os cursos, cursos específicos () idade, escolaridade,

P: Então é assim, o que seria necessário para nesses cursos pensando nos conteúdos, que os conteúdos que têm são suficientes para atender a demanda?

R: sim.

P: e aí depois pensando nos grupos, se esses cursos atendem a grupo específico que procuram, atendem ao grupo por faixa etária, por escolaridade?

R: sim.

P: tem curso para todo tipo de gente?

R: tem.

P: tanto para o que tem uma baixa escolaridade, quanto para o que já

R: baixa escolaridade aí já é um outro tipo de situação, isso é uma coisa que vem melhorando a cada ano, isso foi assim, antigamente o mínimo que exigia era o curso primário, hoje em dia você não fala nada a menos que um curso médio. Nós fizemos um concurso na prefeitura agora o mínimo que se exigia era a 8ª. série, do ensino fundamental e muita coisa com a parte de colegial.

P: ainda pensando nesses cursos de participação profissional, cursos técnicos, você acha que falta investimento nessas questões?

R: como não é feito pela prefeitura e são feitos por entidades que cuidam especificamente disso, não falta investimento porque da nossa parte nós (acolhemos) projetos necessários. E na parte deles eles já tem orçamento para isso e eles só lançam (havia) () ofertar essa gama de cursos em função de uma estrutura que já tem, então, não vejo (de alguma forma), como foi feito o levantamento, (exercer) a qualificação. É, foi. No passado foi em função da relação com o estado, à medida que você cresceu hotelaria você começou a ser necessário de uma profissionalização, de uma qualificação, então eles começaram a surgir essas (entidades), vamos formar camareiras, garçons, copeiro, ajudante de cozinha, recepcionista envolvendo inclusive a parte de informática e tudo mais.

P: da qualificação profissional políticas desenvolvidas pelo governo local?

R: Aí quem sabe é a própria secretaria de educação. () estratégica em relação a mão de obra

P: Como você avalia, e os cursos de qualificação profissional podem trazer de positivo para o governo?

R: Uma melhora no (desenvolver) atividade no geral que conseqüentemente vai gerar uma melhor satisfação do usuário, e conseqüentemente a cidade vai, se todos que vier para cá, que o serviço que se presta aqui é um bom serviço as pessoas tendem a voltar mais vezes a cidade.

P:

P: se a região() informação, certificação profissional

R: Você está falando (meio) que obriga a formação para

P: Na realidade, () que reúnam a oferta, por exemplo na além educação é da educação profissional, da educação () é se esse conjunto de norma que o ministério do turismo desenvolveu com a secretaria te falei isso chegou até aqui () essas normas são conhecidas

R: eu acredito que não.

P: a absorção disso foi ()

R: também acho. Eu mesmo não nem tinha que foi desenvolvido esse trabalho.

trabalho satisfação social profissional principalmente

P: Esse () entre sindicato dos trabalhadores, essas entidades (oferecem colocação () profissional acontecem para definir o que seria mais relevante

R: Olha, eu acredito que por exemplo um Senac () com o sindicato até que para se orientar naquilo eu vai ter que planejar para os próximos anos, em termos de oferta, mas não faz parte de nenhuma negociação, eu acho que é mais a título de orientação.

P: Senac re-consulta, mas não é um (canal) de

R: Não exatamente

P:

R: Olha, a Sebrae também faz muita coisa, foi o Senac mas o Sebrae promove muita coisa embora o Sebrae seja mais voltado ao empregador. Eu acho que conversa o sindicato de uma forma geral. Talvez o () possa te falar melhor isso.

P: relação () dos empregados, () quanto a formação

R: Não, não são coisas formais, sentar na mesa. Veja bem, quando você discute um dissídio coletivo, você tem as cláusulas de dinheiro e você tem as cláusulas sociais. Eu acredito que tem as cláusulas que são inseridas que tratam disso, é uma necessidade de determinada situação, mas tem de dizer quais são, só (). Como política pública não. Que eu saiba não. Profissional

P: Como você definiria () política?

R: Que a secretaria de turismo ela não tem essa estrutura toda para pensar inclusive a esse nível de coisa. Pode ser que a secretaria de educação ela tenha uma visão assim na questão da formação profissional, eu diria para você que é muito mais baseado nestes convênios que a gente faz com o Senac do que uma política pública municipal de () profissional.

P: Dependendo da () quem cuida da formação profissional () em algum lugar () para de trabalho, em alguns lugares a secretaria de educação, ainda na () turístico a gente não (encontra) secretaria.

R: Eu posso passar para vocês por telefone da secretária de educação que é a Rita e da secretária de bem estar social que pode ser que ela também tenha alguma coisa que seja interessante conversar com vocês.

P: () das atribuições do organismo que representa no processo de formação e certificação profissional

R: qual é a?

P: atribuições da prefeitura, da secretaria de turismo nos processos de formação certificação profissional.

R: É mais no sentido de quando na época houve a demanda toda da questão da formação dos guias e da parte de idiomas de fazer ali, lutar, para trazer para cá, a estrutura que seria responsável e que cuidaria da formação deles. Então por exemplo quando eu comecei no passado, lá em 97, eu era secretário de turismo, o pessoal começou a cobrar não só local, mas de fora, os guias de Porto Seguro tem que ser qualificados, não querem trabalhar com guias que não sejam com formação etc., e tal. Eu fui imediatamente atrás de quem fazia isso, quem era? O Senai. Nós temos uma demanda, temos uma busca de pessoas para esse tipo de demanda e temos a necessária (fazer). Então nos apresentaram uma proposta na época de convenio com eles, a gente viabilizou o convênio e num período de 4 anos nós formamos 300 profissionais nessa área de guia turismo. Na questão do idioma foi a mesma coisa, começou a surgir a necessidade, a gente já tinha essa relação com o Senac, aí desenvolvemos, ele desenvolveu a pedido nosso. O papel quem desempenhou foi de intermediaria nessa busca da solução entre quem está demandando e quem pode resolver o problema e viabilizar com algumas coisas que a gente pôde através do convenio fazer.

P: () pontos () entendendo se há um diálogo entre trabalhador, empresário, poder público diz respeito a () formação profissional, se esses três agentes sociais se eles dialogam sobre

R: formalmente não. Eu lembro de ter sido convidado a participar de uma reunião com os três para tratar especificamente desse assunto, informalmente, a medida que a gente vai tentando as coisas a gente até troca impressões entre eles e quando é necessário toma algumas providencias.

P: itinerário informativo

P: a gente está pegando endereço, a gente tem a formação e certificação profissional seria interessante () ver um jeito trabalhador itinerário formação por exemplo ele entra para fazer no curso técnico () e ele teria a opção de continuar mais um pouco ele se formar adicionais até chegar num ponto em que 4 anos de estudo de formação e saísse com (). Existe algum organismo procedente de formação ()?

R: Não. Talvez na escola do Senac sendo implantada aqui a coisa comece a caminhar para esse sentido, se vocês também quiserem falar com a pessoa do Senac que coordena isso aqui talvez fosse interessante. Ela pode dar uma visão bem legal para você, ela é uma pessoa extremamente acessível e sempre pronta, vocês vão ficar aqui até quando?

P: Até sábado.

R: Ela está em Salvador, mas você pode falar com ela por telefone, é a Nanci.

CD=44.45

Entrevista – Louis Craig Hartman SINDHESUL patronal

P:

R: a parte que prepara a mão de obra, porque tudo que vem de cima para baixo geralmente não funciona, Nós temos () para conselheiro, já tivemos no passado.

Hoje Porto Seguro tem 520 municípios, tem estabelecimento hoteleiro e não vem nenhum ().

Então existe a norma, mas não tem nenhum participando.

Então realmente, colocar na mesa e começar de novo.

Na área de formação temos, formar para algumas áreas, realmente pontual na parte de contratação. Nem sempre tem um peso muito grande.

Formação para (garçom) a gente sente que tem um peso muito grande.

Aqui na região fica mais por experiência, dedicação, por onde já trabalhou e enfim, outros parâmetros não necessariamente um certificado, uma formação profissional específica na área de hotelaria ou na área que ele vai desenvolver (hotelaria), de garçom, recepcionista, cozinheiro.

Tem que limpar a barra de hotelaria também, senão um fala uma coisa eles falam outra ai e ninguém contrata.

O segmento não pede formação, temos que preparar funcionário para a rede hotelaria.

Mais de 10 anos. Nós temos alguma formação mais de contrato. E geralmente cargo para hoteleiro realmente é um (parâmetro), para contratar profissionais agora que tenha passado por certificado da área que pretende.

P: A gente também queria, uma parte importante dessa pesquisa, é entender se o que é ofertado de qualificação atende a demanda e se servir a demanda por qualificação. Entender também um pouco o perfil do trabalhador, o perfil desse setor, como é o trabalhador do turismo aqui. Como que é o trabalhador do turismo aqui.

R: A grande parte da mão de obra é para empregar no turismo, a maior parte é gente que está em contato com o turista, numa forma geral.

Mão de obra profissional na cultura, Porto Seguro.

Uma boa parte diminuiu formalmente

Informalmente ou formalmente veio empregar basicamente de onde vem a nossa mão de obra em Porto seguro.

Área rural.

Tem curso longo. Acho que dá para quase todos.

Eu diria que tem um bom nível de atendimento.

Contratação () do ponto de vista do movimento turístico

Está claro que gera desemprego,

Aumento grande de pessoa contratação,

O jovem turismo está participação forte.

Se a pessoa está interessada tem que se qualificar.
Atende a exigência da hotelaria em só contratar quem tem certificado da Escola Brasil, Inmetro, Senac e de quem quer que seja. É esta situação que vejo agora.

P: Economia regional

R: a gente vive praticamente turismo, a gente vive basicamente do turismo lazer. Isso é um problema porque na verdade (não existe).

Normal e turismo de lazer é altamente favorável.

Praia e também vão abrindo para o mercado

A gente não tem conseguido a parte de divulgação. Perde um pouco na parte de divulgação.

P: Turismo de negócio, questões culturais.

R: Porto Seguro tem tudo para ter turismo cultural, cidade história. Não vejo esse foco quando a pessoa vem. É mais o foco de praia, de calor, música, dança, entretenimento. Não espaço cultural. É verdade que a cidade nunca forçou muito a parte cultural do turismo, não dá continuidade para divulgar para esse fim. É lazer, praia e entretenimento.

P: qualidade e oferta dos equipamentos de turismo.

R: Porto Seguro é (porte) pequeno. Se eu comparar Porto Seguro com outras cidades do mesmo porte, tamanho ele não tem (). Equipamento, estrutura.

Hoteleiro fantástico para o turismo, acho que a melhor do Brasil.

A diversidade de acesso ao turismo é muito grande.

P: geração de renda () social.

R: grande porque o turismo é o grande distribuidor de renda. Todos trabalham desde quem vende () na praia, aluga,

Não produzimos nada. Serviço é o comércio com os recursos. Nós não temos outro tipo de receita.

P: nos últimos anos houve mudança nas vagas oferecidas?

R: Houve mudança até por questão da () atender a demanda. Nem toda formação é feita em escolas formais, alguns é feito no próprio (estabelecimento) os colaboradores.

Todos os hotéis, na sua maioria estão tentando incentivar os seus trabalhadores a ().() atender turistas internacionais.

P: o trabalhador onde trabalha tem escolas

R: é uma gama enorme de obstáculo. Não tem muito investidor nessa área.

Investidor de hotelaria.

P: perfil dos trabalhadores.

R: eu diria que 100% () formados

Faixa etária de 40 anos, média.

Eu diria que mais jovem. Está mais para jovem do que para mais velhos.

Mulher e homem igual proporção.

Camareira é basicamente mulher.

P: contratação

R: mão de obra máximo 90 dias. Contratação temporária

Hoteleiro tem a tendência de manter o trabalhador o tempo todo.

P: remuneração

R: salário mínimo.

Faxina.

Eu acho que a remuneração é mais para baixo.

Acima do nível. Se comparar com () acho que estamos um pouco a frente.

P: sindicalização?

R: atuante.

Tem assistência, contrato de trabalho, admissões vários suportes.

P: cargos de gerencia ocupados por pessoas de fora?

R: Em Porto Seguro a 15 anos atrás sim.

A gente teve que tirar (nativo).camareira.

Hotelaria tem todos os cargos de gerência a ().

Desenvolveu muito.

Não para ativos.

Hoje não importa. Dificilmente alguém de fora.

P: tomada de decisões

R: é muito recente porque há 10 anos atrás, não tinha nem 20% do que se tem hoje

P: mão de obra do turismo: escolaridade, qualificação profissional

R: qualidade, acho que hotelaria tem uma certa formalidade dos colaboradores.

Exige necessariamente uma escolaridade mínima.

Em hotelaria já tem gente com nível superior, mas ainda é pequeno.

Bares, restaurantes possivelmente não tem essa formação.

P: oferta da qualificação profissional: cursos oferecidos, temas, instituições que oferecem os cursos, número de vagas, qualidade do curso.

R: nessa área eu não posso responder, porque não sei dizer.

Recente, as ofertas de qualificação agora está chegando:

Escola Brasil é dedicado aos funcionários, está funcionando, formando gente. Senac os cursos são rápidos, especialmente governança. Muito bons e todos com bom atendimento

Outros cursos existe.

P: qualificação dos trabalhadores, da mão de obra que é oferecida, quais principais queixas da qualificação da mão de obra

R: aqui é a quantidade e a qualificação que não atendem ainda o mercado.

O trabalhador nem sempre ele tem uma qualificação específica na área.

A oferta de qualificação quer comparável a demanda.

Não é mais trágico, a gente está avançando nesse sentido.

Se não houver investimento maior nessa área vai ().

Não atende pelo número de vagas e não atende as pessoas se interessarem nesse recurso.

Se tem a vaga e tem a procura ().

P: exigência que os empresários tem para contratar funcionários

R: cursos , atributos obrigatório.

Experiência

P: demanda de qualificação da mão de obra

R: () por parte do funcionário quando ele tem uma melhor qualificação.

E também remuneração

Não estamos acostumados a ter apoio governamental.

P: parceria do ministério do turismo. Receber certificado. Comunicação governo federal

R:

P: troca de e-mails.

CD=56m49

Entrevista – Elio Brasil – SINTHOTESB - trabalhadores

P: Como você descreveria a economia aqui de Porto Seguro, você acha que ela está num momento de expansão, de retração, de estagnação pensando no turismo. Na verdade, não só no turismo, de uma forma geral?

Elio: Eu acho que ela está estagnada, estagnada já há uns 4 anos, não cresce, diria até que alguns setores mais importantes é retração. Nos hotéis de porte melhor, de um preço mais elevado, ela está em retração. No restante está estagnado porque o turismo () ainda vem muito pra Porto Seguro, então o hotel mais barato sempre tem movimento, mas os hotéis grandes, de qualidade melhor, estão em queda e uma queda muito acentuada.

P: Os turistas de grande poder aquisitivo que deixaram de vir pra cá, que tipo de turista era esse, estrangeiro?

Elio: É o turista estrangeiro, é o turista que hoje ele procura outros destinos melhores a nível de outros países: Europa, América do Sul, cruzeiros também, com o dólar mais baixo eles podem pagar o mesmo preço de uma viagem para Porto Seguro um cruzeiro uma diária parecida. Então muitos desses executivos de poder aquisitivo maior, a cidade não tem oferecido muita qualidade, então eles têm procurado o destino com melhor qualidade e aí Europa, Estados Unidos cruzeiros todos eles tinha () Porto Seguro.

P: E o que você espera do turismo aqui em Porto Seguro, você espera que ele seja um negócio, que ele contribua para (geração) cultural ou para geração de emprego e renda?

Elio: Hoje principalmente para geração de emprego e renda porque a economia de Porto Seguro é baseada diretamente ao turismo. Como ele está estagnado ou até em retração, toda a economia está parada porque o comércio depende do turismo; a indústria depende do turismo, a pequena indústria; o (móveis) depende do turismo; os profissionais liberais também dependem do turismo, toda a economia em Porto Seguro é baseada diretamente no turismo, como está com essa crise, todo mundo sofre e () que mais sofre é a questão do emprego e se a cidade fica parada o emprego e renda diminui de uma forma muito acentuada, hoje () a grande maioria, os trabalhadores.

P: Então, você considera que atualmente tem mais mão de obra do que posto de trabalho?

Elio: Muito mais mão de obra do que posto de trabalho. Porque os postos de trabalho estão fechados, (o turismo) como o hotel não tem movimento () o empreendimento não quer colocar um funcionário por colocar. Ele só coloca, ele tem essa possibilidade de só colocar o funcionário quando tem movimento. Então como uma boa parte da cidade está parada, por conta disso, durante quase todo o ano os postos de serviços estão fechados. () o hotel só abre na temporada, então com isso os postos de trabalho diminuem e a oferta de mão de obra aumenta a cada dia e os jovens também (que quer entrar no mercado) do trabalho o número é muito grande aqui porque muitos desses jovens vieram de outra cidade há 10, 11 anos atrás, então agora que ele entra no mercado de trabalho, ele não encontra vaga.

P: A questão da sazonalidade dessas diferenças entre a alta e baixa temporada tem se feito alguma coisa para amenizar isso aqui no município, a prefeitura tem tomado alguma atitude em relação a isso ou na alta temporada está cheio e baixa temporada muita gente desempregada, como é que funciona isso?

Elio: Tem sido feitas algumas ações para diminuir essa sazonalidade () há 20 anos já no() no verão é um movimento muito bom, verão chega a dois meses por ano, depois vem alguns dias de julho e aí o que poderia diminuir essa sazonalidade era algum atrativo de baixa temporada. A cidade tem buscado fazer isso, de forma tímida, mas tem. Algumas entidades a nível de empresários, uma fundação chamada () é tenta fomentar o () negócio, mas de forma muito tímida que não consegue trazer mais turistas, trazer eventos durante a baixa temporada. Então algumas ações têm sido feitas, diminuir, gerar negócios, às vezes (forte) alguma coisa buscar fazer, mas com sucesso muito pouco pequeno, mas não consegue atender a todos.

P: O turismo que é praticado aqui é essencialmente turismo de lazer?

Elio: É essencialmente turismo de lazer, acho que o percentual de turista que vem pra Porto Seguro em busca de outras coisas, é muito pequeno. Religioso, duas vezes por ano, mas

praticado por grande número de romeiros, romeiros esses que traz muito pouca renda para a cidade e de negócio também, tem sido tentado (buscado), nós temos alguns tipos de convenções em hotéis particulares, do governo também, mas muito pouco.

P: Na sua opinião, quais são as potencialidades da região que dizem respeito ao turismo, mas que não estão sendo aproveitadas, o que o turismo daqui poderia estar aproveitando em não aproveita em Porto Seguro?

Elio: Os negócios só funcionam pouco, mas funciona, ele podia ser mais bem trabalhado. Além dos negócios, o esportismo que quase não existe, nós temos mares, a extensão de praia é muito grande e rios também (); podia ser pensando no turismo cultural pelo histórico que Porto Seguro tem, também não é explorado de nenhuma forma, () não existe na cidade; o turismo de meio ambiente () ecológico, também não é feito nada porque a gente tem o monte Pascal próximo ali, não é feito nada lá; possui muitas aldeias virgens ainda e bem pouco freqüentadas. Então esse turismo não é trabalhado, nem o de negócios, o de negócios é trabalhado muito pouco, mas () zero o esportivo, o náutico, o ecológico, cultural () pode ser explorado e não é explorado.

P: Como é que você avalia a oferta e a qualidade dos serviços comerciais voltados para o turismo em Porto Seguro, hotéis, bares, restaurantes?

Elio: Eu analiso como a gente tem um turismo muito barato, eu vejo como se trabalhar uma coisa de melhor qualidade, alguns hotéis, por exemplo, tem uma qualidade muito boa, () os serviços prestados, pelo valor pago da diária, o serviço pode ser melhor, () não de obra, nas diárias, o serviço podia ser melhor, mas mesmo assim tem muita coisa de qualidade aqui; tem restaurante de qualidade, tem hotéis de qualidade, tem as guias de turismo de qualidade, tem a questão de serviços com escunas de qualidade e () a questão do valor que é pago, então se paga pouco, às vezes o serviço pode ser melhor, mas não se oferece pelo posto que é pago. Se tivesse um turismo melhor, um turismo que pagasse um valor melhor, com certeza a gente teria melhor qualidade a oferecer.

P: E como é que você avalia a oferta de () de eventos voltados quanto da questão cultural, estou pensando em parques, praças ou então shows, eventos culturais, isso é uma coisa presente, a cidade tem a oferecer?

Elio: Existem eventos culturais, musicais, basicamente é isso que existe aqui, eventos culturais, mais musicais, teatro não tem, a questão do folclore não tem, cultura em si, muito pouco, então os eventos que são oferecidos basicamente são eventos musicais, de qualidade () porque os turistas que vêm aqui eles tem eventos que são a cara deles, a gente vê muito axé; axé e rock; axé, axé, muito axé e de vez em quando um forró, é mais axé, mas também o turista que vem, vem em busca desse axé. O que existe hoje atende o turista que vem, se tivesse um turista de melhor qualidade, não teria, não tem um evento de mpb grande, vem uma vez por ano um grande artista mpb; teatro nunca veio ou veio uma ou duas vezes nesses últimos dez anos, cultura aqui para o turista basicamente são os shows () nas casas de shows.

P: Aproveitando isso que você falou dos eventos só voltados para os turistas, uma coisa que a gente comentou com o Marco Antonio, hoje de manhã, é que a gente fica aqui no centro, a visão que a gente tem é bacana, se a gente vai lá pra (), a rua é de terra, não é asfaltada (), como que está essa separação e como é que o pessoal de Porto Seguro vê essa separação entre aquilo que é voltado para o turista e aquilo que é para a população da cidade?

Elio: Essa é uma questão difícil. Isso não acontece só em Porto Seguro, acho que acontece em todo Brasil, o que é oferecido aos visitantes seria melhor cuidado, você tem um visual bonito, mas para os trabalhadores e a população em geral não se oferece nada, a infra-estrutura é muito ruim, na maioria dos bairros não tem saneamento, não tem calçamento, não tem rede de esgoto, a cidade toda é assim, todas as periferias tem grandes problemas de desemprego, de violência, exclusão social em sua maioria, então a cidade para turistas é uma, para os moradores é outra, bem diferente da realidade dos turistas, o que deixa os trabalhadores numa situação muito complicada porque eles ficam o dia inteiro num lugar muito bonito, uma praia bonita, um centro da cidade bem cuidado, mas quando ele chega em casa tem um contraste muito grande da sua realidade que ele convive boa parte do dia trabalhando, então isso até mexe com os trabalhadores, mexe muito e é muito prejudicial, ele fica numa situação muito complicada porque ele mora num lugar tão ruim e trabalha num lugar tão bonito, então eu acho que isso é muito prejudicial para os trabalhadores.

P: () o setor do turismo ele gera emprego e renda, propicia mobilidade social, o trabalhador do turismo estão progredindo socialmente a partir daquilo que eles recebem do setor do turismo?

Elio: Não. O setor do turismo aqui no Brasil, não sei se em outros países é diferente, ele não propicia nada de conforto, de inclusão social, infelizmente não propicia, infelizmente a gente tem uma realidade muito difícil, primeiro que os salários são baixos, baixíssimos, a maioria ganha salário mínimo; um garçom ganha um salário e alguma coisa, então é uma fantasia dizer que o turismo gera empregos e gera renda, ele gera emprego e renda de má qualidade, por isso que existe numa cidade de turismo um nível de pessoas que estejam à margem da sociedade muito grande, de drogas, de corrupções e tudo que é ruim na cidade existe, só o turismo () porque ele tem as coisas com mais facilidade, ele tem bebida com facilidade, às vezes tem drogas com facilidade, prostituição com facilidade, tudo isso pesa muito negativamente na sua vida real (com a sua família) que a realidade passada é uma, mas (fundo) é totalmente diferente.

P: E você acha que nos últimos anos teve alguma mudança quanto ao perfil do trabalhador, voce acha que o nível de escolaridade do trabalhador voce acha que hoje está mais alto ou não, você acha que as pessoas que estão trabalhando hoje, você acha que a faixa etária mudou, você acha que as pessoas são mais jovens, são mais velhas comparando com os últimos 5 anos? O perfil do trabalhador mudou nos últimos anos?

Elio: Nos últimos anos, Porto Seguro surgiu no turismo muito de repente, então não se fez uma projeção, então muitos trabalhadores que vieram (), vieram para Porto Seguro para trabalhar, então inicialmente a escolaridade deles era muito baixa porque vem da zona rural, escolaridade baixa, a idade também geralmente passava dos trinta, era um pouco elevada e naquela época também existia uma demanda de mão de obra bem maior que a oferta então com o passar dos anos, vindo mais e mais trabalhadores, a realidade foi mudando, mudando por que? A demanda (e o ministério do turismo) quer gente jovem, foi descartando o pessoal de idade e empregando os jovens e os jovens, na sua grande maioria, ele freqüentou a escola, nos últimos anos a escolaridade do brasileiro tem aumentado, então conseqüentemente os jovens que estão no mercado de trabalho hoje tem escolaridade melhor do que há alguns anos atrás, então ele hoje é mais jovem e a escolaridade é melhor e os adultos que estavam no mercado, na sua maioria, estão em casa, desempregados.

P: E o salário, você acha que mudou?

Elio: Não, o salário no começo, por conta da oferta, da demanda de mão de obra ser maior que a oferta, o salário era um pouco melhor. Também como surgiu logo a cidade, os valores das diárias e tudo mais era outra realidade, mas hoje com a diária baixa, uma oferta muito grande de mão de obra, os salários estão bem mais inferiores () muito grande do que há dez anos atrás.

P: E pensando ainda nessa mudança do perfil do trabalhador, você acha que nesse período o número de mulheres contratadas era maior, menor, se manteve?

Elio: A questão do gênero eu acho que não mudou muito, se manteve, se manteve porque tem alguns serviços oferecidos que são () de mulheres, outros de homens, então isso se mudou, mudou muito pouco, continua o percentual é quase igual ao dos anos atrás.

P: E a remuneração das mulheres comparando com a dos homens?

Elio: Ela seria um pouco mais inferior porque as mulheres ou elas estão em serviços de governança ou na cozinha, então esses dois setores do serviço, ele é menor, o salário é menor.

P: E esses problemas que você apontou dos trabalhadores do turismo e o turismo em geral que eles sofrem, você acha que eles vêm de onde, você acha que tem a ver com problemas na formação dos trabalhadores, problemas no setor mesmo de turismo ou tem a ver com problemas econômicos, sociais no Brasil, uma coisa mais global, de onde você acha que vêm esses problemas?

Elio: Alguns problemas vêm do setor mesmo, da crise do setor. Eu acho que como o setor está em crise (são os trabalhadores) (), mas aí vem problema de formação, que também é grave, vem de crise não no Brasil, mas do turismo do Brasil e de um modo geral, a economia que gera o turismo () tem essa disparidade tão grande.

P: E os trabalhadores no turismo, geralmente eles são contratados com carteira assinada, sem carteira, como que é isso?

Elio: Geralmente

P: Isso pensando em hotéis, bares, restaurantes.

Elio: Eu acho que com carteira assinada tem () trabalhadores, mas tem também, não chega a ser 100%, acho que 70% com carteira, () que é um número muito grande sem carteira, acho que o percentual é mais ou menos esse. Tem os pequenos empreendimentos que não são fiscalizados, por conta disso () sem carteira, os (cabanas de praia), pequenos restaurantes, alguns serviços praticados por agências: escunas, alguns serviços que na sua maioria são sem registro.

P: E a jornada de trabalho.

Elio: Nos hotéis, aí vai muito da questão do registro, os que são regulamentados geralmente cumprem uma jornada de oito horas, mas os outros, não há jornada, chega a 12, 14 horas porque não há fiscalização, o sindicato não consegue fiscalizar todos, acompanhar todos os (processos) porque a cidade é muito grande, a região maior ainda, então não se construiu uma estrutura para poder fiscalizar e também não tem como fiscalizar () do ministério do trabalho, eles não existem na cidade, é ausente e por conta disso, as jornadas em alguns casos passam das oito horas.

P: Não tem Drt aqui?

Elio: Não.

P: Na semana são seis dias trabalhados e um de folga?

Elio: É.

P: Só uma folga semanal?

Elio: Só uma folga semanal.

P: E a remuneração, você falou a categoria não consegue ter um piso?

Elio: Não consegue.

P: É o mínimo?

Elio: Algumas empresas partem do mínimo () além do mínimo muito pouca coisa ()

P: E como que é a relação com o sindicato, os trabalhadores mantêm essa relação, tem trabalhador sindicalizado, como que é isso?

Elio: O número de sindicalização é boa, mas como a sazonalidade é muito grande, você não consegue acompanhar o trabalhador, em um 1 ano ele fica 3 meses num empreendimento, 4 meses em outro, fica desempregado em outro período, então () é até grande, mas por conta da sazonalidade é difícil. A relação com o sindicato sempre foi muito boa, mas a cultura do setor ela é (não só em Porto Seguro), todo o setor do Brasil ele não valoriza as ações do sindicato, ele não entende o papel do sindicato, por conta disso, a gente não consegue fortalecer as nossas reivindicações, mobilizar a categoria, essa é a realidade do turismo (desculpa falar) todo mundo fala a mesma coisa, não é uma categoria participativa, pra mim ele vive muito de ilusão, eu dou um exemplo, um garçom não quer parar porque ele tem uma caixinha, a recepcionista não quer mobilizar porque entende que tem uma comissão do que vende, então, além de tudo, ele passa o dia inteiro num ambiente, ele não consegue entender que o ambiente mesmo que ele tem que mudar é o ambiente (de lá onde ele mora) ele fica 10, 12 horas no resort bonito, se alimenta bem (), é um lugar cheiroso, limpo, então ele não consegue entender que ele tem que mudar a realidade da vida dele da onde ele mora. Então eu acho que esse é um dos grandes desafios do sindicato () que eles tem que brigar mais, reivindicar mais, se mobilizar porque é uma questão também da vida dele fora do local de trabalho.

P: A relação do sindicato com os empresários do setor como que é, é turbulenta.

Elio: É boa, respeitosa, mas como eles não conseguem mobilizar os trabalhadores da categoria, ela fica uma relação () porque não consegue mobilizar a categoria, se a gente conseguisse mobilizar, tinham mais respeito pelo sindicato, atendiam as reivindicações, mas por conta da pouca mobilização da categoria não se consegue fazer isso (te que fazer) de acordo ().

P: E como que você caracterizaria o nível escolaridade dos trabalhadores no turismo de um modo geral? Você falou que atualmente que o trabalhador está com mais anos de escola.

Elio: É baixo porque hoje a gente tem que pensar num nível superior. A nível médio, uma boa parte dos trabalhadores tem um nível médio, uma boa parte, mas se pensar além do médio, muito pouco, muito baixo, ele é bom até o médio, além do médio são bem poucos que têm além do médio.

P: E pensando na qualificação profissional, os trabalhadores têm cursos de qualificação, cursos técnicos?

Elio: Muitos poucos têm, tem esses cursos de horas administrado pelo Senac, pelo sistema S e agora o convênio que existe com escola Brasil profissional. Agora, pensando numa qualificação mais especializada, mais técnica não, tecnicamente são mal qualificados.

P: E aqui em Porto Seguro o que vocês têm de cursos de qualificação, você falou em Senac, escola Brasil, que mais?

Elio: O Senac e algumas escolas particulares.

P: O Cefet também ne?

Elio: O Cefet foi instalado no ano passado, então não tem ninguém ainda do Cefet no mercado de trabalho, não formou ninguém. O Cefet sim, está fazendo uma qualificação técnica de qualidade, a Escola Brasil faz um curso mais prático, mais rápido e o Senac também.

P: Esses cursos são de quantas horas mais ou menos, você tem uma idéia?

Elio: Eles são de 200 horas, 150 horas, nessa faixa.

P: E no Senac?

Elio: No Senac de 60, 80 horas.

P: E o Cefet é uma coisa mais longa?

Elio: Mais longa.

P: E você acha que os cursos que são oferecidos atendem a demanda, o que a população precisa você acha que está bom?

Elio: Não.

P: Assim, não só nos cursos, pensando no número de vagas, pensando também as instituições que oferecem, a qualidade do curso, você acha que atende?

Elio: Não atende não, o que acontece é que os cursos que são oferecidos já não são os mesmos como informática, recepção, então pensa em governança, () as bebidas, garçom não tem () bebidas, um curso mais aprofundado não têm, na área de gastronomia, então tem que ser mais bem melhorado. As instituições se você pensar a nível de Senac, o Senac existe em todo Brasil o Cefet também, tem agora a Escola Brasil, tem uma escola muito boa da CUT, então tem uma qualidade acho que é bom, temos do governo, temos da central sindical e temos uma de um empresário(igual ao Senac), mas o número de vagas não atende a realidade.

P: E você acha que esses cursos, você acha que falta prática, são muito teóricos.

Elio: Falta prática, são muito teóricos na realidade, falta também ser colocado de uma forma que (melhor) desse um acompanhamento do aluno () e parasse () geralmente um curso sempre precisa de outro, então deveria trabalhar dessa forma, fizesse um acompanhamento do aprendizado daquele aluno.

P: E quem que procura esses cursos, quem já está trabalhando, quem ainda não começou, quem está desempregado?

Elio: Procura o desempregado, quem está no mercado, quem está desempregado, procuram os estudantes () e alguns que já estão na área porque ele quer estar sempre inovando, então eles procuram muito esses cursos também.

P: Mas proporcionalmente você que quem procura mais?

Elio: Os que estão desempregados.

P: Desempregados?

Elio: É os desempregados procuram mais os cursos.

P: De uma maneira geral, o que a gente observou em Florianópolis para cá o trabalho tem rendido bem mais aqui. As pessoas estão colaborando bastante.

P: Os desempregados são as pessoas que mais procuram esses cursos e depois eles conseguem emprego por terem feito o curso?

Elio: Conseguem. O mercado é bastante exigente, mesmo valorizando mal o profissional, eles querem uma pessoa qualificada, então eles quando saem da qualificação facilita muito o ingresso no mercado de trabalho, quase todos que oferecem vagas, só querem oferecer para quem esteja qualificado () chegar e colocar pra trabalhar, isso é raridade, os que estão desempregados buscam, depois de qualificados, facilita a sua entrada.

P: E quem já está trabalhando que vai procurar esses cursos, você acha que de alguma forma melhora no trabalho, passa a ganhar mais?

Elio: Melhora, ganhando mais não sei se tanto, mas () depois de qualificado, ele muda para uma melhor, isso ocorre muito, dentro da qualificação, ele procurar uma colocação melhor.

P: Dentro do mesmo lugar ou procurar outro local?

Elio: Em outro local ou no mesmo que está.

P: E os patrões reconhecem isso?

Elio: Alguns reconhecem, não a maioria, mas alguns reconhecem, o trabalhador qualificado ele merece ter o salário diferenciado.

P: E uma pessoa quando vai procurar um curso de qualificação, o que chama mais atenção, o número de vagas que são oferecidas; se o curso é gratuito, se ele é pago; a compatibilidade do horário do curso com o horário de trabalho; o conteúdo desse curso; material que é utilizado; o nome da instituição, o que você acha que chama mais atenção?

Elio: Gratuidade pesa muito, depois da gratuidade, a compatibilidade do horário que muitas vezes ele não consegue fazer porque a empresa não consegue participar, colaborador com o trabalhador para ele participar do curso, então esses dois fatores são muito importantes. E também que dão o curso, se é uma instituição reconhecida, ele participa, ele dá valor mais aquele curso () uma semana, duas semanas, ele pára de fazer o curso, então esse é um outro problema que tem que ser analisado também.

P: Faz parte das convenções coletivas do setor, alguma cláusula que obrigue o empresário a liberar o trabalhador tantas horas por semana para realização de cursos?

Elio: Faz parte da reivindicação, efetivamente não conseguimos aprovar nada não (voltada à isso) porque aqui, na verdade, existem muitos donos de empreendimentos, empresários mesmo, muito poucos, existe a pessoa que montou o negócio e vai tocando, mas pessoas que vieram de outro setor, que está aposentado e que tem dinheiro para investir, ele monta e (montou e pronto,) uma qualificação, isso é uma realidade (deveria também) quanto o empresário, é que na sua grande maioria também não são qualificados, (ele vive do empreendimento), está tocando o empreendimento de maneira certa, de maneira errada, ninguém sabe, mas poucos são qualificados e má qualificação dele atinge diretamente a qualificação do trabalhador porque ele não entende que a qualificação do trabalhador é importante para o próprio empreendimento dele, então eles não querem, poucos ajudam, bem poucos ajudam.

P: Qual que é o problema da qualificação profissional aqui, qual a tua opinião, o que você acha que tinha que melhorar nos cursos para qualificar os trabalhadores?

Elio: A oferta.

P: A oferta de...

Elio: De vagas.

P: E cursos também?

Elio: Vagas e cursos, oferta de vagas e curso e parceria com o setor, nesse caso para os trabalhadores que estão empregados. Os que estão desempregados, eu vejo a questão do local, às vezes ele não tem dinheiro para se locomover, então, transporte, essas coisas são muito importantes também. Sintetizando, a oferta e no caso dos que estão empregados, participação do empresário e dos desempregados, a situação de locomoção, de ajuda que os cursos não oferecem (não vão conseguir concluir os cursos).

P: E quem você acha que deveria investir para melhorar isso, você acha que isso deveria ser uma iniciativa do governo, dos empresários, dos trabalhadores?

Elio: Do governo, uma parceria, governo, empresários e alguns trabalhadores.

P: E o que você acha que os cursos de qualificação podem trazer de positivo para os trabalhadores?

Elio: Melhor qualidade dentro dos serviços que ele oferece, com isso podendo dar um valor maior, valorizar mais o seu serviço, questão social também é importante porque se insere melhor na sociedade.

P: Como assim?

Elio: Ele depois de qualificado ele se sente melhor e passa a ser um profissional de uma liberdade melhor, procurar um ambiente de trabalho melhor que o valorize melhor, então socialmente sendo positivo.

P: Com relação a qualificação profissional a nível municipal, tem alguma secretaria municipal que trata da questão da qualificação profissional que faça um trabalho junto aos profissionais do setor?

Elio: Existe uma secretaria de um município aí que faz um trabalho social, eles buscam esse trabalho de qualificação através de outros órgãos, do Senac, do governo do estado, eles estão sempre buscando, recursos próprios eu não conheço que eles invistam na qualificação, não tenho conhecimento de nenhum município em qualificação profissional, pode até existir, mas eu não conheço nenhuma ação do município, com recurso do município para qualificação do trabalhador,

sempre quando tem é em parceria com outro órgão, por parte do estado ou do próprio governo federal, mas do município não.

P: A questão da qualificação profissional () turismo a gente tem notado que isso varia de cidade para cidade, em alguns lugares quem cuida disso é a secretaria de educação, em outras a secretaria de turismo, aqui no caso...?

Elio: Aqui existe a secretaria do trabalho, quando o município faz e quando o governo faz, existe a (assessoria) do estado (aqui que trata da) qualificação profissional () emprego, eles sempre estão oferecendo () aí vem do estado e do ministério do trabalho.

P: E isso chega aqui?

Elio: Chega, sempre chega, normalmente eles qualificam 100 trabalhadores.

P: Tem (posto)

Elio: Tem.

P: Onde que é?

Elio: () inclusive está tendo alguns cursos lá agora.

P: O ministério do turismo há algum tempo atrás (fez) uma parceria com o instituto () da Bahia você já ouviu falar?

Elio: Já.

P: () depois com Inmetro e finalmente com a Abnt - Associação Brasileira das Normas Técnicas, o ministério do turismo estabeleceu uma série de normas técnicas para certificar os trabalhadores do turismo, então tem uma norma lá que diz: para certificarmos um garçom, o profissional precisa cumprir os seguintes requisitos; aí diz lá, o garçom precisa saber fazer isso, isso e isso, a pessoa passa por uma prova e sai certificado. O ministério do turismo nessa parceria já editou 56 normas, aí passa por camareira, governança, garçom, guia, você tem alguma conhecimento do uso dessas normas da Abnt aqui na região de Porto Seguro, para certificação de trabalhadores, já ouviu falar?

Elio: Falar eu ouvi já. Agora, aqui na região não conheço (nenhum () certificado) se existe são alguns mais do setor de chefia, mas de trabalhadores de cargo do dia-a-dia não, mas eu conheço ()

P: E quanto a oferta (formação) de certificação profissional, existe algum debate alguma consulta aos trabalhadores sobre o que vai ser ofertado da qualificação profissional, essas instituições que oferecem certificação, consultam os trabalhadores, consultam os empresários, tem algum debate?

Elio: Sobre o curso?

P: Eles consultam o sindicato dos trabalhadores, por exemplo, será que vai dar um curso de garçom, ele chega até os trabalhadores para perguntar o que os trabalhadores gostariam de ter naquele curso?

Elio: Não, não chega não, ele já vem montado. O Senac às vezes consulta, mas de forma muito genérica, está pronto já o negócio lá e oferece, nada assim como norma, tem um curso na cidade, eu vou consultar os trabalhadores para ver o que eles estão precisando realmente, isso não acontece, nem o Senac, nem a Escola Brasil.

P: A Escola Brasil também não tem essa consulta aos trabalhadores?

Elio: Assim, o sindicato dos trabalhadores participa da associação, de uma maneira ou de outra eles consultam a gente, mas não como se fosse uma regra, só dão curso se os trabalhadores aprovarem aquele curso.

P: E consultam os empresários também?

Elio: O que acontece? A associação agrega os (empresários) então através de alguns empresários () fazer parte do conselho de escola, eles são consultados.

P: A gente tem trabalhado lá em São Paulo com uma noção que a gente chama de () informativo do trabalhador, é uma espécie de () de informação, aí eu dei o mesmo exemplo pro Marcos Antonio que é o seguinte: por exemplo, o Senac oferece vários cursos de curta duração e nem sempre esses cursos são articulados ou então por outro lado o Cefet oferece o curso de dois anos para você conseguir um certificado, você tem que cumprir aqueles dois anos se sair no meio não vai ser certificado. Então, a gente tenta, por exemplo, vamos pegar um curso de duração de 1 ½ ano dividido em três módulos, então pensando em um técnico eletricista, o sujeito cumpre 6 meses e aí ele recebe um certificado de técnico para instalações residenciais, aí ele cumpre mais 6 meses e ele recebe um outro certificado para técnico de instalações prediais e aí completa 1 ½ ano e aí recebe um certificado para técnico de instalações industriais, ele faria um curso de 1 ½ ano articulado, com três certificações ao longo do curso, se ele sair antes ele teria uma certificação.

Aqui na região desses cursos todos que você citou e que você já ouviu falar, tem alguma coisa que siga esse modelo?

Elio: Não, que eu conheça não.

P: E o que você acharia de um curso estruturado dessa forma?

Elio: Muito bom.

P: Mas aí pensando ao invés de técnico poderia ser auxiliar de garçom, garçom?

Elio: Muito bom, seria muito bom. Alguns cursos do Senac com duração maior, eles têm as etapas, tantas horas para uma coisa, tantas horas para outra, mas só certifica o curso completo.

P: Se o cara desistir no meio?

Elio: Não, não.

P: Não ganha nada?

Elio: Não. Você conhece os cursos do Senac, são cursos de no máximo 80 horas, tem alguns cursos que chegam a ser de 15 horas só, são cursos muito pequenos, então esses certificam o aluno por completo, mas essa idéia seria melhor, bem melhor.

P: Está bom. Também estou satisfeita, já conseguimos chegar. Foi muito produtivo.

R: Estamos aqui para isso mesmo.

P:

R: () informação desencontradas, meu pensamento não é o do Marcos () mas é da escola Brasil meu pensamento é diferente dele, normal divergir.

P: É legal a gente ouvir.

P: No geral é até bem parecidos, pontos de divergentes é uma coisa só.

R: Eu sou uma pessoa que passa mais tempo dentro do hotel (14) anos. Uma relação muito forte, minha família todinha dentro dos hotéis, sem falar que todos meus amigos também. () Eu sou bem mais inserido por conta disso da família, dos amigos mais próximos, divergi muito pouco, a categoria nossa é muito difícil e não de Porto Seguro, é de Brasil, São Paulo, (), Salvador tem. Por conta disso poucos cursos ligados (),

P: Entrevista trabalhadores em Florianópolis (). Não era da Cut, era da () central. () questão dos 10% serviço, não abrem mão, preferem continuar nos 10%, acham vantabem

R: Isso acontece com os outros setores, se você pegar no restaurante () bar-man e garçom para servir (quadro) de ações 2 cozinheiros é o suficiente, uma realidade melhor, para recepção tem mensageiro forma abrangendo () comissão (), ai sobra as camareiras que geralmente também tem (). Eu tive lá na escola (Candaia) um doutor de turismo para adulto me falou isso, eu cheguei em salvador, ele me retratou toda essa realidade, ele era do sindicato, ele era advogado do sindicato lá de Salvador ele falou: em Porto Seguro é isso () ninguém, não desanime, não sai do movimento, mas () existir essa realidade Salvador a briga pelo salário, pela qualidade vida, relação do trabalho, não (). todo mundo na formação do hotel ele vê isso, extremamente prejudicial.

P: Mobiliza

R: Sem falar naquilo, ele fica ali 10 horas, geralmente come bem, toma banho bem, ele trabalha num ambiente bonito, geralmente o uniforme dele é impecável então quando ele chega em casa ele vai dormir, praticamente, ele pára de atender que é importante que ele comece a se mobilizar, reivindicar, (), sem falar em bebidas, o cara é garçom em bar-man, isso é muito prejudicial porque muitos se envolvem em bebidas, drogas, mulheres prostituição, muito () realidade.

P: pronto.

CD=45.45

Entrevista: Jobilo Ferreira de Oliveira – SINTHOTESB-trabalhadores

R: () então a partir daí que a gente está buscando o perfil para tentar trabalhar uma melhor ou então opinar na questão dos trabalhadores. Essa era a nossa idéia.

P: E ai como a gente tinha marcado para ontem o Tônico acabou indo embora ontem mesmo, tem família em Belo Horizonte, então ele foi primeiro. Hoje então vou tocar a minha parte

R: Se ele precisar de alguma informação.

P: Ele falou que depois ele te procura, por e-mail, por telefone. Então vamos lá. Como é que você descreveria a economia de Porto Seguro de um modo geral, você acha que está num momento de crescimento, de estagnação, como é que está?

R: Olha, ela está () a crescer, mas () já patrocino, agora devido às administrações atrapalhadas que a gente está no local, o município teve alguns prefeitos desastrosas, essas administrações tem feito com que o turismo pare um pouco de crescer e também a questão do turismo vem de vários fatores, eu digo os fatores que dificulta o crescimento do turismo é outras regiões turísticas no Brasil que vem se representando e ofertando propiciando melhor o turismo, de hospedagem, agora o Porto Seguro tem no total, tem uma infra-estrutura boa de hotéis, agora precisa realmente fazer investimento na área de qualificação profissional dos trabalhadores e também do empresariado, () tem pessoas aqui que não são proprietários e até são donos de hotel, então dificulta. Então tem reversão. E outra é a questão da economia, hoje se gera muita gente para fora do país e tem outros fatores que impede o crescimento do turismo na região. Sem contar também com o turismo que nós trabalhamos aqui, infelizmente é o turismo de lazer, () o turismo de negócios talvez não seja o local por não ter muita indústria na região, mas pode ter o turismo de eventos, de eventos religiosos, eventos diversos que podem ser colocado aqui, feito algum trabalho para fazer essa questão. Agora precisa realmente uma administração voltada com essa locação de diversificar o turismo da cidade, se fizer isso acredito que se pode acompanhando o crescimento, a tendência que tem o município.

P: O que você espera do turismo em Porto Seguro, você espera dele que seja negócio contribui para () cultural, contribui para geração de emprego e renda?

R: Olha, eu não sei se posso responder sua pergunta.

P: pode

R: Eu acho que tem que ampliar geração () cultural é necessário, e a geração () todo mundo, fatores que esperamos em Porto Seguro.

P: E agora pensando no turismo, característica do setor você acha ,que o volume de emprego que tem, ele consegue absorver toda a mão de obra que tem (), como que você acha que está isso?

R: Eu acho que sobra mão de obra, nós passamos por uma crise aqui profunda de desemprego, não porque tem pouca oferta de trabalho, não é isso, é porque aqui tem muita mão de obra, muitas pessoas porque aqui foram construídas na região aqui no extremo sul da Bahia algumas fabricas de celulose, isso tirou as pessoas do campo, sem contar que enfrentamos também ainda muitos trabalhadores que vieram da zona do cacau, do sul do estado em busca do emprego e abrigaram nas regiões do turismo e Porto Seguro foi um dos maiores cidades que recebeu o maior número de trabalhadores rurais de produtos que vieram da questão do (), e um número muito grande de trabalhadores que são da construção civil que vem a busca do trabalho nas empresas, nas construções das fabricas de celulose, foram 3 fabricas de celulose (construídas) na região e depois que passou a construção dessas empresas esses trabalhadores migraram automaticamente a Porto Seguro, então nós temos aqui uma demanda de pessoas desocupadas muito grande em contrapartida o número de hotéis, de emprego gerado pela economia política, não comporta todos os trabalhadores.

P: E como que você avalia os serviços oferecidos aqui procura de turismo, como que você avalia os hotéis, bares, restaurantes, você acha que a estrutura está boa?

R: Está bem. Acho que a estrutura que tem aqui nossa, hoje atende o turismo principalmente o turismo com o turista que nós trabalhamos aqui hoje que são o turismo de lazer, a gente tem na sua maioria por operadores e essas operadores buscam geralmente um custo menor, a oferta parece () de hospedagem e de alimentação, então o suporte aqui dos hotéis, dos restaurantes com certeza comporta esse tipo de turistas.

P: E os equipamentos culturais da cidade, museus praças, parques você acha?

R: Nós temos um museu aqui que está funcionando, o museu da cidade história, que foi na época, no ano que fizeram uma reforma nele, está funcionando, mas não tem muito atrativo porque falta divulgação na cidade, não anunciamos o aspecto histórico da cidade, fazer esse trabalho e praças nós temos muito a desejar só tem duas praças na cidade, tem poucas praças, um parque de entretenimento que é o parque aquático em Porto Seguro tem um parque grande de entretenimento, que hoje recebe visitantes, mas passa por dificuldade econômica por não ter uso direto, só uso temporário e passa por alguma dificuldade. Acho que aqui mesmo é lazer mesmo, é

a natureza que também se não for cuidada, se não tomarmos consciência que é preciso cuidar e preservar, o parque também emprega muito, tudo isso tem que levar em conta que é preservação para que nós possamos cuidar da natureza melhor para ter turista sempre. E intensificar a questão da desmistificação, () a economia porque só o turismo aqui a cidade não agüenta.

P: A infra-estrutura da cidade de um modo geral, transporte, hospitais, como que voce acha que?

R: A infra-estrutura da cidade hoje, nós temos hospital bom na cidade. O que falta é um melhor atendimento, o hospital é bom, de infra-estrutura está equipado para atender a demanda, agora, nós temos algumas deficiências na área de saúde que é a questão de uma maior gestão administrativa, alguns cuidados. A infra-estrutura da cidade está por enquanto funcionando.

P: E o transporte?

R: Transporte também é bom, precisa melhorar mais, já é um transporte que garante o atendimento da demanda do turismo da cidade.

P: E você acha que o turismo ele gera emprego e renda para ser uma pessoa que vive do turismo você acha que existe oportunidade dela (viver) socialmente?

R: Hoje não. Está com dificuldade. Os trabalhadores passam por dificuldade porque o turismo em Porto Seguro, ele gera praticamente desemprego. O salário base, o pior salário da rede hoteleira está aqui em Porto Seguro. Os salários mais baixos que tem na rede hoteleira está aqui em Porto Seguro devido o excesso de mão de obra na cidade. Então aqui eles não estão, o empresariado em sua maioria, eles não estão preocupados muito com o trabalhador qualificado, muitas vezes eles pegam o não qualificado para pagar menos. Então essa é uma contestação que nós estamos trabalhando. O empresariado e a Escola Brasil tem feito isso, tem feito qualificação e colocando o empresariado também que é preciso que ele invista na qualificação profissional ou então alguns peguem esses trabalhadores qualificados para melhor atender o turista para que ele volte para a cidade

P: Você acha que nos últimos anos ocorreram mudanças no turismo no setor de turismo, o número de vagas oferecidas, nos principais segmentos, na atividade nas exigências para contratação dos trabalhadores, será que a escolaridade aumentou, diminuiu, foram contratados mais mulheres, menos, a idade.

R: Passamos aqui mudanças, hoje para você você ingressar no mercado de trabalho em Porto Seguro para ser camareira é necessário às empresas oferta para camareira, para garçom, tem que ter segundo grau completo, para ser caixa tem que ter segundo grau completo, então as exigências cada dia que passa estão sendo maiores. Para ser recepcionista hoje eles estão exigindo que seja bilíngüe, e assim por diante, a gente já está já vendo que a cada ano que passa as exigências são maiores. E também na relação de mudanças do turismo, sentimos uma mudança radical quando há 15 anos atrás nós vivíamos aqui praticamente do turismo, 15 não, há 20 anos atrás era uma cidade que vivia do turismo e do turismo mais passante que é aquele que vem de carro, ele passa 30 dias na cidade esse turista gasta muito mais do que o turista que vem em excursão através das operadoras porque a maior parte do recurso é quem fica, é geralmente os operadores, quem ganha mais são os operadores sobrando para os hoteleiros uma parte, e alguma parte fica para os trabalhadores que prestam serviços.

P: E você acha que o número de vagas aumento, como é que ficou do trabalho vaga de trabalho.

R: Aumentou sim porque foi construído mais hotéis. E ai o hotel não tem condições de ficar de maneira alguma com o funcionário (). Agora, em relação a tecnologicamente, e o avanço da tecnologia diminuiu muito trabalhadores por hotéis. Logo que eu entrei no sindicato, em 94, eu conheci hotéis que tinha tinham apartamentos e tinha 100 funcionários era um funcionário por apartamento e hoje tem hotel que tem apartamentos que não tem 30 funcionários, então acho que aumentou o serviço, diminuiu o número de trabalhadores em relação ao número de leitos apartamentos.

P: E você acha que a faixa etária dos trabalhadores () é mais jovem, são mais velhos?

R: Em Porto Seguro a maioria aqui dos trabalhadores é nessa faixa de 18 anos até 40, 45 anos, no máximo 50, 50 já está muito, é mais jovem.

P: Você apontou diversos problemas que o setor de turismo tem passado, que os trabalhadores (passam), você acha que esses problemas tem a ver com problemas na formação dos trabalhadores, problemas do próprio setor ou tem haver com os problemas sócios econômicos de um modo geral?

R: O problema realmente pelo que passa o setor passa dificuldade, como falei antes, nós não temos um turista de maior poder aquisitivo na cidade, o turista nosso hoje ele gasta ele () e como falei que também por problemas sociais oriundos das empresas que vieram do extremo sul da Bahia que não absorveram esses trabalhadores, essas empresas tiraram os trabalhadores do campo, () a sua área de eucalipto tirou muito os trabalhadores do campo e esses trabalhadores viveram para cá e vieram totalmente desqualificados gerando uma grande massa de trabalhadores desocupados na cidade, isso causa um desequilíbrio social muito grande. Então nós passamos por dificuldade. Hoje tem bairros que tem, Porto Seguro tem bairros que tem média de 40 a 50 mil trabalhadores, mil pessoas, moradores em péssimas condições de vida, isso afeta a nossa economia, por ter criança na rua, por ter pessoas pedindo na rua, então o turismo não vive disso. A gente passa por dificuldade que é preciso ser feito um investimento social melhor e eu acho também que a gente tem que além de tudo buscar encontrar (na cidade) a geração emprego e renda, (), poluente realmente a geração de emprego para os trabalhadores (desocupado) desta cidade

P: Aqui existe uma diferença em investimento (onde está o turista) onde está nativo?

R: Existe. Os nossos bairros vivem em dificuldade muito grande, falta assistência, a saúde, o saneamento básico, apesar de que na época do (), foi implantado aqui o tratamento sanitário nessa cidade e também a criação de água e esgoto que foi ampliado para praticamente todos os bairros da cidade, hoje tem menos de 20% das pessoas que não tem água em suas casas e não tem esgoto, existe até uma luta do sindicato na época era presidente do sindicato traz uma luta muito grande porque o (produto) na época ele exigia também era um recurso do (Bias) ele exigia assinatura do sindicato dos trabalhadores para liberação desses recursos, a gente lutou para que a gente assinaria, participaria do projeto que também fosse ampliado para os bairros periféricos da nossa cidade. Nós conseguimos essa ampliação. Agora falta calçamento, falta asfalto nos bairros para melhorar essa infra-estrutura, aqui na cidade é bem mais cuidada do que nos bairros, em limpeza, em tudo na cidade é mais cuidado do que os bairro proliferemos onde vivem os trabalhadores.

P: Aqui os trabalhadores de turismo uma forma geral eles são contratados com carteira assinada?

R: Na sua maioria são contratados sem carteira assinada. E hoje tem uma preocupação muito grande que é o sindicato está se preocupando () que os hotéis estão contratando muito () diário, explica que é a baixa temporada ou então trabalho (), a economia estava mal, então a gente fatura bem mais, a gente enxerga de que uma grande maioria de trabalhadores trabalha sem carteira assinada.

P: E a jornada de trabalho como que é?

R: Tem trabalhadores aqui na sua grande maioria, () além disso também a alimentação, a falta de alimentação dos trabalhadores, (), tem vários problemas que está causando naquela trabalhadora (cortaram a alimentação) no sentido de reduzir custo

P: E a remuneração é baixa?

R: É baixa, a remuneração do assalariado em Porto Seguro fica numa média de 500 reais.

P: Isso tanto no hoteleiro quanto nos restaurantes, bares?

R: Em tudo.

P: E os trabalhadores são sindicalizados, como que é a relação deles com o sindicato?

R: Olha, baixo índice de sindicalização, mas temos ai ainda em torno de uns 30% de trabalhadores sindicalizados, mas nós sabemos que o índice é baixo.

P: Voce falou que hoje em dia a escolaridade está mais alta dos trabalhadores.

R: Não. A exigência é mais alta

P: Como que está?

R: As pessoas estão tentando buscar ou ingressar nas escolas, um dos papéis da Escola Brasil é incentivar os trabalhadores da indústria a ampliar o seu grau de instrução, temos trabalhado muito isso que as pessoas busque necessidade porque quando ele bate na porta da empresa para buscar emprego: - tem segundo grau completo? Não. - Tem nível superior? Não. Então ele volta e ai a partir daí é tentar buscar escolaridade com toda a dificuldade que ele vai enfrentar, porque aqui não temos escola de nível superior pública, só tem ensino médio que é público, então o trabalhador vai enfrentar essa dificuldade que nós sabemos da educação no país.

P: E a qualificação, o trabalhador está qualificado?

R: Não. Estamos agora estamos fazendo esse processo de qualificação porque aqui passaram vários organismos de qualificação profissional como o Senac, que gera trabalho, mas o Senac em termos de qualificação, profissional de jornada de 40 horas, 20 horas, isso não qualifica o trabalhador. Inglês com 20 horas? Espanhol com 20 horas? Agora estamos fazendo um trabalho totalmente diferente que é a introdução da educação integral com uma carga horária de 200 horas, 220 horas, a gente já está melhorando a qualidade da qualificação em Porto Seguro,

P: E o Cefet como que ele se apresenta?

R: O Cefet é um dos instrumentos que a Escola Brasil profissional buscou. O Cefet está aqui () profissional porque nós não entediamos que havia necessidade do ensino tecnológico para os trabalhadores, e () concurso na área de alimento bebidas () e tem outro curso que é tecnologia da informação, e com tendência de operação desses cursos, até já se fala para ano que vem de nível superior.

P: Curso de qualificação, você acha que os cursos oferecidos eles já atende daqui de Porto Seguro, pensando em quais cursos são oferecidos, no número de vagas, na estrutura das escolas, na qualidade do curso você acha que atende?

R: Eu acho que atende sim, tem atendido porque nós trabalhamos no () pesquisa que nós fizemos, assim um pouco aleatória que nós encontramos em número mais de 60% dos trabalhadores que passaram pelo estudo na Escola Brasil estão no mercado de trabalho, então nós achamos que está atendendo. E esses que tem emprego, conseguem emprego na baixa temporada, e na alta temporada e acaba se tornando () no emprego então a gente acha que a qualificação que nós temos oferecido tem ajudado a essa permanência dele no mercado de trabalho

P: E quem que procura mais esses cursos, quem está trabalhando já ou quem está desempregado?

R: Hoje tem uma demanda por exemplo muito grande para quem está desempregado a procura desses cursos, nós fizemos uma pré inscrição para o primeiro semestre desse ano, nós tivemos uma média de 2 mil trabalhadores para () trabalho, então a demanda é muito grande e como esse curso do ministério do turismo que estamos trabalhando, ele exige que os trabalhadores tenham, que estar no mercado de trabalho então temos buscado o trabalhador que está no mercado de trabalho e oferecendo () para os trabalhadores.

P: Para quem está trabalhando

R: do ministério do turismo é para dar permanência ao () mercado de trabalho

P: Como que esses cursos, no caso da Escola Brasil como que foram escolhidos, como é que vocês sabem quais são os cursos que deveriam ser dados

R: No início fizemos uma pesquisa de mercado para ver a demanda dos trabalhadores, é a demanda também do empresariado. Não adiantava fazer cursos para o trabalhador não ir para o mercado de trabalho, fizemos essa pesquisa buscando dados de outros (), e conseguimos encontrar que esses cursos iam se adaptar bem curso de inglês, de línguas, de gastronomia, gestão hotelaria e curso de informática, esses cursos realmente tem uma aceitação no mercado de trabalho.

P: E o conteúdo desses cursos como é que foi definido?

R: O conteúdo desses cursos foi definido basicamente da (faculdade) como dos trabalhadores e numa visão de um projeto pedagógico que foi implementado () integral porque muitos trabalhadores que nós pesquisamos tinha muitos trabalhadores que já fazia anos que não estavam em sala de aula, trabalhadores quando prestam curso () uma estratégia com certeza vão ter dificuldade de permanência em sala de aula. Nós tivemos que inovar, nós tivemos que criar dinâmica diferente e implantação da educação integral nós conseguimos levar para eles um outro caminho que eles não tinham conhecimento, tentamos despertar isso para a vida, para a consciência como cidadão, como gente, como pessoa, e conseguimos fazer um trabalho mostrando o outro lado não só do trabalho porque quando ele vai buscar um curso profissionalizante ele só pensa no trabalho porque o empresário passa isso, () e a qualificação é só para qualificar o trabalhadores para o trabalho, pensar () além do trabalho, a nossa (psicologia)é para além do trabalho que ele enxergue um outro mundo e busca a sua cidadania e levante a sua auto estima e fazemos trabalho dentro da formação da escola profissional, várias dinâmicas diferentes

P: Quanto tempo já tem funcionando a Escola Brasil

R: A Escola Brasil com projetos de educação integral, esse programa começou a ser implantado em início de 2005, hoje ele faz basicamente 3 anos.

P: Você tem idéia de quantas pessoas já formaram nesse período?

R: Levantamos, em 200(), nós complementamos 23 qualificação nas áreas informática, gastronomia, arquitetura, espanhol e inglês totalizando (600) trabalhadores, foram realizados através de convenio com ministério do trabalho (), abrangendo () nós conseguimos entrar em () em 2008 agora estamos com 6 turmas em qualificação profissional curso de inglês, informática, gastronomia, gestão hotelaria, contratados () trabalhadores diretamente, e () pessoas da comunidade indiretamente pedagógica. Isso em caráter, (0

P: Qual que é a carga horária dos cursos?

R: A carga horária ela varia de 18 às 20 horas.

P: E trabalhador não paga nada?

R: Não. É custo, não custo.

P: Nem matricula?

R: Nem matricula, nem material, nem material didático nem transporte, tudo é ofertado pelo convenio com o Ministério do Turismo, tem uma grande dificuldade micro projetos pontuais porque quando ele termina, acaba o projeto, geralmente no final o ano a equipe tem () professores, se nós tivéssemos um projeto de mais curto tempo acredito que para o trabalhador seria melhor porque teria condições de estar trabalhando a formação dos profissionais nossos na formação de outras turmas, esses educadores seriam muito mais preparados como equipe do que a gente ter que montar quando fecha um convenio é preciso a busca de outros profissionais porque formado por a gente já está em outros mercado de trabalho e a gente tem que formar novos profissionais pra

P: Por que que acontece isso?

R: () os recursos para o ano, ai nós passamos 3, 4 meses sem recurso nenhum na busca de captação de recurso para dar continuidade ao projeto.

P: E quem sai desses cursos consegue emprego?

R: A maioria, mais de 60% identificado, que estão conseguindo emprego, estão conseguindo trabalho.

P: Por quê que você acha que eles conseguem emprego, isso tem haver com o fato deles terem feito o curso qualificado?

R: O curso qualificado.

P: E voce acha que tem haver com o nome da escola?

R: Também. A escola tem () nohall na qualificação profissional no extremo sul da Bahia, não altera no estabelecimento comercial, e a presença do () da Escola Brasil hoje esses trabalhadores geralmente tem emprego é garantido.

P: E do Senac, do Cefet?

R: Também. O Cefet ainda não apresentou nenhum trabalho ainda

P: Não formou?

R: Não. Os cursos do Cefet são cursos de longa duração.

P: E o Senac?

R: O Senac também é uma instituição de nome, de renome no país, então geralmente também, outra coisa colocada (), acontece que os nossos cursos tem dado garantia e permanência para trabalhadores já partem para o trabalho sabendo exercer a profissão.

P: Tem hora prática?

R: Tem horas práticas, nossos cursos são 200, 220 horas, o curso do Senac geralmente é 30, 20 horas, 40 horas é uma qualificação de curta duração.

P: E tem estágio?

R: Tem. Nós levamos para os hotéis;

P: O que você considera como principais problemas de qualificação aqui da região?

R: O que eu acho de maiores problemas é na questão de ser projetos () não projetos duradouros para dar continuidade, continuidade maior essa é a maior dificuldade porque nós não conseguimos ter um ativo permanente de profissionais, então isso você conta muito. O que nós estamos buscando e lutando para que termos uma equipe eternamente de profissionais da educação profissionalizante para dar continuidade a esse projeto de educação integral aqui no extremo sul da Bahia.

P: Você acha que tem algum problema do tipo compatibilização com horário de trabalho, () os trabalhadores procurarem esse curso?

R: Nós conseguimos esse ano durante o nosso início, ver o melhor horário para os trabalhadores, nós conseguimos fazer esses cursos a tarde e a noite, duas opções, então geralmente nós não temos tido muita dificuldade não, as vezes algum patrão, algum empresariado querendo dificultar, troca o trabalhador de turno, mas a direção da escola parte para negociação, conversa com o empresariado e acabamos conseguindo obter ele de volta para concluir o curso dele.

P: Tem desistente, que desiste no meio do curso?

R: Não. Nossos cursos tem dado geralmente mais de 90% de trabalhadores de treinamento dos cursos.

P: E nos outros você tem informação do Cefet, do Senac?

R: do Cefet ainda não tenho, mas já tem informação que teve um número elevado de licença do Cefet. () permanência nos cursos. O Senac que eu tenho certeza que tem um alto índice de licença.

P: Por que

R: Porque o Senac são cursos tradicionais, não tem essa (flexibilidade) que tem os cursos da Escola Brasil profissional

P: E os cursos do Senac são pagos?

R: Na sua maioria são pagos

P: Como que é, é caro?

R: Para os trabalhadores de Porto Seguro que tem uma renda onde () ele paga () é caro, qualquer custo pesa.

P: O que você acha que o trabalhador costuma procurar quando ele vai fazer um curso de qualificação profissional, o que ele procura, o que atrai é a carga horária, é o tipo de acesso se ele é gratuito, se ele é pago

R: Gratuidade e a facilidade que vai fazer curso, que é o transporte e também isso aplica muito, eles procuram muito a qualidade dos cursos porque a Escola Brasil hoje ela está na cidade como uma instituição de educação profissionalizante que tem referência de educação profissional hoje no extremo sul da Bahia, então a qualidade dos cursos da Escola Brasil hoje, os trabalhadores garantem.

P: Você apontou alguns problemas nos cursos de qualificação, na questão da qualificação profissional em Porto Seguro, quem você acha que deveria investir nisso para tentar minimizar esses problemas, você acha que é uma responsabilidade do governo, é uma responsabilidade dos empresários, é uma responsabilidade para os trabalhadores buscarem, quem que você acha que deveria investir nessa política de qualificação profissional?

R: Eu entendo que seria uma participação das entidades envolvidas na economia. Os empresários teriam que dar a sua contrapartida que não dão, em Porto Seguro, eles não dão nenhuma contrapartida para a qualificação profissional. Quem tem investido na qualificação profissional nos últimos anos é o governo federal, o governo municipal também está ausente muitas vezes no ano passado, esperamos agora que o novo prefeito tenha essa visão para poder estar essa participação, e está só governo federal e das Ong's que está trabalhando nesse projeto.

P: Que Ong que é?

R Escola Brasil Profissional

P: O que você avalia que esses cursos de qualificação podem trazer de positivo para os trabalhadores?

R: Primeiro é o ingresso para o mercado de trabalho, a permanência também (), e também o incentivo a busca dos cursos com a Escola Brasil eles começam a despertar que é preciso buscar uma graduação. Tem trabalhadores nossos, tem educando nossos hoje que está buscando a graduação nas universidades porque a Escola Brasil despertou nele interesse de buscar o conhecimento, tem trabalhadores que ingressaram no Cefet Escola Brasil profissionais, então acha que a Escola Brasil muitos trabalhadores até nesse despertar que precisa que ele ganhe informação e informação ele precisa () novos cursos, buscar a universidade, a Escola Brasil () o mundo para os trabalhadores nesta região.

P: Isto a Escola Brasil, e os outros cursos de qualificação?

R: Os outros cursos eu não vou falar deles aqui porque eu não tenho conhecimento, mas como são cursos tradicionais e não tem muitos anos que eu conheço Senac e o Senai eles não mudaram

muito, eles estão preocupados realmente em preparar o trabalhador para o mercado. E nós, a diferença da Escola Brasil que além de preparar para o mercado estamos preparando ele também para a vida e para a vida, quando fala para a vida é quando desperta nele a necessidade de buscar graduação.

P: Queria retornar uma coisa sobre o perfil aqui do setor de turismo em Porto Seguro você acha que a forma (realidade) é um problema

R: Com certeza, um problema porque ela está tendo emprego temporário, então é um problema gravíssimo que a gente precisa buscar tanto o governo estadual, federal, empresários, trabalhadores, buscar solução (). Eu acho que isso são soluções que talvez não resolve todo o problema, mas pode minimizar, então a busca de eventos, empresas, seminários, exposição, eventos religiosos, culturais enfim, mostrar nesse nicho de mercado essas facilidades, geração de emprego para minimizar na baixa temporada. Mas acho que tem saída ainda. E a outra questão é buscar diversificação da economia que é geração de indústria para que o trabalhador artesano, tem vários (segmentos) tendo possibilidade de colocar no mercado não só colocar no mercado interno como também colocar no mercado externo esses materiais. Então acredito que pode minimizar e pode melhorar muito aqui a cidade porque nós já temos uma economia segura para o turismo que vem todo ano, tem que arrumar qualquer outro negócio para melhorar, só vai vim contemplar.

P: Uma outra coisa que a gente percebeu em outros lugares que a gente pesquisou é que para cargos mais altos hierarquicamente, vocês buscavam trazer pessoal de fora. Aqui vocês sentem isso?

R: A maioria dos profissionais nos casos de chefias, artistas, agora não muito por questão de custo, os hoteleiros como não gostam de pagar eles agora estão tentando lapidar para () da casa, a pagar menos, mas aqui ainda tem alguns profissionais, diretores de hotéis, esse pessoal mesmo são todos de fora, é difícil encontrar alguém da cidade que dirijam hotel aqui. Algum tempo atrás a maioria dos trabalhadores que era chefe de reserva, chefe de recepção a maioria eram de pessoa de fora, hoje já melhorou porque eles não querem pagar, porque um profissional de São Paulo por exemplo vem para cá ganhar 800 reais, então esse pessoal está trabalhando e qualificar o pessoal daqui mesmo.

P: Isso na rede hoteleira só ou também em outro seguimento?

R: Também em outro segmento. A tendência é essa, é qualificar o pessoal da casa, só que trabalhador () lá os trabalhadores que já trabalhou, que já tem experiência naquela área ().

P: Acho que é isso, você respondeu bem assim, bem produtivo essa nossa conversa. Completando, você é o diretor presidente da Escola Brasil e é diretor formação do Sindicato dos Trabalhadores?

R: Exato.

CD=1.04

Entrevista – Lucilene Binsfeld CONTRACS Trab

P: Qual que é o seu nome completo?

R: Lucilene: Lucilene Binsfeld

P: Quando a gente a questão da economia da região, se você pode dar um quadro geral pra nós da economia do Brasil tendo como foco a questão do turismo e da hospitalidade, a gente pegou () Belo Horizonte, Florianópolis e Porto Seguro que a gente acha que são representativas () negócios, mas fica um pouco difícil para a gente generalizar para o Brasil todo.

Lucilene: Em Minas Gerais dados estatísticos em específico não teria agora aqui, mas a gente sabe que tem um crescimento nesse setor no Brasil, inclusive o próprio governo federal tem investido muito na área de turismo lançando alguns planos de espaço para a questão de pessoas da terceira idade pra viajar, a Marta estava no ministério, ele trabalhou muito nessa linha. Tem uma perspectiva de desenvolver, dar uma atenção especial à questão do turismo de negócios e agro-

negócios também, dependendo dos locais, principalmente nos locais que não são turísticos, mas assim de mar, terra, mar e sol que é o que mais se visualiza quando se fala em turismo, logo se pensa praia, mas também tem muitos outros turismos que podem ser desenvolvidos e aprimorados. Então tem investimentos em alguns espaços dos turismos de interior, dos hotéis-fazenda, também as pensões familiares, que é o turismo rural, também tem tido algumas grandes iniciativas. O que a gente percebe assim, é que o turismo no Brasil em si, ele tem tido um grande investimento também por parte de cadeias internacionais e a gente percebe, principalmente nos grandes centros a inserção muito forte de cadeias americanas, de cadeias espanholas, principalmente aqui em São Paulo, está muito forte a rede Accor de hotéis que pega toda a rede Ibis e todo esse pessoal, tem no Hilton.

P: Acoor é espanhol?

Lucilene: Não, Acoor é americana. A espanhola é a Melia, Clube Mediterranée, francês, então tem várias outras cadeias que tem investido muito nessa área de turismo aqui no Brasil. Inclusive também na Amazônia, os hotéis (Barra) que é uma cadeia espanhola que é um hotel (Barra) que está lá que é mais concentrada em São Paulo, Brasília, Rio e Manaus. Essa rede hoteleira, inclusive a gente teve um encontro em Buenos Aires recente com as cadeias espanholas para fazer uma discussão de como elas estão na América Latina. Nessa perspectiva, apontando num geral, não somente no turismo o Brasil é o quinto país que é o mais cotado para as multinacionais () então nesse sentido ele vem com tudo, não só na economia geral de outros espaços, mas também da economia na parte turística e é um processo que a gente tem que ficar de olho por conta, justamente dessa relação que essas cadeias trazem para o local, acho que um pouco até a própria pesquisa vai tentar levantar isso, qual o impacto que a chegada de uma grande hoteleira de resorts, de outros espaços propicia no local porque às vezes você vê a comunidade local com uma série de deficiências na questão sanitária mesmo, da questão de investimentos de água, de rede de esgotos, de todo esse processo e o hotel chega, se instala e exige do poder público local algumas (questões), isso gera vários conflitos porque a população que está a margem desse grande empreendimento não tem água potável, não tem uma rede de esgoto, não tem uma condição digna de vida e aí essa cadeia hoteleira quer tudo isso, não disponibiliza e além de não fazer o tratamento da água ou alguma coisa nesse sentido, ainda polui o espaço desses moradores, esses nativos que acabam perdendo seus espaços, sem contar (a questão) os campos de golfe que tem investimento enorme na questão de água e principalmente dos produtos químicos que eles utilizam que acaba afetando, contaminando e gerando uma série de doenças para a população, inclusive câncer (em cima disso) os produtos usados para manter a quadra de golfe que são muito fortes e muito agressivos para a natureza e para a saúde humana. Então essa perspectiva de crescimento do turismo ela vem e vem acompanhadas de uma série de preocupações, uma é a questão econômica, a questão financeira de como o turismo local sobreviveria com esse impacto porque muitas redes hoteleiras são pequenininhas, são familiares e quando se instalam uma grande rede de hotel, acabam tirando a clientela, oferta pela qualidade como se dá também em outras (questões) de comércio, uma grande rede supermercadista, acaba com o comércioinho de bairro. Então essa perspectiva econômica é um desafio pra gente pensar como esse turismo que já existe, turismo local, nacional, que deve gerar economia, renda local, girar um pouco a economia local pode sobreviver com esse impacto, que medidas a gente poderia ter? Primeiro a gente tem que ter uma grande conscientização da sociedade do poder público, do que represente a entrada desse capital estrangeiro no nosso espaço e qual o investimento, qual a contrapartida que ele vai estar dando. Está bom, não podemos impedir, mas o que nós vamos fazer para garantir e tentar assegurar que esse empreendimento cresça a economia local, garanta emprego, geração de renda nessa situação. Um segundo ponto, também é uma grande preocupação que vem sendo feito debate, inclusive também está tendo um debate muito forte com entidades internacionais, é a questão do turismo sexual que ele acaba pegando muita evidencia em alguns estados nossos onde tem um alto índice de prostituição infantil e toda essa coisa parece assim, no Brasil tudo é festa, tudo pode e nós temos que mostrar que isso não é possível, que a gente tem que preservar nossos adolescentes, crianças e adolescentes, inclusive as pessoas como um todo, não é porque você é maior de idade que você tem que estar sujeito a essa situação por não ter um emprego, às vezes até por vontade própria, mas na sua grande maioria são pela sua condição de vida, pela questão econômica, - eu não tenho como sobreviver, eu acabo vendendo o meu corpo, me sujeitando a algumas coisas; (para se garantir) que a gente vê muita

freqüência de reportagens nessa perspectiva. Então a questão econômica, essa questão que é muito social voltada mais específico a esse turismo que estimula, que envolve muito a prostituição e principalmente também dentro do econômico, do social, a questão da política pública mesmo. Como é que a gente constrói, como é que nós podemos, através das entidades sindicais, sindicatos comprometidos com os trabalhadores, também os sindicatos que empregadores que tem uma visão do seu negócio, do seu espaço, como é que a gente consegue juntos, construir uma proposta de política pública, com os governantes? Como (essa questão tem o intuito de) buscar junto com aos trabalhadores a sua opinião junto aos empregadores e também ao poder público. E justamente por que a gente quer ver esse resultado? É pra tentar ver aonde nós podemos achar um () e trabalhar (e não temos a clareza) essas três instituições fazendo () uma conscientização da sociedade porque muitas vezes você conversa com alguém na rua, você fala – o que você acha? - é bom que venha tal empresa porque vai gerar emprego; a primeira impressão é essa, mas que emprego que ela vai gerar? É um emprego de qualidade, é um emprego que dá condição pro trabalhador ter sobrevivência, é um emprego que aquece a economia local, que garante um desenvolvimento local? Ou um emprego que vai tirar o emprego de outro? Que é o que na maioria das vezes acontece porque quando abre um grande empreendimento, a primeira coisa é dizer – vai gerar tanto de dinheiro, de lucro, de investimento e vai gerar tantos postos de emprego, mas qual o impacto que esse novo empreendimento traz para dentro da onde ele vai ser? Não vai fechar os comércios próximos? E esses trabalhadores que estão no comércio próximo? Então gerou emprego aqui, mas tirou ali. E qual o peso disso para uma política pública, para a economia local? E também para a economia nacional como um todo porque acaba subindo o nível de desemprego que vai para as contas do governo federal. É um pouco esse grande desafio e é algo que não é fácil de dizer, da gente ter a receita pra (a conta), precisa ter um comprometimento de tudo isso. E é aí que a gente percebe assim, basta olhar nas convenções coletivas de trabalho que são negociadas para ver as cláusulas que os nossos () conseguem, os dirigentes conseguem, alguns até tentam melhorar, outros às vezes não tem o esforço ou não conseguem. Então tem essa realidade que é muito clara porque se na convenção coletiva do trabalho você já não consegue garantir minimamente uma condição de um salário digno para o trabalhador, o que essa rede hoteleira tem pra oferecer? Ele não consegue garantir na convenção coletiva um espaço discutido de qualificação profissional, de garantir de horas trabalhadas seguindo minimamente a legislação brasileira de 44 horas, que a gente sabe que cumprem, que burlam a legislação, como é que a gente pode estar garantindo fazendo esse debate? Muitas vezes você chega num hotel, você vê o mesmo trabalhador de noite te recepcionando, fazendo o teu checkin e é o mesmo no outro dia quando você sai pro café da manhã está lá. Então, como garantir essa questão () questões mais sérias que existem, inclusive em algumas cadeias internacionais que eles têm um sistema que se chama de atendimento por excelente em que o trabalhador do hotel acompanha esse hóspede internacional que vem, além da sua jornada no hotel. Isso tem muito lá em Porto Seguro nosso sindicato denunciou inclusive muitas vezes isso e é o que? O cliente está lá no hotel, aí o hotel destina uma equipe que trabalha lá e que tem que acompanhar eles a noite para festas, em bailes, pra dançar, pra tudo que der na teia do cliente, dessa pessoa que está lá e, em contrapartida no outro dia tem que estar no local de trabalho. Então, não tem esse controle da hora, não tem essa valorização e principalmente o desvio de função, se ele é um recepcionista, se ele é um metri, um garçom, uma camareira ou quem quer que seja, ele tem a função dele dentro do hotel e no seu devido horário, saindo do hotel, ele não teria obrigação de fazer isso, mas o hotel muitas vezes obriga. Então, é uma situação tremendamente complicada porque o trabalhador por conta dessa questão de desemprego, da economia local, ele acaba se sujeitando muitas vezes a condições que não são dignas de trabalho, não são nem mínimas, está se propondo a fazer coisas que muitas vezes até no começo parece ser atrativo, e às vezes até o sindicato tenta trabalhar com eles – olha, não é isso; às vezes eles até questionam achando que não, que a empresa é boa, a partir do momento que eles têm que viver isso constantemente, começa a pesar na vida deles, no particular tanto em casa como na sua qualificação, como no seu espaço até de descanso, de lazer, aí eles começam a denunciar. Então a gente percebe que no começo tudo parecia muito bom, a partir do momento que ele vivencia isso, você começa a ver onde estão os problemas e aí você começa a ter aliados, então é uma luta muito desigual porque quando essa pessoa começa a perceber, questionar e denunciar, ela é tirada do quadro e contratada uma nova, e isso faz com que haja esse desequilíbrio que o

sindicato não consegue atuar e normalmente essas empresas tem uma resistência muito forte quanto à sindicalização, fazem pressão política (do sindicato) de não permitir que esse trabalhador não se sindicalize, justamente para que ele não se organize, não reivindique, para que ele não discuta os seus direitos, e, essa infelizmente é uma realidade que a gente vê em todos os espaços. E uma outra frente de pressão muito forte que essas empresas fazem, é justamente no espaço da (recessão) porque como elas são muito poderosas elas vão armadas com dados e com assessorias, com advogados para a mesa de negociação e vêm sempre com a mesma desculpa, em qualquer esfera, seja turismo, seja comércio, seja o que for, a dica é sempre a mesma – não, a gente não pode dar esse reajuste porque se der esse reajuste, vai ter desemprego, vamos ter que fechar vai ter que demitir; mas, a partir do momento que você cobra que ele ponha na mesa qual foi o faturamento, qual foi o investimento que ele fez, em contrapartida ele não põe. Então eu acredito que uma coisa que é muito forte também e que a gente tem buscado tem tentado trabalhar é qualificação dos dirigentes para a mesa de negociação, é o espaço que você consegue minimizar esse impacto, fora disso, é a capacitação desses companheiros e companheiras em políticas públicas, é o espaço de discussão, você vai discutindo um conselho de trabalho e renda, o que é que nós queremos de qualificação, como que ela deve ser, como que tem essa perspectiva porque a gente percebe muito forte, tem esses relatos, o Senac hoje ainda é a referência pra qualificação profissional, mas é uma qualificação que não atende a demanda dos trabalhadores agora, até recentemente teve um fórum de varejo da FGV para escolher a empresa que tem mais responsabilidade social, que investe, os projetos eram assim assombrosos, voltados especificamente à questão do modelo de competência, qualificação voltada única e exclusivamente para o lucro da empresa, nada para apropriação do trabalhador, para garantir o conhecimento que ele já tem, valorizar esse conhecimento. Então a gente começa a perceber que cada vez mais as empresas investem naquele trabalhador que veste a camisa da empresa pra fazer o que ela quer e para gerar lucro, para não ter um trabalhador crítico, consciente que saiba das suas exigências, dos seus direitos, que saiba questionar e aí entra uma lógica muito forte dessa pressão porque se um trabalhador questiona, ele já começa a ser observador como alguém que tem que sair do quadro porque apresenta um certo perigo. Por outro lado, eles não conseguem ter a visão de que se houver uma conversa muito transparente de igual para igual, esse trabalho da qualificação, visto também, discutido, dialogado com os trabalhadores e com seus representantes, ele pode dar muito mais retorno pra empresa do que está dando e com condições justas, não quer dizer que o trabalhador qualificado pelo Senac vai dar mais lucro do que um trabalhador qualificado a partir de uma ótica do trabalhador porque educação integral modelo que nós da CUT defendemos é esse, que seja reconhecido (o saber) adquiridos durante a sua vida, mesmo que eu vá no pré-zinho, alguma coisa eu já sei, eu estou levando comigo uma experiência minha de como comer, de como sentar, da mesma forma o trabalhador, quando ele vai pra um espaço, ele já tem um conhecimento dele e isso também tem que ser valorizado, ele pode ter melhorado, pode ter trabalhado, pode ter aprimorado, mas ele já existe, então a gente não pode ignorar como se fosse uma caixinha, essa caixinha eu fecho, agora eu abro outra, vou colocar conteúdo e essa outra esquece, não é dessa forma. Então, por isso que nós temos essa resistência muito forte à certificação pelo modelo de competências, nós não acreditamos nisso, não é possível ter um mundo do trabalho onde seja garantida que a relação capital/trabalho não seja tão impactante pra vida do trabalhador, que nós possamos ter um debate, um diálogo onde o trabalhador possa expressar. Eu estava lendo outro dia uma reportagem onde um mestre, acho que ele é de uma empresa grande que o cara está gerindo e que cresci muito, acho que é da Nextel, tinha uma entrevista dele naquele jornalzinho vip do aeroporto, tinha uma entrevista dele e ele comenta naquele espaço que é o envolvimento com trabalhador que deu esse retorno. Ele mesmo com o emprego dentro da Nextel procurava ouvir os trabalhadores, ele não impunha, ele ouvia dos trabalhadores o que eles tinham pra falar do local de trabalho o que eles podiam melhorar. É obvio que ele não comenta, eu não sei se essa Nextel tem mesmo esse comprometimento com o trabalhador, mas na fala dele, ele comenta que ao mesmo tempo em que ele buscava com o trabalhador essas informações, ele valorizava também () e eu acredito que é muito isso que está faltando no nosso meio, no nosso espaço porque os trabalhadores são valorizados, na maioria das vezes, pelos chamados puxa-sacos que compram a briga da empresa, pisam no seu colega de trabalho, que passa por cima pra ser o bom, ser o bom ao olhar da empresa sobre ele, e na realidade não é isso que a gente defende, o trabalhador não pode ignorar

que o outro é importante no seu espaço de trabalho, a gente tem que ter uma concordância nesse sentido. É uma perspectiva grande dessa nossa proposta da pesquisa, quando nós fomos negociar esse projeto com o ministro do turismo, foi tentar mostra pro governo que tem um outro lado, que não tem só esse lado do Senac, não tem só esse lado do Inmetro, que não tem só um modelo de competência, que tem uma outra proposta construída pelos trabalhadores e que dá mais resultado. Então, a perspectiva justamente desse momento é isso e ainda que a gente quer partir do resultado dessa pesquisa, desse movimento todo, a gente deva ir além, a gente vai estar propondo com o ministério que a gente possa fazer uma audiência pública revelando o que essa pesquisa mostrou e apontando pra ver onde que está o erro, onde que o governo tem que investir, onde pode melhorar porque dessa forma como está, o turismo está voltado (com turismo) de negócio, de grana, não de desenvolvimento local, de emprego e renda, de sustentabilidade, de crescimento econômico interno. A gente tem visto várias investidas do próprio governo no sentido de melhorar a economia interna, de garantir um desenvolvimento, de apostar no social, então isso também é compromisso nosso, como uma instituição nacional, em parceria com a CUT, com as escolas, a CUT e os nossos sindicatos, mesmo os que não são, mas tem sindicatos pelo Brasil, é de construir essa proposta, de mostrar a nossa visão e mostrar que é possível, também não adianta criticar só, a gente tem que desafiar, propor, mostrar que tem um outro caminho que pode ser seguido. Acho que é assim, essa proposta desse trabalho de buscar, de desenvolver, ela vem muito nessa linha realmente de conhecer, de se apropriar da realidade que existe hoje, claro que ela não vai ser uma realidade do Brasil porque foram focos, mas se apropriar dessa realidade existente para que a gente possa avaliar qual é o nosso papel, até aonde nós podemos ir, quais as nossas contribuições e quais as nossas proposições, como que a gente faz esse enfrentamento a esse modelo que está aí e que a gente não quer? Então, como uma boa pesquisadora do Dieese, você sabe que sem dados na mão, a gente não tem como provar. Numa mesa de negociação, se você tem um resultado de pesquisa – está aqui, não tem investimento na capacitação, como é que vocês dizem que tem emprego, mas não tem trabalhador qualificado? É fácil dizer – está cheio de emprego; eu ouvi isso na Globo, noticiando, tem emprego, são muitas vagas de emprego, mas não existem pessoas qualificadas; e o que se fala então daquele que se formou em jornalista, advogado, médico que está trabalhando de garçom porque não tem vaga de emprego? Então onde está o problema dessa qualificação? Aí a gente precisa fazer uma avaliação, que tipo de qualificação que a gente vai defender e ajustar nessa proposta.

P: Eu acho que a gente podia falar um pouco sobre o perfil desses trabalhadores do turismo, um panorama geral sobre o perfil dos trabalhadores, pensando um pouco na faixa etária dos trabalhadores, na escolaridade, homens, mulheres.

Lucilene: A gente têm vários e vários dados das pesquisas que inclusive também um contraponto que (vou colocar) que é a questão da formalização do emprego, que vem trazendo, que tem investimento, mas os dados estatísticos infelizmente no Brasil mostra que não é essa beleza toda não da formalidade que existe inclusive chega beirando mais de 40 até 50% da informalidade no setor (), de 40 a 60 dependendo dos locais, então não é uma realidade que nos deixa tranquilos, nem pode nos deixar. A discussão com trabalho formal, com carteira assinada, com direito garantido, é uma luta constante do movimento sindical e tem que ser fiscalizada, tem que ser buscada. Em relação ao perfil, você tem assim, em muitos locais você tem pessoas de uma certa idade que estão em cargos mais específicos, você não vê uma faixa etária muito alta, acima de 40, trabalhando em hotel, quando tem é em um ou outro determinado local, às vezes uma camareira, mas na sua grande maioria eles pegam público, pelo menos para determinados setores, pegam público de 20 a 38 anos, é uma faixa etária que permeia e ela também é uma faixa etária que muitas vezes reflete muito na questão da escolaridade porque existem pessoas que já estão há um certo tempo, pelo fato da carga horária eles não conseguem estudar, muitas vezes as pessoas concluem o ensino fundamental, não vai nem para o ensino médio e já vai buscar trabalho e começa em diversos setores, no comércio principalmente, supermercado, é a primeira porta de entrada para o trabalhador, vai lá fazer embalagem, vai embalar mercadoria, vai repor, depois daí é que ele começa a almejar outros espaços. E como existe essa realidade cruel de carga horária além do normal, além do permitido por lei, ela também impede, dificulta que esse trabalhador vá buscar a sua elevação de escolaridade, vá buscar a sua capacitação, então também por isso essa dura realidade de qual é a faixa etária e a escolaridade. Se você pegar, a grande maioria não tem uma qualificação escolar de curso superior, quando tem é até o ensino médio, mas na sua grande

maioria às vezes nem concluem o fundamental, não tem a oitava série. Então, é uma realidade que ela diferencia, claro de local pra local, mas na maioria das vezes quando você vai nos espaços, tem muita gente jovem trabalhando e quem não está lá porque que ela almeja, é aquilo que ela quer como profissão, ela está como um momento de ganhar o seu dinheirinho, de se manter, e não tenha dúvida que quando surgir uma oportunidade em outro espaço, vai estar buscando, vai estar saindo. Outra realidade que mexe muito é justamente o período de temporada, da alta, das férias, que também mexe nessa questão da escolaridade, às vezes a pessoa está estudando, mas está sem emprego e está fazendo um esforço, quando surge o momento, ela não pensa duas vezes, eu preciso de dinheiro, aí ela vai trabalhar e por conta da carga horária, não consegue conciliar trabalho e estudo, o que ela deixa de lado? O estudo, pára. Então, é uma realidade que é muito difícil de (mostrar), por isso que precisa ter realmente uma negociação, um compromisso para discussão de política pública e a discussão nas convenções de garantir que a qualificação profissional minimamente seja garantida dentro do horário de trabalho que não impede que o trabalhador depois do seu horário de trabalho possa buscar uma outra alternativa, um cursinho, alguma coisa, ou mesmo estudar. Hoje ainda tem algumas sociedades com educação com aulas de adultos que acaba de uma certa forma facilitando. Mas, eu reconheço que o trabalhador pra trabalhar nessa jornada extensa que existe, com o baixo salário que ele recebe, com a falta de incentivo e apoio pra que ele continue seus estudos e sua qualificação, é muito difícil você ver um trabalhador determinado a sair do seu local de trabalho e ir buscar alternativas – não, eu preciso me qualificar, eu quero estudar, eu quero terminar, eu quero concluir meus estudos, eu penso em fazer uma faculdade; seja na área de turismo ou não, tanto que se você for pegar a faculdade de turismo hoje, você vai encontrar quase nada de alguém que esteja trabalhando com turismo, normalmente são pessoas que tem um poder aquisitivo melhor, são bancadas por seus pais e que estudam e se formam em turismo pra fazer essa coisa de gerenciamento, desenvolvimento, mas não para ser aquele trabalhador camareiro ou faxineiro ou quem carrega mala, recepcionista, garçom, assessor de cozinha, então é muito complicado isso e sem contar que é uma lógica muito cruel porque o trabalhador além de não conseguir o espaço, tempo para se qualificar, muitas vezes ele também não tem motivação pra isso.

P: Uma coisa que às vezes a gente abordava nas entrevistas, mas que a pessoa negava e eu já pude ver que várias estatísticas () com relação à discriminação racial e com () gênero no local de trabalho no setor de turismo ()

Lucilene: Na realidade assim, existem dados estatísticos de acordo com o Caged que você consegue buscar algumas informações e isso que você coloca é uma grande realidade, as pessoas não admitem que esse fator existe. Existe muito forte porque você pode observar em qualquer hotel que você for é muito difícil você ter um gerente ou uma gerente negra ou às vezes de uma certa idade, bem como a condição salarial, ela sempre tem diferenciação; se for um gerente homem, ele tem um salário, se for uma gerente mulher, tem outro, se isso for uma questão de raça, aumenta mais ainda a diferenciação. Também você pode observar que o contato direto dos garçons, da questão da cozinha, ele não é feito muito por pessoas negras, a grande maioria são pessoas de pele clara que trabalham na manipulação de alimentos visível; a invisível que fica lá atrás escondida, na cozinha, aí você vê mais a mão de obra negra, às vezes de pessoas mais velhas também, pela experiência de cozinha e aí você observa quando você está no hotel nessas andanças pra lá e pra cá, você observa assim, que a questão das camareiras normalmente reflete isso também, tem camareiras brancas, mas à grande maioria também são negras e faz o trabalho justamente no horário em que normalmente o hóspede não está, então ela fica fazendo um trabalho meio que invisível, ela vai lá, trabalha, deixa tudo arrumadinho, mas ninguém sabe quem fez e que condição essa trabalhadora tem. Então, infelizmente existe muito isso aqui no Brasil e não só no Brasil como em outros países também, no Brasil ainda é muito forte, embora aqui a gente está vendo dados estatísticos que possivelmente até o final desse ano a população negra supere a população branca, existe essa perspectiva, então, dentro desse contexto como é que você pode estar trabalhando essa disparidade? Existem várias campanhas que a gente tem trabalhado com a CUT, a igualdade de oportunidades no que se refere tanto ao homem como mulher, tanto branco como negro, eu tenho que ter a oportunidade, eu tenho que ter uma oportunidade igual ao outro, é o eu, eu trabalho, é a minha desenvoltura, é a minha dedicação que vai trazer essa diferença, mas a oportunidade eu tenho que ter e é isso que está faltando, as pessoas não têm essa oportunidade, não tem tido. E a outra questão, é campanha nacional que é

internacional inclusive que até a central () da qual a CUT faz parte tem encampado é a questão de salário igual para trabalho igual, do mesmo valor. Então, quer dizer, se eu sou camareira e sou loira, alta e a outra é negra e baixinha, nós fazemos o mesmo serviço, temos que ter o mesmo valor salarial. Então, devido a essa situação, que ela é gritante porque se ela não fosse gritante, ela não teria campanha, se ela não fosse visível, se ela não tivesse os dados estatísticos, ao contrário do que as pessoas falam, não teria essa preocupação internacional de desenvolver essa questão da igualdade de oportunidades, da remuneração igual pra trabalho igual e principalmente da questão do trabalho decente, das pessoas serem valorizadas pelo que elas são, serem tratadas como seres humanos merecedores de atenção, de respeito. Então, é dura essa realidade, gostaria muito de poder dizer não, não existe, é sonho, alguém falou, mas não é verdade, mas é uma realidade bem presente.

P: Você, num momento da nossa conversa, falou que a qualificação profissional não atende as necessidades do trabalhador, eu queria que você detalhasse um pouco mais, por quê que não atende?

Lucilene: Então, na realidade, é assim, a proposta de qualificação que existe hoje, que nós temos hoje no Brasil ela é na sua grande maioria gerida pelo sistema S que deveria ser um sistema voltado mais para a questão do trabalhador, infelizmente é voltado totalmente para a questão do empregador. Tem algumas iniciativas, pequenas em que existem algumas parcerias do Sesc que é da parte de comércio em que tem algumas iniciativas, mas é muito pequeno e até essa realidade ela é muito difícil de ser trabalhada porque são poucas as pessoas que tem esse debate da qualificação profissional voltada para a educação integral do trabalhador, de conhecer, de garantir, de validar os saberes adquiridos dos trabalhadores, de validar esse saber que eles têm, muitos dirigentes nossos não tem esse debate, não conhecem, não se apropriam do debate de que tipo de qualificação querem e muitas vezes acabam fazendo ainda parcerias com entidades que cai justamente no oposto do que a gente quer. Então, é um processo que a gente tem que construir dia-dia-dia, clarear, buscar, é preciso ser investido principalmente na questão do turismo, já fizemos algumas atividades em parceria com o ministério do trabalho com os dirigentes dos nossos sindicatos para que eles comecem a ter uma outra visão da qualificação profissional. Esse é um debate, que é a consciência de qual qualificação a gente quer, como ela deve ser? Esse é o primeiro debate que tem estar claro. O segundo debate, são as oportunidades porque também se nós sabemos que qualificação a gente quer, mas se não tem os recursos pra botar ela em prática, as condições, isso é um outro dificultador e aí é que entra essa questão do sistema S, que tem estrutura, que tem condições, que tem bons equipamentos, que tem bons espaços, mas que muitas vezes não dá abertura pra que essa discussão seja feita e surja a proposta de outro modelo de qualificação, pelo contrário, ele está já encartilhado, é aquela formação de cartilha, que chegou, está prontinha, está aqui, você vai estudar, você vai questionar em cima disso, fora disso você não questiona. Então é um processo que ele não é fácil de ser mudado, já há muito tempo a gente tem lutado, tem proposto, inclusive via ministério na perspectiva de que o ministério comece a pensar uma outra forma de qualificação, mas tem resistência porque esse atual modelo interessa pra alguém.

P: E você acha que esse seria o caso talvez de uma negociação tripartiti, pensar um modelo de qualificação...

Lucilene: Tem sido um dos espaços que a gente tem conquistado algumas coisas, mas eu acho que só esse espaço de negociação aqui, ele é rico, ele é importante, mas ele tem muita resistência porque se tem um governo que não aceita essa mudança e os empresários não a querem, é muito difícil o trabalhador conseguir mudar, mas ele tem que tentar, nem por isso nós vamos nos furtar de ir para os conselhos municipais de trabalho/emprego, é um espaço de discussão dessa política pros conselhos nacionais de buscar, a CUT já tem tentado com o governo federal para abrir esse espaço dos conselhos do sistema S: Sesi, Sesc, Senac, Sebrae...

P: ()

Lucilene: Agora, nos estados, depois da proposta do governo Lula tem dois, tem dois por estado e um nacionalmente, um () que não tinha. Mas, ainda é muito pouco porque a paridade ela ainda não existe, ela é majoritariamente patronal, então é difícil você ganhar e aí muitas vezes os trabalhadores eles desanimam porque eles vão lá para assinar ata. Os conselhos, conselheiros, eu já fui conselheira () na cidade onde eu morava e a briga é ferrenha e a gente conquistou várias coisas, mas você tem que estar muito () para encarar o debate, para bater. Então a gente teve um

papel importantíssimo que a gente tem discutido que deve ser retomado, que foi a qualificação pra conselheiros dos espaços concedidos de políticas públicas justamente para que saibam fazer intervenção, saibam como avaliar, como pensa propostas, como garantir na reunião que aquilo seja realmente realizado e não só conste na ata e afins. Então eu acho que essa quarta qualificação que a gente quer hoje ela está muito distante porque ela está centrada num sistema que é caro, ele não é de acesso a todas as pessoas trabalhadores, ele tem uma carga horária que não ajuda, que não qualifica na maioria das vezes, ainda bem que depois de muito debate o ministério do trabalho hoje começa a encampar a idéia de que não pode haver nenhum curso de qualificação com menos de 200 horas, isso é muito positivo. Recentemente a gente esteve lá no ministério discutindo o trabalho doméstico cidadão, qualificação para trabalhadoras domésticas e esse foi um dos pontos, a gente nunca vai defender curso com menos de 200 horas de duração. Então, já é um avanço porque aqueles curso de 40 horas, de 60 horas, de 80 horas, os cursinhos Wallita que a gente chamava que naquela época a empresa Wallita dava cursinho de culinária (pra gente fazer docinho) que não qualifica e isso ocorre muitas vezes porque o trabalhador às vezes sai para esse curso, ele teoricamente acha que está qualificado e quando ele se depara com o ambiente de trabalho onde ele tem que botar pra fora aquela qualificação dele, ele não consegue e aí ele também se desestimula – eu fiz o curso agora não serve pra nada. Então muitas vezes você vai ouvir do trabalhador – qualificar pra que? Eu não vou ganhar mais com isso; e é uma realidade. Então, o fato dos cursos serem de pouca duração, não serem dialogados para ver as duas realidades tanto de trabalhador como de empregador como do poder local para o desenvolvimento local é um agravante que ele acaba sendo feito sobre a ótica do lucro e da empresa e isso tem que ser revisto com urgência. Essa questão também dos horários, é aquilo que eu falava antes, horário de qualificação normalmente é depois do horário de trabalho e aí as pessoas tem outras coisas, tem sua casa, tem seus filhos, tem sua vida, mora longe, não tem transporte, às vezes tem que se sujeitar a ficar longe da família, então como é que essa pessoa vai ter estímulo pra qualificar? () que ela seja feita no horário de expediente? Porque não vai ser só para o trabalhador, o retorno vai ser para o empregador também. Então essas são as questões que a gente vê que a qualificação hoje não atende: o custo; carga horária; o modelo, metodologia e as condições para a qualificação.

P: A programação do Senac de Belo Horizonte desses cursos técnicos para turismo a hospitalidade tem quatro opções de cursos com três horas de duração.

Lucilene: Sério, três horas?

P: Três horas. Alternativas alimentares, por exemplo, eles ensinam noções básicas de higiene na manipulação de alimentos ()

Lucilene: Você imagina ne? Três horas o que você aprende a manipular um alimento?

P: Lavar a mão.

Lucilene: Lavar a mão e talvez dizer que tem que lavar todos os alimentos por fora antes de descascar ou fazer qualquer coisa antes de por na geladeira. E é uma realidade e assim, gasta dinheiro público, que nem esses sistemas aí, vai dinheiro público, tem empregador, mas também tem dinheiro público, gasta o dinheiro público pra fazer () para colocar uma proposta dessa por que? Porque ela não é dialogada, ela não é pensada sobre uma forma inclusive sobre o desenvolvimento local que é uma demanda que a gente tem.

P: Falando um pouco mais de certificação, no Brasil () para qualificação profissional normalmente quais os instrumentos são utilizados () um emaranhado de leis, leis de educação, leis do trabalho, legislação específica do setor de turismo, aí no caso as normas da Abnt normalmente para sustentação dessa oferta que mecanismos tem sido utilizados?

Lucilene: Esse é m assunto bastante complexo, ele não é tão simples de ser colocado, por exemplo, uma lógica assim na geral, é que para você seguir as normas da Abnt, pra você ter acesso a elas, você tem inclusive que pagar, o que é um absurdo. O ministério do turismo, a Marta sendo a ministra, deu uma amenizada porque ela fez, se eu não me engano, uma portaria em que ela liberou sem custos para ter acesso as normas da Abnt para a certificação e aí entra um equívoco muito grande nessa parte onde hoje o governo, delegam para o Inmetro fazer essa certificação, uma coisa é você certificar máquina, equipamento, outra coisa é você certificar saberes, conhecimento, não dá para misturar essas coisas porque uma máquina não te responde, não pensa, não faz nada, aliás quem mexe nela é que tem isso. Então como é que quem olha se uma máquina está dentro do peso ideal, do tamanho, para certificar ou dar segurança, vai ter essa mesma capacidade de fazer esse debate com o ser humano. Então, pra mim, muito claramente, é

um equívoco dar certificação para o Inmetro, eu acho que teria que abrir um espaço de discussão, de construção mais aprimorada onde se discute qual é a metodologia da certificação porque se ela é por um modelo de competências, ela tem uma outra realidade, se ela é de um modelo de qualificar a partir do saber da construção, a partir da proposta da educação integral, (tem outro) e essa defesa que a gente faz, se nós queremos que garanta que um trabalhador seja certificado pelo saber que ele já tem, tem uma pessoa que é cozinheira há 40 anos, 30 que aprendeu da avó, da bisavó, vem de família para família fazendo prato, ela nunca fez um curso de qualificação no Senac de cozinha de três horas para ter um certificado, ela tem o saber dela, ela sabe qual a medida de sal, de água, quanto disso, quanto daquilo, esse saber que precisa ser valorizado, esse saber que precisa ser certificado para que se ela sair do emprego tal, ela com o seu saber, vá para outro emprego e seja valorizado. E hoje, infelizmente o único certificado que é reconhecido nacionalmente é o do sistema S, é do Senac, principalmente na parte do turismo. Então esse é um debate que eu acho que o governo deveria abrir espaços mais propícios para a discussão, deveria ter mais condições de mostrar onde estão as diferenças porque muitas vezes o que acontece abre o espaço e debate e aí você tem uma grande maioria a favor do modelo de competência e uma minoria contra e aí essa minoria é esmagada e não se consegue (pesar) uma dinâmica de conscientização de conseguir colocar lado a lado as propostas () diferentes porque tem uma pressão muito grande em cima disso (). Lógico que o capital sempre está visando o seu lado e não o lado do trabalhador, o lado da (). Então esse interesse de que saia a certificação pelo Inmetro, de que saia a certificação pelo modelo de competência, ele tem () do lado do empresariado que eles, diferente da gente, tem uma unidade muito forte (para ir pra cima disso) nós não temos essa unidade tão forte, estamos construindo, mas é muito desigual essa luta por isso que eu acho que não é fácil a gente garantir essa mudança, então você tem que continuar lutando, estar inserindo nossas propostas toda hora até que a gente consiga convencer. E acho que um grande caminho pra isso, se a gente não consegue derrubar isso nacionalmente, é justamente fazer esse debate nos locais, nas políticas públicas locais, a gente () o que nós queremos? Que ali pelo menos parece que é um pouco mais igual a discussão, que você tem uma paridade nos conselhos, você tem uma proposta de construção, só que a gente precisa o trabalhador, a trabalhadora, o movimento sindical, as organizações sociais precisam se apropriar desse espaço e precisa se apropriar com qualidade, não somente ser conselheiro por ser, ser conselheiro sabendo o que quer, o que defende e que propostas tem.

P: () pra campo a gente notou que existe uma série de (hotelerias) parâmetros para a formação profissional, além das normas da Abnt tem qualificação () mais genérico, lei de diretrizes e base de educação, o decreto () que regulamenta a () todas as boas intenções desses

Lucilene: Desses parâmetros mínimos para dar a certificação.

P: Por mais (pobre) que sejam as normas da Abnt, já tem algo a mais do que um curso de três horas, onde foram parar os parâmetros, a normatização, existe pressão sobre o Senac pra seguir esses instrumentos que deveriam regulamentar a oferta de formação profissional?

Lucilene: Na realidade é assim, é isso que eu comentava, a gente sabe que existe esses parâmetros e a gente procura se apropriar deles pra que quando nós (petista) desenvolvamos essa proposta da qualificação () escola de turismo e hospitalidade () como também da Escola Brasil Profissional, () se atentou a isso, a essa questão de garantir principalmente a defesa de um curso não menor do que 200 horas e também não um curso que seja fracionado – agora você vai fazer um curso de garçom, depois você vai fazer um curso de camareiro, você vai fazer um curso de preparo de alimentos, depois o outro de preparo de bebidas, vai somando, como se as pessoas fossem pedaços e a nossa proposta não, é juntar tudo isso num único curso. Ao invés de você dar trinta horas de garçom, 20 horas de camareira, ou isso ou aquilo, não você tenta trabalhar um conjunto e o ministério do trabalho tem desenvolvido isso na proposta () antes de (Lupi) tinha a proposta da discussão dos atos ocupacionais, que é a discussão da ocupação como um todo e não fragmentada, isso ajuda muito. Então, quer dizer, teve umas iniciativas que vinham caminhando pra esse lado, uma certificação fora do modelo de competência, então a proposta dos arcos ocupacionais que foi a proposta de caminhar um pouco nessa questão das normas da Abnt, de melhorá-las, de garantir que quem fosse certificar cumprisse as exigências mínimas, existia esse debate. Depois da saída de algumas pessoas que tinham esse pensamento do ministério exemplo do próprio companheiro (Americo) que era lá da Bahia e que estava no ministério do trabalho na certificação, começa a voltar esse debate, inclusive o debate que a CUT defendeu a

vida toda que é o Pnq – programa nacional de qualificação, que é o que nós defendemos, que é aquela mais ampla, mais dinâmica, com possibilidades de crescimento e agora o ministério vem com outra linha, via força sindical, via Lupi de trazer de volta o plano (forte) que é o plano nacional de informação diferente do geral que é a qualificação () integrada fazendo esse trabalho. Então, realmente tem essa dificuldade porque na nossa visão essa proposta da certificação com o reconhecer do saber, com a proposta da educação integral, ela tem que ser uma política de estado, não uma política de governo porque a partir do momento que mexe com alguém ou uma pessoa base, chave do local, isso vai tudo por água abaixo. Se é uma política de estado não, ela tem que ser seguida, ela tem que ser cobrada seja no município, seja na cidade, seja no estado ou nacionalmente, se ela se tornar uma política de estado, ela tem mais propriedade de você cobrar – não, isso aqui é uma proposta do estado, está aqui, tem que ser seguida. Você poderia com muita propriedade chegar lá no Senac e falar, onde está a lei clara de questionar um curso desse, como é que vai, qual seria o caminho hoje? Era um conselheiro do Senac pegar isso aqui () e fazer uma denúncia. Os parâmetros mínimos para a qualificação, como é que dão um curso de 3 horas? Então é denúncia. Agora, quando é política de governo você sabe que existe essa lógica e aí cada um puxa a brasa pro seu assado. Então, como tem uma pressão forte do empresariado (), aí eles querem mostrar que eles estão agindo com a responsabilidade social deles, virou moda dizer que você é responsável socialmente, responsabilidade social das empresas virou moda agora, só falta colocar um selinho de socialmente responsável para dar um curso de três horas. Então é uma divergência muito grande, muito forte e que a gente precisa ver qual é o mecanismo mais forte para ter esse momento já que essa condição mínima não está sendo garantida. Mas é essa lógica também, você não pode fazer essa denúncia sem está acontecendo, está acontecendo aonde, como? Aqui, essa pesquisa nos ajuda, por isso a importância, que até quero dialogar depois com os companheiros das escolas, outro dia eu estava pensando, puxa nunca essa pesquisa vão deixar nisso, acho que a nossa proposta vai ter que ser dialogada com a CUT nacional, chamar uma audiência pública, construir com algum deputado, senador, jogar isso para a sociedade brasileira, fazer nos estados onde a gente desenvolveu isso e mostrar como é que está isso, qual a relação, o que a sociedade tem a ver com isso? Então essa pesquisa ela vem com muita força, vai sair as publicações depois, com as análises com os pontos de vista que vai contribuir para fazer esse debate posterior, que qualificação profissional que a gente quer? Não sei se respondi.

P: Eu achei interessante porque nessas entrevistas todas que eu fiz, todas elas eu perguntei o que achavam sobre itinerário formativo e nenhuma delas sabia o que era itinerário formativo...

Lucilene: É porque e uma lógica que voce, o itinerário formativo é uma coisa (cultural) o que tem a ver com o que está aqui dentro? Por exemplo, quando vocês colocaram as perguntas, vocês desafiaram a colocar, foi um processo de construção sobre vários olhares. Essa proposta de processo normativo itinerante formativo porque é construir a variação de vários olhares e daqui a pouco o Antonio tem um olhar e a (Cut) tem outro, então nós precisamos botar aqui na mesa () porque são importantes vão nos dar outros (pareceres). Então essa lógica que você tem que ter muito claro o que você quer e o que você quer atingir e a formação é isso, a qualificação é isso, o que você quer com essa qualificação? E aí fica muito claro o que eles querem, (querem) o trabalhador alienado, eles não querem um trabalhador consciente de qual propriedade que ele vai ter, de qual valor agregado quando ele fizer um curso que o qualifique mesmo, que ele saia com uma consciência crítica de contribuir, de exigir seus direitos, garantir que o seu local de trabalho seja (digno). É muito claro o que ele quer, o trabalhador diga – eu tenho curso no Senac; mas que não sabe o que isso significa pra vida dele. Então nós, temos que ter claro o que nós queremos e a nossa proposta de educação, a nossa proposta de qualificação não é essa, por isso que a gente tem tentado, com o pouco fôlego que a gente tem, permear, (espernear) mostrar que não é isso. Quando a gente negociar esse curso do turismo, quando a gente chegou lá o pessoal falou – tem x recursos; está bom, o que nós podemos fazer com esse x recurso? Vamos pensar alguma coisa. Normalmente quando é para trabalhador eles vão cortando, vão passando a tesourinha, vão tirando cada vez mais e você tem que ir adequando, mexe na área técnica, tira lanche, pede lá para o público local o lanche, transporte para poder dar conta, para garantir uma aula técnica de qualidade, com conteúdo. Não é fácil não, tem que espernear. De qualquer forma estou à disposição.

CD=51:50

P/roteiro

Entrevista – Marcos Antonio Ferreira dos Santos -SINTHOTESB trab

P: Como voce descreve a economia aqui de Porto Seguro?

R: Está parada. Não tem emprego suficiente para a demanda da região.

P: O que espera do Turismo em PS

R: Geração de emprego.

E não tem correspondido a isso

P: Mão de obra compatível com número de empregos?

R: Temos uma oferta considerável de mão de obra,

() não é suficiente para toda a demanda

aproximadamente 140 mil habitantes, e como o turismo é a principal geração de emprego, acredito que tenha uma média de 80 mil trabalhadores aqui.

P: emprego não tem aumentado na mesma proporção?

Tem muitos hotéis

P: uma coisa que a gente viu em Florianópolis (), é comum trabalhadores cargos de menor remuneração, e cargos de gerencia trabalhadores de fora. É comum aqui?

R: Em alguns () sim, tem hotéis os maiores pegam de fora.

P: que tipo turismo lazer, negocio

R: só de lazer. As vezes acontece também congresso no centro cultural, mas são poucos.

Acredito que se diversificasse traria mais pessoas, que poderiam ficar mais tempo.

P: quais são as potencialidades da região do turismo

R: a natureza, praia, tem a questão da história do Brasil,

As pessoas quando vem para cá talvez elas não pensem () História do Brasil porque os níveis (),

P: oferta do serviço, estrutura dos hotéis restaurante atende a necessidade

R: atende.

P: equipamentos da cidade

R: na questão dos meios, avaliação é boa, na questão do transporte fica a desejar.

Quanto a estrutura da cidade tem que haver mais investimentos

P: asfalto das ruas da cidade e da população local

R: existe muita diferença, a questão da segurança, da infra-estrutura, saneamento é tudo diferente.

Ônibus: comparando com outra cidade está 1.80, a demora para pegar o ônibus pode chegar de 1 a 3 horas.

P: houve mudança nos últimos anos: vagas, perfil do trabalhador escolaridade, sexo () ocorreu alguma mudança?

R: Eu acho que ocorreu sim, porque até pouco tempo tinha () o trabalhador ficava disponível, () em consequência veio a oferta

Escolaridade: acredito que sim, muitos órgãos tem investido nesse sentido, talvez não para atender o mercado como o mercado gostaria, mas existe muitos trabalhadores se preparando.

Mulheres contratadas: é diferente porque hoje nós temos mais leitos, a demanda cresceu bastante, mulheres empregadas tem bastante, a demanda é maior. Mas em relação ao salário, o salário diminuiu.

Piso salarial é uma dificuldade, um desafio. Salário mínimo

P: quais principais dificuldades que os trabalhadores enfrentam?

R: eu acho que envolvi a dois fatores: formação e reconhecimento. Hoje o nível, o perfil do trabalhador do setor está se qualificando,

Seguimento: dentro da hotelaria a parte de funções mais simples

P: perfil do trabalhador, carteira assinada

R: carteira assinada, em bares as pessoas trabalham como diarista

P: Trabalhadores mais homens, mais mulheres

Eu acho que é equilibrado tanto homens quanto mulheres. Acho que tem mais homens em todos os segmentos.

P: faixa etária dos trabalhadores

R: mais jovens, varia de 20 a 30 anos no máximo

P: Jornada de trabalho

R: a jornada é de 8 horas, 7 horas e 20 trabalhada e mais uma hora, as vezes um pouco mais, 9 horas

Hora extra ()

Remuneração; salário mínimo.

P: relação sindicato

R: muito boa a participação, e nas assembleias, a relação é muito boa, temos um sindicato, () a tendência é aumentar

Somos aproximadamente em mil sócios

Data : 24 meses

Trabalho: - 6 dias da semana com uma folga.

P: escolaridade do trabalhador

R: a maioria não tem segundo grau

Em todos os seguimentos inclusive hoteleiros.

P: qualificação profissional, cursos

R: nós temos convênios, (), temos o Sefet, uma outra empresa privada, temos o Senac, Tecnologia e informação faz parte.

P: avaliação cursos qualificação

R: eu acredito que talvez não esteja atendendo. O ideal é que tivesse os cursos (do estado).

P: quem faz os cursos é quem já está no mercado ou tentando entrar

P: na verdade quando abre a vaga é priorizado para quem está fazendo o curso.

P: Tem Cefet, Senac, Escola Brasil, qual está mais próxima do que vocês precisam?

R: eu acho que o Senac e Escola Brasil. O Cefet tem certos horários que o trabalhador não consegue fazer o curso até o fim.

Os outros dá para conciliar

Escola Brasil é voltado mais para o trabalhador, é mais aprofundado. O Senac é mais

Cefet dura 2 anos

P: formação cultural

R: Na Escola Brasil talvez eles não tem trabalhado.

P: Conteúdo desses cursos são adequados para o trabalhador

R: () para muitas áreas. Curso de informática é importante

P: consulta para montar os cursos

R: Existe os seminários para trabalhar essa questão

P: pessoas que não estavam no mercado que fizeram

R: acho que sim quem está fora do mercado não tem qualificação, () não tenho experiência mas fiz o curso, aprendi

P: oferta de qualificação em PS

R: quantidade de ensino não consegue atender a toda demanda

P: falta investimento na estrutura dos cursos

Não atendem. () feito um convênio com o Cefet

Senac ele tem uma estrutura para o curso.

Escola Brasil é diferente, já não tem, deveria ser melhor

Não tem estágio. Só faz o curso

Infra-estrutura do Cefet é boa

Cefet tem há um ano

Senac é mais antigo

P: cursos serem divididos por idade, tipo de turma empregado, desempregado.

R: deveria estabelecer uma determinada porcentagem, por exemplo curso para quem está empregado e outra para quem não está empregado.

P: Como se dá isso?

R: o trabalhador ele gosta de fazer curso

P: o que o trabalhador procura nesses cursos?

R:

P: A metodologia não é o principal fator para essa escolha?

R: não. Não é.

P: deficiência capacitação profissional, quem você acha que deveria investir nisso

R: acho que deveria haver parceria tanto da iniciativa privada quanto governamental e dos próprios trabalhadores. De qualquer forma () ganham com isso, não é só o empresariado

P: o que o curso pode trazer de positivo para o trabalhador?

R: o bom atendimento e também a chance dele estar preparado.

P: parceria () elaboração normas técnicas. Você tem conhecimento dessas normas?

R: Com relação a norma eu ouvi falar sim, não é cobrado.

P: qual é a sua opinião para estabelecer uma norma, o que o trabalhador precisa fazer para ser reconhecido como trabalhador.

R: () parceria. Se ele é garçom, com a dificuldade de emprego ai encontrar uma outra vaga, e pelo fato da remuneração não correspondido. Mas eu acho que seria uma boa idéia.

P:

R: Quem tem participado desse movimento é a secretaria de turismo

P: Escola Brasil existe um seminário ofertar cursos

R: preparatório antes de iniciar a função determinada. Na verdade quando eles fazem o seminário eu acredito que já tenham uma idéia a ser colocada.

P: Só na Escola Brasil?

R: Só na Escola Brasil

Só na Escola Brasil

P: E o Senac?

R: O Senac (), como o Cefet, uma parceria eles mandam uma relação dos cursos que tem disponível para quem tem interesse em fazer.

P: certificado é cobrado

R: que eu saiba não é cobrado.

P: Gerar informativo, curso de 2 anos dividir em 4 módulos por exemplo eletricista, ele cumpre 6 meses e recebe certificados para técnico para instalação elétrica ()...em 2 anos ele tem 3 certificados e se quiser parar ().

R: não. O curso é 6 meses, até 2 anos.

P: A pessoa paga nos 6 primeiros meses e perde

Teria que consultar, mas eu acho que

P: seria interessante?

R: seria sim. Poderia garçom para chegar a mestre

P: nesse caso o cara pode entrar no último mês e fazer só esse módulo?

R: Não.

P: mas ele teria que passar por uma avaliação no começo.

P: É isso. Estou satisfeita.